



ESPIRITISMO:
O PENSAMENTO ATUAL DA CEPA





ESPIRITISMO:
O PENSAMENTO ATUAL DA CEPA

Autores

Carlos de Brito Imbassahy
Dante López
Jaci Regis
Jon Aizpurua
José Joaquim Fonseca Marchisio
Luiz Signates
Nícia Cunha
Maurice Herbert Jones
Milton Medran Moreira
Reinaldo Di Lucia
Salomão Jacob Benchaya (org.)
Wilson Garcia



Primavera
2 0 0 2

? Primavera 2002, **Imprensa Livre Editora**

Direitos de edição da obra em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela **Imprensa Livre Editora**. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sob qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem permissão do detentor do copirraite.

Imprensa Livre Editora e Livraria

Rua Coronel Vicente, 570 - Centro - 90030-040
Porto Alegre - RS - Brasil
Fones 51 3212.6981 e 3286.1566
e-mail:implivre@terra.com.br e ils3@terra.com.br

Coordenação Editorial

Imprensa Livre Editora

Catálogo

Claudia Plá Nogueira

Capa

Maurice Herbert Jones

Diagramação/Revisão

Salomão Jacob Benchaya

Todo o produto desta obra destina-se à sustentação das atividades da CEPA – Confederação Espírita Pan-Americana.

Centro Cultural Espírita de Porto Alegre CCEPA

Rua Botafogo, 678 – Porto Alegre – RS – Brasil – CEP 90150-050
Fone/fax: (51) 3231 6295
E-mail: ccepa@via-rs.net e cepanamerica@via-rs.net

Depósito Legal na Biblioteca Nacional
conforme Decreto nº 1.825, de 20 de novembro de 1907.
CATALOGAÇÃO NA FONTE DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

E77 Espiritismo : O Pensamento Atual da CEPA /
 Carlos de Brito Imbassahy ... [et al.].
 Porto Alegre : Imprensa Livre Editora, 2002.

1 Espiritismo. 1 Título

CDU 133.9

SUMÁRIO

1. Autores	9
2. Apresentação	13
3. O que é a CEPA	15
4. Memoria de la CEPA	25
<i>Dante López</i>	
5. A Vigência da CEPA	31
<i>Jon Aizpurua</i>	
6. La Vigência de Kardec no esta en Discusion	35
<i>Jon Aizpurua</i>	
7. A CEPA no Brasil	39
<i>Jon Aizpurua</i>	
8. O importante papel da CEPA no Brasil	45
<i>Milton Medran Moreira</i>	
9. A CEPA e o futuro do Espiritismo	49
<i>Reinaldo Di Lucia</i>	
10. Alguns esclarecimentos	51
<i>Salomão Jacob Benchaya</i>	
11. Você precisa conhecer a CEPA	53
<i>Salomão Jacob Benchaya</i>	
12. Deve o Espiritismo Atualizar-se?	55
<i>Salomão Jacob Benchaya</i>	
13. Os Espíritos e a Atualização	61
<i>Salomão Jacob Benchaya</i>	
14. Os espíritos superiores e a atualização doutrinária	63
<i>Milton Medran Moreira</i>	
15. O velho de Kafka	65
<i>Maurice Herbert Jones</i>	
16. A dificuldade de aceitar o novo	67
<i>Jaci Regis</i>	
17. A imobilidade e a ética no Espiritismo	77
<i>Wilson Garcia</i>	
18. A CEPA e o Laicismo	79
<i>Jon Aizpurua</i>	
19. Laicismo e materialismo	81
<i>Milton Medran Moreira</i>	
20. A CEPA e o Evangelho	83
<i>Milton Medran Moreira</i>	

21. Evangelhos, Evangelizar e Evangelizador	89
<i>Carlos de Brito Imbassahy</i>	
22. Consolador Prometido	91
<i>Milton Medran Moreira</i>	
23. Consolador ou Síntese	95
<i>Milton Medran Moreira</i>	
24. Escola ou Igreja?	97
<i>Maurice Herbert Jones</i>	
25. O que fizemos do Laço?	101
<i>Milton Medran Moreira</i>	
26. Nós não é o plural de eu	103
<i>Luiz Signates</i>	
27. Jesus de Nazaré	105
<i>Milton Medran Moreira</i>	
28. A Filosofia de Jesus é uma coisa.	
O Cristianismo é outra	107
<i>Nícia Cunha</i>	
29. Espiritismo Cristão	111
<i>Milton Medran Moreira</i>	
30. CEPA – mitos e verdades	115
<i>Jon Aizpurua</i>	
31. CEPA – o grande exemplo.....	119
<i>José Joaquim Fonseca Marchisio</i>	
32. Dogmatismo, Imobilismo e Ausência de Fraternidade	121
<i>Nícia Cunha</i>	
33. O discurso da ambigüidade ou a defesa	
da interpretação	125
<i>Wilson Garcia</i>	
34. Conselho Executivo da CEPA	131

AUTORES



Carlos de Brito Imbassahy é engenheiro, escritor espírita fluminense, articulista da imprensa espírita internacional, delegado da CEPA em Niterói-RJ. Físico com licenciatura plena pela então Faculdade de Filosofia (UFF), Eng. Civil pela Escola de Engenharia da UFF com extensão em Engenharia Econômica e Administrativa e Engenharia Rodoviária, curso de Composição pela então Escola Nacional de Música da UB, com outros cursos de nível superior. Foi professor de Física do Ensino médio, professor da Escola de Engenharia da UFF, do Protec (Programa Técnico de Extensão Universitária), professor de Mecânica Quântica e Professor de Parafísica na Escuela de Parapsicología de Caracas-Ve. Exerceu cargos de direção em funções públicas do RJ, como engenheiro, foi jornalista profissional, trabalhando no Diário do Comércio do RJ, quando, então, cursou Jornalismo pela Faculdade de Filosofia. Participou de vários programas de TV, como titular e escreveu inúmeros livros publicados por diversas editoras, sendo a maioria de obras espíritas.



Dante López é empresário argentino, membro e diretor de atividades mediúnicas da Sociedade “Espiritismo Verdadero”, de Rafaela-AR, atual vice-presidente do CREAM-Conselho de Relações Espírita Argentino e 1º vice-presidente da CEPA, ex-dirigente Juvenil Espírita do CREAM, ex-presidente do Grupamento Juvenil “Joaquín Soriano”, de Rafaela-AR, ex-presidente do CREAM, Presidente Da Comissão Organizadora do XVII Congresso da CEPA, em Buenos Aires, em 1996.



Jaci Regis é Psicólogo Clínico, presidente do Instituto Cultural Kardecista, de Santos, fundador e diretor do Jornal Abertura, presidente do Conselho Administrativo do Lar Veneranda, escritor, autor dos livros “A Mulher na Dimensão Espírita” (co-autoria), “Amor, Casamento e Família”, “Comportamento Espírita”, “Uma Nova Visão do Homem e do Mundo”, “Caminhos da Liberdade”, “Muralhas do Passado”, Introdução à Doutrina Kardecista” e “A Delicada Questão do Sexo e do Amor”; idealizador do

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

movimento de “espiritização” e líder do denominado Grupo de Santos que defende o laicismo e o humanismo do Espiritismo e que propiciou as condições facilitadoras do retorno da CEPA ao Brasil.



Jon Aizpurua é Psicólogo Clínico, economista, professor universitário, foi Diretor Municipal de Ecologia da Prefeitura de Caracas, fundador e primeiro Diretor da Escola de Parapsicologia da Universidade da Terceira Idade, de Caracas, membro da Associação de Escritores da Venezuela e da Federação de Associação de Escritores da Venezuela, membro da Parapsychological Association e da Associação Iberoamericana de Parapsicologia; articulista da imprensa internacional, entrevistado de centenas de programas de rádio e TV, dirige e apresenta o programa de rádio “Valores do Espírito”, em Caracas; Presidente Internacional do Movimento CIMA, da Venezuela, fundador da Revista Evolução presidiu a CEPA-Confederação Espírita Pan-Americana de 1993 a 2000, período em que esta ganhou notável expansão; conferencista, autor dos livros Fundamentos do Espiritismo, História da Parapsicologia, O Espiritismo e a Criação Poética, O Pensamento Vivo de Porteiro, Espiritismo, Magnetismo e Hipnosis, Tratado de Espiritismo, .



José Joaquim Fonseca Marchisio é economista, técnico da Fundação Companhia Estadual de Energia Elétrica do RGS, delegado da CEPA em Porto Alegre, presidente do Núcleo Espírita Fraternidade, membro do Conselho Deliberativo do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), foi Diretor de Finanças da Federação Espírita do Rio Grande do Sul.



Luiz Signates é jornalista e professor da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Especialista em Políticas Públicas de Comunicação pela UFG e mestre em Comunicações pela UNB, doutor em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; é um dos fundadores da Fundação Espírita de Pesquisas Científicas - FEPESCI e do Instituto de Comunicação Social Espírita - ICONE; ex-vice-presidente de Comunicação Social da Federação Espírita do Estado de Goiás, atualmente Diretor da Área de Comunicação Social da ABRADE.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA



Maurice Herbert Jones é funcionário aposentado da Companhia Estadual de Energia Elétrica do Estado do Rio Grande do Sul, onde atuou na área de recursos humanos; assessor da presidência da CEPA, ex-presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e um dos criadores da Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, lançada em 1978; ex-presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre do qual é, agora, vice-presidente e um dos diretores; conferencista e articulista espírita.



Milton Rubens Medran Moreira é advogado e jornalista, articulista dos jornais “Zero Hora”, “Diário Gaúcho” e “Correio do Povo”, de Porto Alegre; foi radialista, promotor de justiça no Estado do Rio Grande do Sul, professor de direito processual, radialista; autor do livro de crônicas “Se todos fossem iguais...”, traduzido também para o espanhol; co-autor do livro “A CEPA e a Atualização do Espiritismo”, editado pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre; atual Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), da qual foi 2º vice-presidente de 1996 a 2000, foi Secretário e Diretor de Difusão da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, no período de 1983 a 1988, quando dirigiu a revista “A Reencarnação”; diretor de Comunicação Social do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) e editor do jornal OPINIÃO e do encarte AMÉRICA ESPÍRITA; articulista do jornal Abertura, de Santos, SP; conferencista espírita, já tendo proferido conferências em cidades do Brasil, Argentina, Venezuela, Portugal e Colômbia.



Nícia Cunha é administradora e empresária do ramo de transportes, delegada da CEPA em Cuiabá, articulista dos jornais OPINIÃO e ABERTURA.



Reinaldo Di Lucia é engenheiro químico, especialista em gestão da qualidade, delegado da CEPA em Santos-SP, membro do CPDoc-Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, presidente e atual diretor de pesquisas do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos-SP; articulista e conferencista espírita.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA



Salomão Jacob Benchaya é economista, bancário aposentado, atualmente micro-empresário de transporte e líder sindical; foi vice-presidente da União Espírita Paraense, diretor doutrinário do Grupo Espírita “Vinha de Luz” e líder no movimento de infância e juventude espírita, em Belém-PA; mudando-se para Porto Alegre, em 1974, foi presidente da então Sociedade Espírita Luz e Caridade (atual CCEPA), presidente da União Distrital Espírita-Sul, da FERGS, foi Diretor do Departamento Doutrinário e presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul onde coordenou a montagem e o lançamento, em 1978, da Campanha de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, autor do Projeto: Kardequizar (1984) e presidente da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-americano; organizador do livro “A CEPA e a Atualização do Espiritismo”. Atualmente, é diretor de Eventos Culturais do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre e Secretário Administrativo da CEPA.



Wilson Garcia é jornalista, publicitário, editor, com pós-graduação em Comunicação Social, mestrando em Comunicação e Mercado. Foi diretor na Federação Espírita de São Paulo (FEESP), na União das Sociedades Espíritas de São Paulo (USE), editor dos jornais Correio Fraternal do ABC, Semeador (FEESP), Dirigente Espírita e outros. É escritor e tradutor, com vários livros publicados.

APRESENTAÇÃO

A Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA) esteve praticamente ausente do Brasil por quase 50 anos. A reativação de suas atividades em terras brasileiras ocorre a partir de meados da década de 90, na gestão do psicólogo e professor universitário venezuelano Jon Aizpurua, durante a qual se realizou, em Porto Alegre-RS, em outubro/2000, o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano. A partir desse evento, a sede da CEPA, que se encontrava na Venezuela, transfere-se para o Brasil com a posse do novo presidente, o advogado e jornalista gaúcho Milton Rubens Medran Moreira, sob cuja gestão amplia-se o processo de consolidação da CEPA em nosso País, destacando-se a realização, em São Paulo, em novembro/2002, da XIV Conferência Regional Espírita Pan-Americana.

Este livro contém artigos, em sua maioria já publicados na imprensa espírita, todos, entretanto, oferecendo esclarecimentos sobre o que é a CEPA, seus objetivos, sua natureza, sua história, sua organização e, sobretudo, o que pensa, como instituição, acerca de alguns temas doutrinários e da organização do movimento espírita.

O quase total desconhecimento do público brasileiro a respeito dessa instituição internacional, fundada em 1946, na Argentina, e a oposição promovida por alguns segmentos da comunidade espírita, justificam a iniciativa deste lançamento para maior clarificação dos propósitos dessa histórica e representativa instituição.

Dois dos trabalhos foram mantidos no idioma de seus autores numa homenagem prestada aos confrades de língua espanhola que fundaram a CEPA e mantiveram acesa a chama de seus ideais ao longo dessas décadas de existência.

Todos os artigos são assinados por dirigentes e delegados da CEPA ou membros de instituições a esta vinculadas.

Por fim, busca esta publicação estabelecer liames de respeito e fraternidade com todos os setores do movimento espírita, condições imprescindíveis para uma convivência calcada na mensagem de Jesus: “Sereis conhecidos por muito vos amardes”.

Porto Alegre-RS, Brasil, novembro de 2002.

Salomão Jacob Benchaya - organizador



O QUE É A CEPA

A CEPA – Confederação Espírita Pan-americana é uma instituição de caráter federativo e associativo, integrada por entidades espíritas de diversos países, organizadas legalmente. Sua fundação ocorreu no dia 5 de outubro de 1946, durante o primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade de Buenos Aires, Argentina, por iniciativa de um grupo de líderes espíritas daquele País. Representa um amplo setor do Movimento Espírita organizado no continente americano e que, hoje, já conta também com instituições adesas em países europeus e da Oceania.

A CEPA tem por objetivos:

- ? Difundir o ESPIRITISMO, segundo o pensamento de Allan Kardec, seu fundador;
- ? Promover, estimular e acompanhar esforços no sentido da atualização permanente do ESPIRITISMO;
- ? Incentivar, promover e organizar eventos relacionados com seus objetivos;
- ? Apoiar iniciativas, identificadas com o pensamento espírita, que visem o progresso e a paz;
- ? Realizar congressos e outros eventos, na forma estabelecida por seu Estatuto.

A CEPA adota por princípios:

- ? A definição de Espiritismo como “ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” e como filosofia espiritualista de conseqüências morais;
- ? A sintetização da doutrina espírita nos seguintes principais fundamentos: a) Existência de Deus; b) Preexistência e imortalidade do Espírito; c) Pluralidade das existências e dos mundos habitados; d) Comunicabilidade dos espíritos; e) Lei de Evolução; f) Lei de causa e efeito;
- ? O aprimoramento moral da Humanidade como objetivo maior do Espiritismo;
- ? A fundamentação de sua linha de trabalho no pensamento genuinamente kardecista;
- ? A visão laica, livre-pensadora, humanista, dinâmica, progressista e pluralista do Espiritismo;
- ? A valorização do conhecimento como meio de libertação e crescimento.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

A CEPA é hoje uma realidade geográfica, humana e espiritual de indiscutível presença e solidez. Ao redor dela milhares de espíritas se agrupam e trabalham sinergicamente pelos ideais magistralmente codificados por Allan Kardec. No entanto não se deve avaliar o êxito da CEPA a partir de seus avanços organizacionais ou administrativos. Mais que o quantitativo é a dimensão da qualidade que será sempre o que desejamos reivindicar. Não é nas quotas de poder conquistadas, ou no desenvolvimento burocrático, que se demonstra o êxito de uma instituição espírita, mas sim em seu perfil ideológico, em sua capacidade para ser fiel ao projeto kardecista e avançar com as ferramentas que oferece, em sintonia com o progresso da humanidade.

O sucesso da CEPA está, pois, em suas idéias, em seus princípios, em seu dinamismo, em sua permeabilidade, na mudança e na renovação, em seu interesse pela atualização cultural e científica, em sua proposta humanística em favor da superação moral, intelectual e espiritual das pessoas. A CEPA mantém-se atual porque é, antes de tudo, uma idéia, um projeto, uma voz, uma referência, um caminho.

A força e a importância da CEPA não estão em sua expressão numérica nem em sua estrutura organizacional, mas na qualidade de suas propostas, na identificação de suas idéias com o Espiritismo fundado por Allan Kardec, na sua abertura ao progresso e à liberdade que confere aos elementos que a integram ou que com ela simpatizam.

Origens da CEPA - o contexto histórico

A Confederação Espírita Pan-americana, CEPA, surgiu na América num momento muito importante, em razão dos acontecimentos sociais e políticos da Europa e da própria América.

1. A realização do Congresso Espírita Internacional, em setembro de 1934 em Barcelona, Espanha, ao qual compareceram, representando a Argentina, Humberto Mariotti e Manuel S. Porteiro.
2. A deflagração da segunda guerra mundial, em 1939, que afetou as atividades do Espiritismo na França, Espanha e em todos os países da Europa.
3. A derrocada da cultura européia, que estava sendo sepultada sob os escombros de seus próprios erros. A liberdade, o maior de todos os direitos, era impedida de ser exercitada.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

4. O desaparecimento, como instituição organizada, da Confederação Espírita Internacional, com sede em Paris, que veio acentuar a necessidade de contar com um órgão central que reunisse todos os espíritas da América.
5. A idéia da Confederação Espírita Argentina, que acreditava ser um dever dos espíritas americanos criar uma Confederação Espírita da América, para mobilizar o pensamento espírita na formação de sua própria cultura.
6. A necessidade de suprir o vazio deixado pela falta de literatura espírita espanhola, pois antes a Espanha fornecia normalmente revistas, livros e material doutrinário às instituições e comunidades espíritas do outro lado do Atlântico.

O congresso da fundação

Em 5 de outubro de 1946, coincidindo com a semana de celebração do Descobrimento da América, realizou-se em Buenos Aires, Argentina, o I Congresso Espírita Pan-americano, depois de grandes esforços dos seus organizadores. Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Equador, Estados Unidos, Honduras, México, Porto Rico e Uruguai fizeram-se representar brilhantemente. Dois brasileiros participaram da mesa diretiva, o Dr. Paulo Hecker e o coronel Pedro Delfino Ferreira, tendo este último sido eleito presidente do Congresso. O Sr. Hugo Lino Nale e o Engº José S. Fernandez representaram a Confederação Espírita Argentina e a Sociedade “Constância” de Buenos Aires.

O Congresso tomou a decisão de fundar a Confederação Espírita Pan-americana, cujo símbolo deveria ser o “ramo da videira”, escolhido por Kardec para identificar o Espiritismo. Tem portanto a CEPA um duplo significado em sua sigla, e assim iniciou sua marcha rumo aos objetivos desejáveis, rumo ao progresso das idéias espíritas na América.

A convicção do grupo de espíritas da Argentina e do Brasil promoveu a adoção de um Estatuto que estabelece um programa mínimo de objetivos comuns. Prevaleceu, além das posições doutrinárias e filosóficas, a necessidade de colocar o novo órgão, a CEPA, a serviço da tarefa de união.

A CEPA iniciou sua caminhada através da promoção e da integração do Espiritismo Latino-americano, adquirindo a flexibilidade intelectual e a capacidade moral de superação das diferenças circunstanciais de

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

interpretação, ações e enfoques regionais, em favor de uma posição pluralista e universal.

A trajetória da CEPA

A então nascente Confederação Espírita Pan-americana, através de seus estatutos, inspirados nas conclusões do Congresso de Barcelona, estabeleceu que os seus Congressos seriam realizados de três em três anos, quando estariam voltados para:

- ? Apreciação de todas as ações desenvolvidas durante o período da gestão anterior.
- ? Exame das questões relacionadas com o corpo da Doutrina Espírita, e à organização do Movimento Espírita.
- ? Revisão dos estatutos, quando se fizer necessário.

Seria assim que a CEPA, com propósitos firmes e com a tarefa de unificação, promoção e integração do Espiritismo americano, iria prosseguir sua trajetória.

Três anos mais tarde, em outubro de 1949, realizou-se no Rio de Janeiro, na antiga sede da Liga Espírita do Brasil, o II Congresso Espírita Pan-americano. Este Congresso formulou conclusões interessantes, que em grande parte reafirmaram as estabelecidas em Buenos Aires no ano de 1946. Foram ainda reafirmados a posição reencarnacionista, genuína interpretação espírita, os aspectos filosóficos, científicos e os relacionados com a Educação Espírita, sendo reconhecida a necessidade de realização de cursos regulares de Espiritismo como base para a difusão da obra de Kardec na América.

Em 1953 a CEPA reuniu-se em Havana, Cuba, para celebrar seu III Congresso Pan-americano, que apresentou influências renovadoras, introduzindo mudanças, firmando conceitos e dando destaque particular ao aspecto científico da Doutrina. Entre outros assuntos ocupou-se de questões da parte organizacional, chamando a atenção para a assistência social, a situação jurídica e social da mulher, o amparo e a orientação às crianças, sugerindo a criação de escolas dominicais anexas aos Centros Espíritas.

Em San Juan, Porto Rico, em outubro de 1957, reuniu-se o IV Congresso Espírita Pan-americano. Nesse Congresso eclodiram posições divergentes das anteriores, predominando uma forte corrente com tendência de revisar tudo o que fora deliberado pelos Congressos anteriores, mantendo

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

embora o mesmo pensamento sobre os aspectos básicos da Doutrina. Passou a presidir a Confederação nos anos seguintes, a lutadora sra. Guilhermina Masanett de Fermainnt, que com moderação, tato, prudência no trato com seus colaboradores espíritas porto-riquenhos, conduziu a CEPA de maneira brilhante, alcançando êxito nas conciliações.

O V Congresso da CEPA, reunido na cidade do México em 1960, procurou computar o ocorrido durante os Congressos anteriores e consolidar a Confederação Espírita Pan-americana, para que esta pudesse continuar sua projeção continental. Os estatutos sofreram uma reforma substancial e foi aprovado um conjunto de dez pontos sobre os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, destacando-se dessa vez os caracteres filosóficos do Espiritismo em outras sete proposições. O texto com as conclusões desse Congresso veio dar solução a algumas divergências surgidas, superando a situação através de uma postura intermediária, satisfazendo todas as partes interessadas.

Os países ali representados demonstraram seu agrado pelo amadurecimento e o respeito que a organização demonstrou em suas resoluções. Abriu-se, portanto, uma etapa muito promissora para a consolidação do Movimento Espírita Americano.

Nova etapa de trabalho

Reunido em Buenos Aires, em 1963, o VI Congresso ratificou todas as resoluções tomadas no México, relembando o panorama do Espiritismo na América, com todos os seus matizes interpretativos que lhe são característicos, que se manifestam em liberdade e harmonia dentro de um marco de tolerância e de integração fraternal. Este Congresso representou um acontecimento muito importante, a volta da CEPA ao país e à cidade que a viram nascer.

Foi uma primeira etapa de trabalho cumprida exitosamente, garantindo a realização dos Congressos em distintas capitais da América, com participação e apoio de instituições e pessoas das mais distintas tendências, dentro do mosaico espírita do continente americano. Essa etapa serviu também para que muitas personalidades espíritas de vários países americanos pudessem se identificar com os ideais da CEPA, e contribuir com seu esforço cultural e idealista. A Argentina recebeu em sua capital numerosas personalidades e delegações espíritas que participaram do Congresso com entusiasmo.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Nas décadas seguintes Noraldino de Mello Castro e Divaldo Pereira Franco, do Brasil, incorporam-se à Confederação, com toda sua bagagem de entusiasmo e convicção espírita, e, do México, também participa ativamente, dando um impulso nos trabalhos da CEPA, José Alvarez e Gasca. Como resultado de 17 anos de trabalho, adquirem relevo as relações da CEPA com instituições e associações espíritas do continente, destacando-se a Liga Espírita do Brasil e o Instituto de Cultura Espírita do Rio de Janeiro, a Confederação Espírita de Cuba e suas Federações Provinciais, a Federação Espírita de Porto Rico, e a Central Espírita Mexicana. O número de adesões de instituições espíritas e de pessoas do Brasil, Paraguai, Peru, Bolívia, além de extraordinária participação argentina através da Confederação Espírita Argentina (CEA), cresce consideravelmente, consolidando-se desse modo a constituição de instituições espíritas em países onde anteriormente não existiam, e se renovam as em que o impulso da CEPA lhes confere vida.

Inovações na trajetória

Depois do Congresso de Buenos Aires passam a realizar-se entre um e outro Congresso as Conferências Regionais, a primeira das quais ocorre no ano de 1964, na cidade do México. Essa atividade permitiu incrementar decisivamente as relações, o conhecimento das pessoas e o debate das questões doutrinárias e práticas da Doutrina Espírita.

Organiza-se na Venezuela a Federação Espírita Venezuelana, reativa-se a Federação Espírita do Chile e constitui-se um Conselho de Relações na Colômbia, participam Centros Espíritas do Equador, Uruguai, Guatemala e Honduras. No triênio 1966 – 1969 realizam-se conferências regionais em Cali, Colômbia, e na Guatemala. A partir de 1969 cumpre-se uma Conferência Regional entre cada Congresso, inicia-se a publicação da revista América Espírita, e são criados organismos internos da CEPA, os Comitês de Educadores Espíritas, a Escola Piloto, dedicada às crianças, o Comitê de Estudos Científicos e os Departamentos dedicados a Juventude.

A trajetória da CEPA se revela através dos seguintes **Congressos e Conferências Regionais**:

I	Congresso	1946	Buenos Aires, Argentina
II	Congresso	1949	Rio de Janeiro, Brasil
III	Congresso	1953	Havana, Cuba

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

IV	Congresso	1957	San Juan , Porto Rico
V	Congresso	1960	Cidade do México, México
VI	Congresso	1963	Buenos Aires, Argentina
I	Conferência	1964	Cidade do México, México
II	Conferência	1965	Santiago , Chile
VII	Congresso	1966	Maracaibo, Venezuela
III	Conferência	1967	Cidade da Guatemala, Guatemala
IV	Conferência	1968	Cali, Colômbia
VIII	Congresso	1969	San Juan, Porto Rico
V	Conferência	1971	Mar del Plata, Argentina
IX	Congresso	1972	Cidade do México, México
VI	Conferência	1974	Tegucigalpa, Honduras
X	Congresso	1975	Mar del Plata, Argentina
VII	Conferência	1977	Ponce, Porto Rico
XI	Congresso	1978	Maracaibo, Venezuela
VIII	Conferência	1980	Miami, USA
XII	Congresso	1982	Cartagena, Colômbia
IX	Conferência	1983	Vera Cruz, México
XIII	Congresso	1984	Mar del Plata, Argentina
X	Conferência	1986	Foz do Iguçu, Brasil
XIV	Congresso	1987	Miami, USA
XV	Congresso	1990	Caracas, Venezuela
XI	Conferência	1992	Maracaibo, Venezuela
XVI	Congresso	1993	San Juan, Porto Rico
XII	Conferência	1995	Bucaramanga, Colômbia
XVII	Congresso	1996	Buenos Aires, Argentina
XIII	Conferência	1998	Maracay, Venezuela
XVIII	Congresso	2000	Porto Alegre, Brasil
XIV	Conferência	2002	São Paulo, Brasil

Realizaram-se 18 Congressos e 14 Conferências Regionais e um elevado número de viagens e visitas internacionais, envolvendo quase todos os países da América e alguns da Europa.

O Brasil e a CEPA em nossos dias

Nos últimos anos, a CEPA teve o apoio e a participação de vários grupos brasileiros, principalmente depois que Jon Aizpurua assumiu a presidência, em 1993, vivendo, atualmente, um período de intenso crescimento no Brasil.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Durante o ano de 1996, em uma de suas viagens ao Brasil, Aizpurua visitou o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, tradicional instituição espírita gaúcha, adesa à CEPA em 08.07.95, na gestão do economista Salomão Jacob Benchaya, e que seria um elo importante da CEPA no Brasil.

Importância fundamental para o retorno da CEPA ao Brasil tiveram o Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita e o seu idealizador, psicólogo Jaci Regis, cujo profícuo trabalho sintetizado na chamada *espiritização* preparou o terreno ideológico para a fertilização das propostas da CEPA. Regis lidera o denominado “grupo de Santos”, na verdade um punhado de pensadores espíritas das cidades de Santos e São Paulo, aos quais, mais tarde, se somaram líderes espíritas residentes em Porto Alegre, tais como Maurice Herbert Jones, Salomão Jacob Benchaya, Milton Rubens Medran Moreira e José Joaquim Fonseca Marchisio, dirigentes da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, na década de 80.

O XVII Congresso Espírita Pan-Americano, realizado em outubro de 1996 em Buenos Aires, contou com a participação de mais de 70 brasileiros, sendo eleito para a 2ª vice-presidência da CEPA o advogado e procurador Milton Rubens Medran Moreira.

De 7 a 11 de outubro de 1998, cerca de 50 brasileiros, representantes das cidades de Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Guarulhos, Mogi das Cruzes, Birigui, Curitiba, Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria e Cuiabá, estiveram presentes à XIII Conferência Regional Espírita Pan-americana, levada a efeito em Maracay-Venezuela.

O congresso de Porto Alegre

Realizado em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, no período de 11 a 15 de outubro de 2000, teve como Tema Central a pergunta *Deve o Espiritismo Atualizar-se?* e fixou como principal objetivo “*discutir a questão da atualização doutrinária do Espiritismo*”.

A Comissão Organizadora, presidida por Salomão Jacob Benchaya, divulgou um documento denominado “Declaração de Intenções”, reproduzido em outro local desta obra, onde a CEPA fixou diretrizes e ofereceu esclarecimentos sobre a estrutura e a natureza do evento, para serem amplamente divulgados entre os espíritas.

O evento foi realizado nas confortáveis instalações do Hotel

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Embaixador, no centro da Capital gaúcha. Participaram 377 congressistas representando, além do Brasil, Argentina, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, México, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela, Espanha, França e Austrália.

Os trabalhos, num total de 42, além de duas conferências, foram apresentados por seus autores, representando diversas tendências ou vertentes do movimento espírita.

O evento, que homenageou a figura de Deolindo Amorim, teve por Presidente de Honra o psicólogo venezuelano Jon Aizpurua.

Durante o congresso, a Assembléia Geral da CEPA, reunida no dia 13 de outubro de 2000, elegeu seu novo Conselho Executivo para o período 2001/2004, presidido pelo advogado e jornalista gaúcho Milton Rubens Medran Moreira.

Em razão disso, conforme prevê o seu Estatuto, a CEPA passou a ter sua sede em Porto Alegre-RS, Brasil, durante o mandato do referido Conselho.

De 14 a 17 de novembro de 2002, ocorreu, em São Paulo, a XIV Conferência Espírita Pan-Americana, sob a coordenação do engenheiro Mauro de Mesquita Spínola. O evento prestou homenagem ao jornalista e filósofo espírita Professor José Herculano Pires e seu Tema Central foi “Atualizar para permanecer”. O próximo Congresso, em 2004, será realizado na Argentina. Nessa oportunidade, deverá ser discutida e aprovada a nova redação dos Estatutos da CEPA.

Pode-se, hoje, tranquilamente afirmar que a CEPA é a única organização espírita, a nível mundial, que aglutina instituições e pessoas identificadas com a visão de um espiritismo laico, kardecista, livre-pensador, dinâmico, humanista, progressista e pluralista. Organizações da Europa e da Austrália passaram a integrar os seus quadros e apresentaram reivindicações no último congresso, no sentido da ampliação da base territorial da CEPA. Assim, torna-se evidente a necessidade desta se estruturar adequadamente a essa nova demanda. O novo Estatuto da CEPA, já em fase de estudos, deverá refletir expressivas mudanças na organização da instituição.

Extraído de publicações da CEPA



MEMORIA DE LA CEPA

Dante López

Para poder contestar esta pregunta hace falta remontarse a su historia, también a la memoria de los hombres que la pensaron y luego a la de los que la fueron diseñando y concretando a través de su accionar en Congresos Panamericanos y en las Conferencias Regionales.

Las Instituciones son los hombres que la integran en el momento, pero adquieren por sí mismas una personalidad que perdura más allá de las individualidades. Este es el caso de la CEPA, que nació por la inquietud de un grupo de Espíritas Argentinos que, en un Congreso interno realizado en el año 1939 en la Confederación Espiritista Argentina propone la creación de lo que estos hombres imaginaban con el nombre de Liga Espiritista Panamericana.

Hugo Lino Nale, Humberto Mariotti y Naum Kreinman son designados para generar una propuesta, que se genera a fines de 1940 a partir de un temario tentativo para lo que imaginan será el Primer Congreso Panamericano.

El temario propone tratar varios temas fundamentales como “Los valores de la Filosofía Espírita”, “La Filosofía Espírita y la Ciencia”, “La Filosofía Espírita y la Moral”, “Sociología Espírita” y “Creación de una Federación Espírita Panamericana”. Desde su intención y con estos temas van ya delineando lo que será el rumbo de esta Institución.

Al mismo tiempo, la Revista “La Idea” crea una sección especial para tratar el tema, y llegan adhesiones de Estados Unidos de Norteamérica, Brasil y Cuba.

El flagelo de la II Guerra Mundial impide la concreción del encuentro de Espíritas Americanos, que se intenta sin éxito en el año 1942, luego en octubre de 1943 y en julio de 1945.

Este grupo de esforzados luchadores no se deja vencer por las circunstancias adversas y el 13 de mayo de 1943 conforman la Comisión Organizadora del Congreso, que presidida por Hugo Nale realiza el Primer Congreso en Buenos Aires entre el 5 y el 13 de octubre de 1946.

En el salón recién inaugurado de la Confederación Espiritista Argentina se reúnen representantes de Uruguay, Puerto Rico, EEUU, Cuba, Chile y Brasil, que apoyan con su activa presencia la iniciativa de sus hermanos Argentinos.

Este primer Congreso, presidido por un Espírita Brasileño, el Coronel Pedro Delfino Ferreira, deja constituida la Confederación Espírita

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Panamericana, que adopta la sigla CEPA, en coincidencia con el símbolo Espírita: La cepa de la vid.

Su primer Presidente, el Ingeniero José Fernández, integra una Comisión que designa a Brasil como sede del II Congreso, que se realiza en la sede de la Liga Espírita de Brasil entre el 3 y el 12 de octubre de 1949.

El III Congreso tiene lugar en La Habana, Cuba el 3 de octubre de 1953, bajo la Presidencia del Dr. Miguel Santisteban, celebración que tiene lugar en la Logia de la Orden del Caballero de la Cruz, con una inauguración pública en el Circulo de Bellas Artes de la capital cubana.

Se produce allí una definición que tendrá una trascendente consecuencia: Las deliberaciones toman un sesgo científico-filosófico y se pronuncian condenando la definición religiosa del Espiritismo y la delegación de Brasil se retira renunciando a la CEPA, situación que deja sin representación institucional a ese país por un lapso de más de 40 años. El Punto N° 6 de sus Conclusiones dice: “Determinar que toda entidad que desee integrarse a la CEPA, deberá formular previamente una declaración de principios adhiriéndose a los principios del Espiritismo conforme a la codificación Kardeciana”.

El IV Congreso se realiza en Puerto Rico en octubre del 57 y pese al esfuerzo de la Señora Guillermina de Fermaint, que preside la CEPA con un tono conciliador que llama la unidad, se insiste en la definición científica del Espiritismo, descartando toda idea religiosa, y a pesar del esfuerzo epistolar de algunos argentinos y brasileños que no comparten esta postura, se produce una reforma del Estatuto que ahonda las diferencias.

El V Congreso tiene lugar en Méjico en octubre de 1960 con la presencia de delegaciones de Argentina, Colombia, Méjico, Guatemala, Puerto Rico, EEUU y Venezuela, con una representación de Japón. La declaración final de este Congreso tiende un puente conciliador entre todas las corrientes y se vota un pedido expreso a Brasil para que vuelva a integrarse a CEPA.

El VI Congreso realizado en Argentina durante la Presidencia de Humberto Mariotti tiene lugar en octubre de 1963 y produce importante definiciones, que, ratificando las declaraciones del V Congreso, ratifican la línea de la CEPA, que define al Espiritismo como “una síntesis científica, filosófica y moral que responde a una necesidad del progreso histórico”. A la vez, en su declaración final, deja claramente establecido “que acoge con beneplácito todas las colaboraciones presentadas”. Se crea el órgano oficial de prensa de la CEPA, denominado “América Espírita”, que cumplió una fundamental labor de divulgación en los siguientes años.

Es de destacar que, además de las delegaciones de Méjico, Puerto

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Rico, Venezuela y Argentina como países miembros, también concurren en carácter de delegados fraternales, representantes de Brasil, Chile, Estados Unidos y Uruguay.

El VII Congreso tiene lugar en Maracaibo, Venezuela, en 1967, bajo la Presidencia del Sr. Natalio Ceccarini, y cuenta con la presencia de numerosas delegaciones de Argentina, Brasil, Puerto Rico, Venezuela, Colombia, Argentina. Se destaca una Conferencia Magistral pronunciada por el Dr. Manuel Matos Romero: “Psicología y Psiquiatría a la luz del Espiritismo”.

El VIII Congreso, realizado en 1969 en las ciudades de San Juan y Santurce, en la bella isla de Puerto Rico, durante la Presidencia de Dante Culzoni Soriano, es presidido por la Sra. Guillermina de Fermaint, de larga y destacada actuación en la CEPA.

El IX Congreso tiene lugar en Méjico en 1972, siendo nombrado Presidente el Dr. Pedro Alvarez y Gasca, brillante pensador espírita mejicano, y cuenta con la presencia de numerosas delegaciones, entre las que se destaca la presencia de la primera delegación de Honduras.

El X Congreso, realizado en la ciudad de Mar del Plata, Argentina en el mes de diciembre de 1975, durante la Presidencia del Sr. Romeo Molfino, tuvo como Presidente al Sr. José Bompadre y produjo una ratificación de las declaraciones del V Congreso, que van concretándose como la base del pensamiento de la CEPA, por lo que es importante consignarlos:

Caracteres Filosóficos del Espiritismo:

1. Constituye en el orden psicológico una ciencia positiva y experimental.
2. Es la forma contemporánea de la Revelación Espiritual
3. Marca una etapa revolucionaria en el progreso espiritual de la humanidad.
4. Enaltece la razón, fomenta el sentimiento y satisface la conciencia.
5. Da solución a los más difíciles problemas sociales, morales y espirituales.
6. No impone creencias, sino invita al estudio y la reflexión.
7. Realiza una síntesis científica, filosófica y moral que responde a una necesidad de progreso histórico.

Estas definiciones, ratificadas y perfeccionadas a través de los temas expuestos en Congresos y Conferencias, fueron consolidando el pensamiento laico y librepensador de quienes integran la CEPA, que fue reiterado y perfeccionado con el transcurso del tiempo. No por ello CEPA tuvo un carácter excluyente hacia quienes no compartían esta línea, sino que por el contrario, siempre mantuvo su espíritu integrador y tolerante, como podrá comprobar quien quiera verificar las presencias que tuvieron los diferentes eventos.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

El XI Congreso tuvo lugar en Maracaibo, Venezuela, en diciembre de 1978, durante la presidencia del Sr. Hermas Culzoni Soriano, y se designó Presidente del Congreso al Dr. Pedro Barboza de la Torre, aprobando una reforma de sus Estatutos que “permitirá que la CEPA pueda incorporar a aquellas instituciones Espíritas que social y moralmente se encuentren en condiciones de ingresar a su organización. Con lo cuál la acción de la CEPA se verá extendida y ampliada, y la unificación de los grupos espíritas de una nación se podrá lograr en el seno de la CEPA superando circunstanciales diferencias”.

El XII Congreso tiene lugar en Cartagena, Colombia, en mayo de 1982, y marcó varios hitos: Delegados de España se hacen presente por primera vez en un Congreso Espírita Panamericano, situación que se repitió luego hasta nuestros días, marcando una búsqueda de unión entre ambos continentes. Además, una representación de la Federación Espírita Brasileira se hace efectiva a través de la presencia del Dr. Francisco Thiesen, marcando una época de acercamiento señalada como “muy positiva” por ambas Instituciones, aunque no se consolida la unificación.

El XIII Congreso tuvo nuevamente como sede a la ciudad de Mar del Plata, en Argentina, en el año 1984, contando con la presencia de delegados de once países de América. España también dijo presente nuevamente en una delegación de la Federación Espírita Española y otra de Villena, ciudad de la Provincia de Alicante.

El XIV Congreso marca la primera realización en tierras de América del Norte, específicamente en Miami, en octubre de 1987, Presidiendo el Congreso la Sra. Nidia de Sendra, quien destaca la fuerte integración de las Instituciones Espíritas de Miami y presenta representantes de 9 países de América y nuevamente España dice presente.

Tres años después, con la organización del Movimiento CIMA, tiene lugar en Caracas el XV Congreso, siendo Presidente de la CEPA el Dr. Barboza de la Torre, preside el Congreso el Lic. Jon Aizpurua, que bajo el lema: “Allan Kardec: Maestro de todos los pueblos”, produce una trascendente Resolución final, que, en línea con las Declaraciones del V Congreso, define claramente la línea de la CEPA.

Para el XVI Congreso, la CEPA elige a la bella isla de Puerto Rico, que en octubre de 1993, abre la bella ciudad de San Juan para un excelente evento, en el que se vuelven a ratificar los lineamientos anteriores, y en su Declaración Final, entre otros puntos, agrega: “Asimismo, asume como divisa que guía permanentemente su actuación, el luminoso pensamiento de Allan Kardec, sintetizado en estos tres principios cardinales: Trabajo, Solidaridad y Tolerancia”.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Para el XVII Congreso, realizado en Buenos Aires, en octubre de 1996, se cumplen los primeros 50 años de la CEPA, y la sede de la Sociedad Espiritista Constancia, en un colmado teatro de más de 500 personas, da un imponente marco a este evento, en el que, por primera vez desde el año 1953, varias Instituciones Brasileñas ya adheridas oficialmente a CEPA se hacen presentes. Es la primera oportunidad en que un Congreso se realiza bajo la forma de talleres de trabajo, con interesantes conclusiones para todos los participantes.

Por supuesto que el XVIII Congreso, al igual que el II, tuvo lugar en Brasil, en la hospitalaria ciudad de Porto Alegre, allí, el hasta entonces Presidente de la CEPA, Jon Aizpurua, deja su lugar al Dr. Milton Medrán Moreira, quien asume la responsabilidad con la alegría y la seguridad de sentirse acompañado por una CEPA madura, que sabe ya a esta altura de su historia cuales son sus objetivos.

Quienes quieran profundizar en algún aspecto de esta síntesis, pueden remitirse al Libro del VI Congreso, o al Libro editado como celebración de los 50 años, allí se pueden comprobar la innumerable cantidad de temas abordados: Mediumnidad, Reencarnación, Ciencia aplicada, Filosofía, Sociología, Educación,

No podemos describir aquí las consecuencias que cada uno de estos Eventos tuvo para cada uno de sus participantes, porque no podemos decir cuántas personas volvieron a sus Instituciones enriquecidos por las experiencias del intercambio, ni cuántas Agrupaciones Juveniles vieron reforzadas sus filas, o cuántas Escuelas Espíritas para Niños nacieron inspiradas por los Congresos.

Pero sí podemos agregar que, con la misma profundidad de temas, se realizaron además Trece Conferencias Regionales Espíritas, sumando en total, en estos 56 años de la CEPA, 31 eventos internacionales, es decir, más de uno cada dos años, y allí está la fortaleza de esta Institución, allí fue cimentada su historia.

En las vivencias, en el intercambio, en la riqueza de sus Conferencias Magistrales, sus Talleres de Trabajo, sus Mesas Redondas, sus Debates.

En la clara definición de principios y objetivos, en la amistad y camaradería reinante entre los participantes, en la comunidad de pensamientos, en el calor del afecto compartido, allí está la esencia, esto es la CEPA, lo que emana, lo que perdura, lo que trasciende.

No son las personas que la integran, ya que éstas fueron cambiando a través de todos estos años, pero en el pensamiento fiel a Kardec, investigador, inquisitivo, progresista, íntegro, abierto, tolerante pero firme en su definición de conceptos, allí está la CEPA.



A VIGÊNCIA DA CEPA

Jon Aizpurua

Cinquenta anos de atividade ininterrupta em prol da difusão do Espiritismo confirmam o acerto daquele seletivo grupo de idealistas argentinos ao propor, insistir e conseguir a fundação de um organismo continental que reunisse e combinasse os esforços de amplos setores do movimento espírita pan-americano. Homens como Hugo Lino Nale, Santiago Bossero, Humberto Mariotti, Natalio Ceccarini, Luis Di Cristóforo Postiglioni, Elias Toker, intelectuais e ativos militantes a um mesmo tempo, entreviram a oportunidade de semelhante conciliação, a qual para se tornar possível, deveria enfatizar as bases doutrinárias comuns, derivadas dos princípios kardecianos fundamentais, e respeitar os matizes e especificidades que distinguem cada grupamento espírita, como natural resultado de suas próprias origens, história, trajetória e até diversidade cultural e idiossincrásica.

Assim, a permanência da Confederação Espírita Pan-Americana, sua constância e crescimento sustentado, constituem, em primeiro plano, uma positiva demonstração de que cumpriu cabalmente com os propósitos que animaram seus fundadores. A CEPA é hoje uma realidade geográfica, humana e espiritual de indiscutível presença e consistência, e ao redor dela, milhares de espíritas se agrupam e trabalham sinergicamente pelos ideais revelados dos planos espirituais superiores e que foram magistralmente codificados por Allan Kardec.

Mas não se deve apreciar o êxito da CEPA a partir de seus avanços organizacionais ou administrativos. Mais que o quantitativo é a dimensão qualitativa a que sempre desejamos reivindicar. Não é nas quotas de poder conquistadas, ou nos desdobramentos burocráticos, que se demonstra o êxito de uma instituição espírita, mas em seu perfil ideológico, em sua capacidade para ser fiel ao projeto kardequiano e avançar com as ferramentas que oferece, em sintonia com o progresso da humanidade. A vigência da CEPA está pois, em suas idéias, em seus princípios, em seu dinamismo, em sua permeabilidade às mudanças e à renovação, em seu interesse pela atualização cultural e científica, em sua proposta humanista em favor da superação moral, intelectual e espiritual das pessoas. A CEPA está vigente porque é, antes de tudo, uma idéia, uma voz, uma referência, um caminho.

O empenho maior por parte de quem assumiu a condução da Confederação, concentra-se em apresentar em toda sua altura e pulcritude os postulados que integram a Doutrina Espírita; e em sua defesa e preservação

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

nos colocamos acima de cortesias, diplomacia, de relações pessoais ou institucionais. Em consonância com esta linha mestra, lutamos por um Espiritismo nítido, limpo, resguardado de sincretismos ou qualquer classe de interpolações ou tergiversações. Um Espiritismo que é:

1. Kardecista, pois assume que os ensinamentos e reflexões que se desprendem da obra de Kardec, representam a essência e base do edifício doutrinário espírita. Orientado pela bússola da codificação kardequiana, o Espiritismo manterá sempre o rumo correto e alcançará portos seguros. Não acolherá miscelâneas religiosas, esotéricas, africanistas, indigenistas, orientalistas. Não sucumbirá às tentações científicistas que deturpam seu perfil humanista e afastam-no de suas imprescindíveis dimensões filosóficas e éticas. E o movimento espírita manterá sempre sua condição de voluntariado, alheio a qualquer tipo de profissionalismo, aberto ou encoberto, no qual seus dirigentes e integrantes oferecem seus esforços e seu tempo livre motivados por suas convicções e sua vocação de serviço ao próximo, rechaçando qualquer tipo de remuneração. Estamos convencidos de que fora de Kardec, e muito menos contra Kardec, não há autêntico Espiritismo. Agora, esclareçamos: kardecismo não é kardecolatria. Admiramos, queremos e valorizamos Kardec; mas não o idolatramos, não o mitificamos, não o cremos infalível nem fora do contexto histórico e cultural em que viveu e escreveu. Nenhum ser humano, encarnado ou desencarnado está à margem dessas influências e seus condicionamentos. Em consequência, somos de opinião que Kardec é a base do edifício espírita, mas não sua culminação: é a primeira palavra mas não a última, já que esta jamais será dita; e que não há verdadeiro Espiritismo sem Kardec, embora nem todo o Espiritismo, hoje, esteja nos livros de Kardec.

2. Progressista, nas diversas acepções que esta palavra possa implicar. O pensamento espírita é um formidável instrumento para o aperfeiçoamento individual e social. Consubstancia-se em valores essenciais como a liberdade, a justiça e a igualdade. Valores que devem transcender o campo teórico e afirmativo para tornarem-se concretos no cotidiano da vida das pessoas. A doutrina espírita promove a edificação de uma sociedade onde cada qual possa acessar os bens e serviços que merece; uma sociedade sensível aos que sofrem, aos débeis, aos marginais; uma sociedade que preserve a primazia do ser humano. Progressista também, porque está em sua própria essência uma postura dinâmica, aberta, autocrítica, capaz de retificar conceitos se isso for necessário como resultado do permanente e vertiginoso processo de mudanças que se vive no mundo. Esta contundente sentença de Kardec

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

deveria colocar-se em lugar visível de cada recinto espírita: *O Espiritismo, marchando a par com o progresso nunca será retrógrado, porque se novas descobertas demonstrarem que está equivocado em algum ponto, ou se é revelada uma nova verdade, ele haverá de retificar-se.* A humildade faz parte da sabedoria; a prepotência é demonstração de ignorância, credulidade ou fanatismo. O Espiritismo é uma doutrina humana, falível, progressiva, evolutiva. Tem muitas e muito boas respostas, mas não possui todas as respostas. Tem muito que ensinar, e também muito que aprender. É uma magnífica opção para o mundo contemporâneo – a melhor, para nós – mas não é a única. É **um** caminho, **um** maravilhoso caminho, mas não é o **único** caminho que estimula a melhoria dos homens e dos povos.

3. Livre-pensador, porque convida a seus filiados e às pessoas em geral, a usar e gozar em sua plenitude do direito ao livre exame de todas as idéias e ao aproveitamento de toda reflexão, critério, ou método que julguem válidos e positivos em qualquer delas, dentro ou fora do Espiritismo. Em nossa ótica não há autores proscritos, livros proibidos ou excomunhões; participamos com prazer do livre intercâmbio de opiniões e de críticas, apenas solicitando que sejam expostas com respeito para com as pessoas, com pulcritude na palavra e serenidade no tom. Não compartilhamos a atitude maniqueísta que se observa em certos setores espíritas que se acostumaram a dividir entre “bons” e “maus” segundo se aplique a quem apoie ou discorde de seus conceitos, chegando inclusive a tachar estes últimos com os piores epítetos. Insistimos num debate são, fraterno, ideológico, “com ouvidos para ouvir”, no qual se expressem e critiquem idéias com toda liberdade, legítimo caminho para o esclarecimento e o fortalecimento das convicções. Jamais se deve esquecer que da discussão sai a luz e que somente se recorre aos qualificativos e às desqualificações quando se esgotam argumentos e razões. Um Espiritismo livre-pensador é sinônimo de Espiritismo laico, não religioso, não igrejificado, que não se etiqueta com a adjetivação de culto algum; livre de pretensões messiânicas ou salvacionistas; que não se inclina pela tendência fanática das ameaças catastróficas ou apocalípticas; que em lugar de conceber o mundo como “um vale de lágrimas e sofrimentos” no qual se vem “pagar dívidas”, apresenta-o como um cenário para o aprendizado e a evolução do espírito, e no qual viva com alegria, prazerosamente e em busca da felicidade. É um enfoque espírita que aposta na supremacia da razão, na construção do conhecimento e se opõe ao estabelecimento de novos ou velhos dogmas ou verdades de fé, sustentados nos ditames de “anjos”, “governadores do planeta”, “médiuns infalíveis”, “falanges espirituais superiores”, “federações providenciais” ou qualquer outra fonte de autoridade que se apresenta a si

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

mesma como divina ou infalível. Liberdade de pensamento, liberdade de expressão e liberdade para a contradição e crítica, são direitos irrenunciáveis que fazem a condição de um espírita autêntico, e são direitos que a CEPA, em consequência, garante a todas as pessoas e sociedades vinculadas a ela.

Todas as idéias aqui expostas se encontram resumidas no emblema que permanentemente divulgamos para definir o verdadeiro caráter do Espiritismo: Ciência, Filosofia e Moral. São termos adequados, claros e não anfibológicos, que refletem integralmente seu conteúdo, metas e propósitos. É uma tríplice caracterização epistemológica que se infere com toda legitimidade da definição outorgada ao Espiritismo por seu codificador: “É uma ciência que estuda a origem, a natureza e o destino do espírito e suas relações com o mundo corporal”. Uma CIÊNCIA experimental capaz de oferecer confirmação a seus pressupostos teóricos; uma FILOSOFIA racional que oferece uma visão coerente do homem, da vida e do universo; uma MORAL dinâmica, aberta, que impulsiona a transformação global da humanidade ao reino da fraternidade e à felicidade.

Nessas e em outras afirmativas é que sustentamos nossa convicção na vigência da CEPA

Artigo publicado como editorial da revista América Espírita, de abril/97.

LA VIGENCIA DE KARDEC NO ESTA EN DISCUSION

Jon Aizpurua

Una de las cuestiones más difíciles y delicadas que se han presentado en el Espiritismo desde sus propios inicios se relaciona con sus posibilidades para mantenerse actualizado frente a los avances que se producen continuamente en todas las áreas del conocimiento, y, al mismo tiempo, preservar los principios básicos que garantizan su identidad doctrinaria y constituyen la razón misma de su existencia. Identidad y cambio, son pues, los términos de una ecuación que exige una actitud abierta, equilibrada y prudente.

Una actitud, precisamente, como la que adoptó en su tiempo Allan Kardec, el ilustre fundador y codificador de la Doctrina Espírita, y es por eso, que la lectura de sus obras nos inspira tanta confianza y seguridad en la correcta orientación que él trazó, siguiendo además las pautas que le proporcionaron espíritus de altísima elevación moral e intelectual.

En *El Libro de los Espíritus* y demás textos que integran la Suma Kardeciana, encontramos de manera explícita los criterios que definen los rasgos progresistas de la naciente idea:

Doctrina evolutiva:

“El Espiritismo, avanzando con el progreso, nunca será rebasado, porque, si nuevos descubrimientos le demostrasen que está errado acerca de algún punto, él se modificará en ese punto y si una nueva verdad se revelase, él la aceptará”

Científica, filosófica y moral:

“El Espiritismo es a la vez una ciencia de observación y una doctrina filosófica. Como ciencia práctica, consiste en las relaciones que pueden establecerse con los espíritus; como doctrina filosófica, comprende todas las consecuencias morales que se desprenden de semejantes relaciones”

Abierta:

“El Espiritismo, so pena de suicidio no puede cerrar las puertas a ningún progreso”

Dinámica:

“La inmovilidad, en vez de ser una fuerza, se convierte en una causa

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

de debilidad y rutina para quien no sigue el movimiento general; rompe la unidad, porque quienes desean ir hacia adelante se separan de los que se obstinan en quedarse atrás”

Racionalista:

“La fuerza del Espiritismo reside en su filosofía, en el llamamiento que hace a la razón y al buen sentido”

Arreligiosa:

“No teniendo el Espiritismo ninguna de las características de una religión, en la acepción usual de la palabra, no podía ni debía presentarse con un título sobre cuyo valor inevitablemente se habría equivocado. Es por eso, que simplemente se dice doctrina filosófica”

Universalista y fraterna:

“La fraternidad debe ser la piedra angular del nuevo orden social. Pero, no habrá fraternidad real, sólida y efectiva si no estuviese apoyada sobre una base indestructible; esta base es la fe; no la fe en tales o cuales dogmas particulares, que cambian con los tiempos y los pueblos se lanzan piedras porque, anatematizándose, mantienen el antagonismo, sino la fe en los principios fundamentales que todo el mundo puede aceptar: Dios, el alma, el futuro, el progreso individual indefinido y la perpetuidad de las relaciones entre los seres. Esta es la fe que da el Espiritismo y que será de ahora en adelante el centro en torno del cual se moverá el género humano”

Tales características, claramente puntualizadas en estas citas de Kardec, representan la mejor garantía de que el Espiritismo, no solamente vino en el momento oportuno, superando dialécticamente las carencias y errores tanto del materialismo como de la religión; sino que llegó para quedarse, mostrando a la humanidad un camino cierto hacia nuevos y superiores destinos.

Cerca de siglo y medio ha transcurrido desde que fue codificado, y en todo ese tiempo, rico en transformaciones sociales, científicas, intelectuales, culturales, económicas y políticas, los postulados básicos que definen al Espiritismo, lejos de resultar lastimados por el impacto de esos cambios, se han fortalecido, pues han aparecido nuevas evidencias que confirman su autenticidad y veracidad. Ahora, en la antesala del siglo XXI, con los nuevos enfoques de las ciencias naturales y de las ciencias sociales que han dado origen a concepciones emergentes como las que ofrecen la

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

biología molecular, la física cuántica, la psicología transpersonal o la parapsicología, se está abriendo paso un nuevo paradigma del conocimiento que se define como holista, sistémico, dialéctico, ecológico y profundamente espiritualista. Un paradigma donde se representa al Universo como la cristalización del pensamiento y la voluntad de Dios, como un infinito sistema en continua evolución, y al hombre como una compleja unidad bio-psico-socio-espiritual. En ese paradigma, los principios fundamentales que integran el cuerpo doctrinario del Espiritismo: Dios, espíritu, supervivencia, reencarnación, evolución, mediumnidad y pluralidad de mundos habitados, se ubican con perfecta comodidad.

Si esto es así, ¿qué se debe entender, entonces, por actualización del Espiritismo? Pues, exactamente lo mismo que entendió y previó Kardec: mantenerlo siempre actual, de manos con el progreso y no a sus espaldas. Y eso es lo mismo que ya consideraron necesario pensadores de la estirpe de Léon Denis, Gabriel Delanne, Gustavo Geley, Ernesto Bozzano, Amalia Domingo Soler, Quintín López Gómez, Antonio Freire, Oliver Lodge, Cosme Mariño, Manuel Porteiro, Humberto Mariotti, Angelo Torteroli, Carlos Imbassahy, Herculano Pires, Deolindo Amorim, Soto Paz Basulto, Rosendo Matienzo Cintrón, Luis Zea Uribe, Ernesto Moog, Pedro Alvarez y Gasca, David Grossvater, Manuel Matos Romero, para mencionar solamente algunos de sus más insignes representantes en diversas épocas y naciones.

Actualizar el Espiritismo no implica, en forma alguna, la eliminación o la sustitución de ninguno de sus postulados centrales. Pero significa, eso sí, revisar la manera como son entendidos e interpretados, y adecuarlos a las nuevas conquistas del conocimiento científico. Encontramos numerosos temas y conceptos que apenas fueron insinuados en las obras kardecianas, y que requieren ser completados y desarrollados. La ciencia y sus aplicaciones tecnológicas han abierto rumbos que antes no existían y que el Espiritismo debe también incorporar. Y el lenguaje con que se comunican las ideas, con todas sus implicaciones semánticas y semiológicas, debe ser revisado, modificado y perfeccionado.

Eso, que es tan obvio y elemental, y que provoca tanto escozor a los espíritas de mentalidad conservadora y dogmática, ya lo hizo Kardec en su momento. En abril de 1857 publicó *El Libro de los Espíritus* conteniendo 501 preguntas y respuestas, y en 1860, dio a conocer la que sería la segunda y definitiva edición con 1018 cuestiones. ¡Había revisado diversas opiniones y más que duplicado el número de asuntos abordados! En 1858 publicó *Instrucción práctica*

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

sobre las manifestaciones espíritas, y después tomó la decisión de no editar más esa obra y refundirla en *El Libro de los Médiums*. Tanto en sus libros como en la *Revue Spirite*, Kardec reconoce, con la honestidad que le caracterizaba, que en numerosas oportunidades se vio obligado a variar su opinión sobre ciertos temas e interpretaciones, e invita a los espíritas a actuar siempre de ese modo para evitar que la doctrina quede marginada del progreso en general.

Para nosotros está muy claro que se debe resguardar la integridad de la doctrina y la fidelidad a las directrices que fueron trazadas por la espiritualidad superior, y que se debe permanecer alerta ante las “innovaciones” de extrañas procedencias que han tratado de infiltrarla, presentándose a sí mismas como “revelaciones superiores”, y que en verdad, nada aportan de interesante o constructivo, y por el contrario, introducen ideas absurdas y extravagantes que desacreditan a quienes las admiten.

La actualización del Espiritismo es un planteamiento y una actitud que se sintonizan plenamente con la letra y con el espíritu de las enseñanzas de su ilustre Codificador. No otra cosa haría él en estos momentos y no otra cosa nos está reclamando que hagamos. Esta convicción nos mueve a expresar con firmeza y serenidad que la vigencia de Kardec no está en discusión, que su pensamiento es muy actual, y que el sentido dinámico y progresista de su obra es la mayor garantía de que siempre estará en sintonía con el progreso.

Es por eso, que la CEPA está convocando el XVIII Congreso Espírita Panamericano, que va a realizarse con gran éxito en octubre próximo en la hermosa ciudad de Porto Alegre, con la intención de comenzar a discutir sobre el tema de la actualización, inaugurando apenas un proceso que habrá de ser continuado en otros eventos, con la participación de todos los espíritas que aman esta hermosa doctrina y desean verla siempre fresca, dinámica y abierta.

La actualización del Espiritismo es una necesidad inaplazable y un desafío a la inteligencia, a la cultura y a la sensibilidad de los espíritas. Marchamos hacia ese proceso enarbolando la bandera de Kardec y sintiendo en nuestras almas la inspiración de ese mundo espiritual superior que orienta, anima e impulsa todo esfuerzo que contribuya a la superación de la humanidad.

Editorial da Revista América Espírita, número 56, de março/2000

A CEPA NO BRASIL

Jon Aizpurua

Em sua passagem pela capital gaúcha, em 21.09.96, o venezuelano Jon Aizpurua, então Presidente da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA), participou de uma mesa-redonda com dirigentes e trabalhadores espíritas, na sede do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA). De sua fala, transcrevemos os trechos seguintes, grifando algumas expressões, que refletem o posicionamento da CEPA relativamente ao Espiritismo e ao movimento espírita brasileiro:

Linha de pensamento

“A CEPA tem uma linha de pensamento que, em resumo, é Espírita, Kardecista, evolutiva e não-religiosa. Quando digo *espírita*, significa que mantemos a orientação da CEPA sem misturas, fora de sincretismos espiritualistas. Ou seja, é uma confederação espírita, não espiritualista; é espiritualista no fundo, mas não é esotérica, não tem ingredientes teosóficos nem de sincretismos orientais ou ocidentais, não é um movimento “New Age” (nova era), nem de cristaloterapia, e de outras “terapias”. Quando digo *kardecista* - e isto é muito importante - é porque nosso pensamento se nutre, se origina, se enraíza na obra de Kardec. Para nós, Kardec é a fonte essencial do pensamento espírita. Quando dizemos kardecista, não há o sentido de idolatria, senão o de referência fundamental. Não consideramos o pensamento de Kardec como uma nova bíblia, infalível, sagrado. Pensamos, também, que algumas opiniões que o próprio Kardec manifestou em seu tempo, devem ser entendidas como produto de um contexto histórico e cultural da França do século XIX, que não é de um mundo já quase no século XXI. Kardec é a primeira palavra, mas não a última. É ponto de partida, mas não a meta final.”

A questão religiosa

“Quando dizemos que o Espiritismo *não é religião*, que não deve ser uma religião, que não deve ser denominado como religião, devemos colocar corretamente o debate. Por exemplo, afirmar, como o fazem alguns dirigentes espíritas, que por essa opinião seríamos ateus, é uma demonstração de incultura, não entender a diferença entre deísmo e religião. Pretendeu-se dizer, por outro lado, que somos “anti-religiosos”, o que é uma demonstração

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

de ignorância. A-religioso é uma coisa, e anti-religioso é outra. O pensamento laico (laicismo) tende a ser a-religioso, mas não necessariamente anti-religioso. A CEPA respeita todas as opções religiosas, de todas as pessoas, não ataca e não insulta a nenhuma pessoa ou instituição, não promove nenhuma campanha anti-religiosa ou anti-clerical, porque entende que o mundo deve ser plural e não monolítico, e que todas as religiões, do oriente e do ocidente, cumpriram e cumprem um papel na evolução do pensamento humano. Ademais, compreendemos que são necessárias para determinadas pessoas e determinadas culturas ou povos. O que estamos discutindo é outra coisa: se a Doutrina Espírita codificada por Kardec deve ser colocada como uma nova religião, ou como *a Religião*, como pretendem alguns, ou se a Doutrina Espírita deve ser conservada como uma filosofia espiritualista, científica e moral.”

O problema da adjetivação

“A adjetivação do Espiritismo como *cristão*, na opinião da CEPA é incorreta e desnecessária. A população mundial não é somente a do ocidente. Na Ásia e na África, há um bilhão de muçulmanos, quase dois bilhões entre budistas, bramanistas, shintoístas, etc. Um espiritismo chamado cristão é automaticamente destinado ao mundo ocidental, não é um espiritismo planetário, internacional. Porque se agregamos um espiritismo cristão, teremos que aceitar que exista um Espiritismo judeu, um espiritismo muçulmano, um espiritismo budista. Um espiritismo sem adjetivos tem mais possibilidades entre os povos árabes, entre o povo judeu, entre o povo da China ou da Índia. Um espiritismo cristão perderá muito tempo competindo com as demais religiões cristãs, pois estas não estão de acordo com que o Espiritismo se chame cristão e consideram uma usurpação o que o Espiritismo está fazendo. Lutemos por um espiritismo livre-pensador, profundamente ético, de base científica, uma filosofia de amor e de racionalidade. Isso é ateísmo, é heresia, é querer “tirar Jesus do Espiritismo”? Não! É uma análise, uma proposta para discussão.”

Integração à CEPA

“Queremos, como é natural, que muitas instituições espíritas do Brasil se integrem à CEPA. Em razão disso, temos nos defrontado com algo francamente estranho. A CEPA foi fundada para unir e coordenar esforços de instituições espíritas de toda a América. Quando assumimos a presidência da CEPA, percebemos que, nos últimos anos, a CEPA se dedicou apenas aos

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

países de língua espanhola e nos perguntamos: Por que não ao Brasil? Por que o Brasil Espírita não pode coordenar esforços com a Venezuela espírita, a Argentina espírita a Colômbia espírita? E enviamos uma Circular, que causou comoção no Brasil - redigimo-la em português, com a ajuda de espíritas brasileiros -, e o que estávamos simplesmente propondo era que, se um grupo espírita no Brasil está mais em sintonia com o pensamento da CEPA, por que motivo essa instituição não poderia aderir a esta Confederação? Abrimos esta possibilidade e aquela circular foi respondida pela revista "Reformador", assinalando que estávamos nos intrometendo, numa ingerência indevida, no Espiritismo do Brasil, que não teríamos direito a isso. Perguntamos: desde quando o Brasil não pertence ao continente americano? Em virtude de qual decisão espiritual ou divina o movimento espírita brasileiro não pode relacionar-se e integrar-se com outros movimentos espíritas da América? Respondemos que, com o mesmo direito que a FEB e o Conselho Espírita Internacional viajam com oradores, com médiuns, com escritores, com livros, com folhetos, divulgando-os por toda a América de fala espanhola, com o mesmo direito à livre circulação das idéias, os livros, as opiniões e os oradores da CEPA podem vir ao Brasil. Não faz sentido proibições no meio espírita, como as que têm sido feitas a livros, a publicações e a conferencistas e a dirigentes da CEPA."

Literatura Mediúnica

"Consideramos que a Educação Espírita, a Pedagogia Espírita tem um processo que há de começar com a obra de Kardec, e dentro da obra de Kardec também existe uma metodologia. Temos proposto sempre que se inicie com "O Livro dos Espíritos". Temos encontrado em uma parte do movimento espírita - o religioso - que nem sempre se começa com Kardec, mas com obras mediúnicas, e quando se começa por Kardec, é com "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Quem lê "O Livro dos Médiuns" sabe que Kardec recomenda aberta e diretamente, metodologicamente, começar pelo "O Livro dos Espíritos". Temos dito que a mediunidade é a base fundamental do Espiritismo, que o mundo espiritual pode transmitir ao mundo dos encarnados muita informação útil, e isso tem ocorrido sempre, dentro e fora do Espiritismo, visto que a mediunidade não foi descoberta nem inventada pelo Espiritismo e nem pertence a este. Ela sempre existiu, em todas as épocas e em todas as culturas. O Espiritismo assume-a, estuda-a, orienta-a, disciplina-a, educa-a sem que a mediunidade lhe pertença. Ser espírita não significa ser médium, e ser médium não significa ser obrigatoriamente espírita. O aconselhável é que o médium seja também espírita. Mas é preciso separar Espiritismo de Mediunidade.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Temos dito que a literatura mediúnica é útil, valiosa como fonte complementar, sempre e quando seja avaliada criticamente, porque os espíritos, independentemente do nome que adotem, não são reveladores predestinados, como dizia Kardec. Não são infalíveis nem seres superiores, são seres humanos sem corpo físico. Há uma Humanidade visível e uma Humanidade invisível, porém é uma Humanidade. E, assim como há uma graduação evolutiva entre os encarnados, também há uma escala espírita entre os Espíritos. Um Espírito pode ser um instrutor ou pode necessitar de instrução. Nem tudo o que provém de um médium é verdade e deve ser aceito. E há muita literatura mediúnica duvidosa, discutível, com revelações miraculosas, estranhas, mirabolantes que devem ser examinadas criticamente. “O Livro dos Médiuns” é a bússola que faz com que os grupos que o aplicam não sejam vítimas de enganos, superstições, obsessões, fascinações, etc. Respeitamos a literatura mediúnica brasileira, como a de todos os países que a possuem. Respeitamos a literatura de Chico Xavier, de Divaldo Franco e a de outros. Mas não nos sentimos obrigados a admitir, por si, acriticamente, tudo o que venha dessa literatura, independentemente do respeito que devemos a um médium, que é um ser humano maravilhoso, como Chico Xavier. Mas renunciaríamos à nossa condição de espírita se, em respeito ao médium, tivéssemos que aceitar tudo o que o médium houvesse psicografado. Negamo-nos a isso e não estamos dispostos a pagar esse preço. Há literatura, por exemplo, firmada por Emmanuel, com a qual discrepamos completamente o que não significa que estejamos desrespeitando a Chico Xavier ou aos espíritos. É nosso direito pensar e examinar. Se Kardec não houvesse atuado assim e tivesse sido “diplomático” dentro do Espiritismo e tivesse aceito o que em qualquer lugar da França, em sua época, tivesse aparecido ditado pelos espíritos, Kardec teria tragado a obra indigesta de Roustaing, porque esta é uma obra mediúnica, ou aparentemente mediúnica, da senhora Colignon. E Kardec a ela se opôs, mesmo sendo proveniente de espíritos que eram ou se faziam passar pelos evangelistas, dizendo não ao corpo fluídico, não aos “criptógamos carnudos”, não à reencarnação punitiva, etc. Nós, espíritas da CEPA e latino-americanos temos direito a dizer não a uma quantidade de supostas revelações que tem aparecido na literatura mediúnica. Quando dissemos isso em uma circular da CEPA, a revista Reformador nos acusou de que negamos a mediunidade, de que nos opomos à mediunidade e de que queremos eliminá-la do Espiritismo. Imaginamos que a comunidade espírita brasileira que lê o Reformador e que não lê as publicações da CEPA por não lhe chegar às mãos deve estar assustada e até fazendo preces por nossa alma extraviada. Infelizmente, o debate não é feito com honradez, nem com honestidade. O debate está tergiversado. Se o que

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

estamos propondo é que a literatura mediúnica deve ser examinada antes de ser aceita, como é que se afirma, por isso, que estamos querendo eliminar a mediunidade?”

Jesus no Espiritismo

“Se dizemos que o conceito que temos de Jesus é o de um Jesus *homem*, e não deus, é o de um Jesus grande por seu espírito, mas *humano*, nascido de seu pai e de sua mãe, com um corpo físico com as características de qualquer ser humano, dizem que queremos “expulsar” Jesus do Espiritismo. Não! O Jesus que queremos expulsar do Espiritismo é o Jesus místico, flúidico, que nele introduziram, mas não é o Jesus de Kardec que nós sustentamos.

A trilogia Ciência-Filosofia-Moral

Pergunta de Milton Medran Moreira: - O CCEPA, na discussão de sua Carta de Princípios, entende, tal como a CEPA, ser o Espiritismo CIÊNCIA-FILOSOFIA-MORAL. A questão do “tríplice aspecto” foi uma elaboração do espírito Emmanuel, afirmando ser o Espiritismo Ciência-Filosofia-Religião, mas, evidentemente, Kardec jamais admitiu o Espiritismo com três aspectos, quando muito o dividiu em dois aspectos apenas. Na obra “O que é o Espiritismo”, ele define o Espiritismo como “uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos e de suas relações com o mundo corporal”, “é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica” e que “como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações”. Kardec coloca o aspecto moral dentro da Filosofia e não como um terceiro aspecto. Gostaria que v. nos dissesse por que a CEPA tem essa visão tripartida do Espiritismo e se não seria melhor adotar o esquema de Kardec - ciência de conseqüências filosóficas onde está, também, embutida a moral.

“A rigor, não há um pronunciamento de Kardec em que afirme diretamente que o Espiritismo seja Ciência, Filosofia e Moral, ou Ciência, Filosofia e Religião. Não há tal divisão, estritamente falando. Milton tem razão ao assinalar que essa idéia foi expressa literalmente em uma psicografia de Chico Xavier, pelo espírito Emmanuel, com a imagem do triângulo, onde nas bases estariam a Ciência e a Filosofia e no vértice superior a Religião. Também é certo, para as pessoas versadas em Filosofia, que um dos ramos desta é a Moral, a Axiologia (estudo dos valores), a Deontologia

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

(comportamento). Agora, pelo fato de Kardec não haver apresentado, literalmente, o tríplice aspecto, isso não seria argumento, por si, para que no desenvolvimento das idéias, outros espíritas, posteriormente, por comodidade de linguagem ou de expressão, pudessem apresentar esses três aspectos da Doutrina Espírita.

Dou razão ao Milton, e lhes digo, sem embargo, que a razão de a CEPA empregar as expressões Ciência, Filosofia e Moral, é, basicamente, estratégica, comunicacional. Não teríamos dificuldade, se não houvessem outros problemas, em falar numa Ciência filosófica ou numa Filosofia científica, como disse Porteiro. Todavia, diante do fato de que o Espiritismo religioso (assim falamos por comodidade de expressão) emprega como estratégia de divulgação a idéia de Ciência-Filosofia-Religião, pareceu-nos conveniente e útil, para mostrar, de forma abreviada, uma outra ótica, um outro enfoque. Há algo mais delicado, todavia. Suponhamos que, em virtude de uma elaboração teórica refinada, definíssemos o Espiritismo como uma Ciência filosófica, imaginem o que iria ocorrer. Logo nos acusariam: - São ateus! Inimigos do Cristo! Querem tirar Jesus do Espiritismo! São obsidiados e obsessores! E não só isso. Diriam que, pelo menos, antes aceitávamos a Moral, mesmo não sendo cristã, mas agora: - Tiraram a Moral também, já não querem sequer a Moral!

Se a expressão Ciência-Filosofia-Moral não é citada literalmente por Kardec, tampouco entra em contradição com o seu pensamento.”

Matéria parcialmente publicada no jornal OPINIÃO, de janeiro e junho/97

O IMPORTANTE PAPEL DA CEPA NO BRASIL

Milton Medran Moreira

Breve Esboço Histórico

Apontado no mundo como um país de contrastes sociais e políticos, o Brasil, também no campo das idéias espíritas, tem uma história de contradições e contrastes muito peculiares. Apesar de o Movimento Espírita, aqui, preservar uma unidade básica relativamente aos princípios gerais da Doutrina legada por Allan Kardec, há uma gama imensa de nuances que fazem do Espiritismo um movimento de idéias de multifacetados aspectos e de características que, na prática, criam vários “movimentos espíritas”, com feições muito próprias.

Superficialmente, são distinguíveis duas grandes tendências que se mostraram claras desde a introdução das idéias espíritas no Brasil, nas últimas décadas do Século XIX:

A primeira, e que em todas as fases da história do Espiritismo neste país, mostrou-se numericamente dominante, viu e vê o Espiritismo essencialmente como uma RELIGIÃO. Não exatamente como uma nova religião, mas, essencialmente, como uma proposta de revivescência do Cristianismo primitivo, enriquecido pela idéia da reencarnação, voltado para uma ação assistencialista e caritativa ampla, centrado em um intenso programa de atividade mediúnica, mediante a qual é prestado auxílio a encarnados e desencarnados. Historicamente, a maioria dos primeiros líderes espíritas brasileiros tomaram a doutrina codificada por Allan Kardec sob essa feição. Católicos fervorosos, em sua maior parte, entendiam ser o Espiritismo uma proposta de revisão do Cristianismo e alimentavam o sonho de que a Igreja Católica, que até o advento da República, em fins do século XIX, era religião oficial neste país, em pouco tempo se modificaria de tal forma que, continuando a ser Igreja, com a maioria dos seus dogmas, ritos e hierarquia, assimilaria as idéias básicas do Espiritismo: comunicabilidade dos espíritos, reencarnação, lei de causa e efeito e pluralidade dos mundos habitados. Os espíritas com esse tipo de pensamento, nos primórdios do Espiritismo no Brasil, foram conhecidos como *místicos*.

A segunda corrente de pensamento que, timidamente, e com escasso êxito, tentou orientar a formação da cultura espírita brasileira, via o

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Espiritismo fundamentalmente como uma CIÊNCIA. Entendia que a tarefa primordial do Espiritismo era a de investigar a questão da imortalidade do espírito, fazer experiências em torno do fenômeno da comunicação espiritual e da reencarnação, dando, assim, base científica às questões filosóficas e morais apreçadas pela Doutrina Espírita. Estes, logo, passaram a ser conhecidos como *os científicos*.

Embora nos primórdios da organização do movimento, em fins do século XIX e início do século XX, essas duas correntes tenham, momentaneamente, disputado a hegemonia do movimento, claramente foram os místicos que tiveram sua visão mais facilmente assimilada entre um povo de forte tradição católica, imposta pelos colonizadores portugueses. Mas, num esforço de atrair para um movimento único também os científicos, a instituição “mãe” do Espiritismo brasileiro, a Federação Espírita Brasileira, cunhou o que, no Brasil, passou a ser a própria identificação conceptual do Espiritismo: uma doutrina de tríplice aspecto, científico/ filosófico/religioso. Mas, sempre dando especialíssima prioridade à sua condição de RELIGIÃO.

Na alma popular brasileira, assim, o Espiritismo foi e é visto como uma religião mediúnica-cristã, de intensa atuação no campo assistencialista, e fortemente identificada com a figura carismática de alguns médiuns que se tornaram famosos mundialmente.

Mesmo, entretanto, obtendo-se uma razoável unidade organizacional, alcançada através de um amplo acordo denominado “Pacto Áureo”, celebrado em meados do século XX, e que reconheceu na Federação Espírita Brasileira a instituição líder do movimento, toda a história do Espiritismo no Brasil é pontilhada de episódios à frente dos quais se colocaram grupos e líderes espíritas que contestaram o caráter religioso do Espiritismo.

Esses movimentos, ao contrário dos *científicos* dos primórdios do Espiritismo brasileiro, não queriam reduzir o Espiritismo a uma árida ciência de investigação e de experimentação, mas, reconhecendo seus fortes aspectos filosóficos, sociais e éticos, propunham um Espiritismo inserido num movimento social e cultural com características não sectárias, aberto aos aspectos mais amplos da realidade da ciência e do avanço do pensamento humanista e laico, que caracteriza a contemporaneidade. O cerne da questão, que se tornou mais aguda na década de 80, entretanto, ficou centralizado, num primeiro momento, no debate de se o Espiritismo era ou não uma religião. Para a grande maioria dos espíritas brasileiros, que jamais, sequer, tinham

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

ouvido qualquer contestação ao caráter religioso do Espiritismo, escutar, de repente, a afirmação de que o Espiritismo não é uma religião produziu um choque conceptual enorme. Logo, logo, as forças dominantes do movimento espírita mais conservador trataram de isolar os líderes e grupos que ousavam contestar o caráter religioso do Espiritismo, uma característica que se houvera incorporado ao próprio conceito essencial do Espiritismo.

Isolados e combatidos pelo movimento dominante, os espíritas não-religiosos, situados principalmente nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, ambos de forte tradição cultural espírita, passaram a exercer alguma influência no pensamento espírita em geral, principalmente através de eventos culturais e de uma imprensa espírita de contestação ao religiosismo e ao misticismo dominantes no movimento. Dessa forma, essa visão não-religiosa de Espiritismo, inserida numa tradição laica e humanista e fundada numa filosofia espiritualista, reencarnacionista e moral, nos moldes apregoados nas obras de Allan Kardec, passou a ter um número cada vez maior de adeptos e de centros espíritas progressistas, mesmo que ainda formalmente alinhados à organização federativa liderada pela FEB.

A CEPA no Brasil

Foi nesse clima que, em 1994, o Conselho Executivo da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), presidido pelo psicólogo venezuelano Jon Aizpurua, fez circular um manifesto especialmente dirigido ao movimento espírita brasileiro, relatando, sucintamente, a história daquela Confederação fundada em 1946, que mantinha instituições adesas e filiadas na maioria dos países do continente americano, e que, por tradição e por expressa deliberação tomada em Congressos, definia o Espiritismo não como uma religião, mas como uma ciência de conseqüências morais e éticas de amplitude universal, e não sectária. A CEPA, até então, tivera escassa influência sobre o pensamento espírita brasileiro, maciçamente religioso e defensor do “espiritismo evangélico e cristão”. A F.E.B., apesar de alguns momentos de aproximação, jamais aceitara a tradição não-religiosa do Espiritismo construída pela CEPA, e, por isso, também, nunca cogitara em aderir à Confederação Espírita Pan-Americana. Por isso, reagiu vigorosamente contra o manifesto da CEPA, qualificando-o como uma intromissão indevida no movimento espírita brasileiro. Mas, o manifesto, publicado por alguns órgãos de imprensa espírita e recebidos diretamente por instituições com perfil semelhante ao da Confederação Espírita Pan-Americana, produziu efeitos imediatos. Várias instituições que já haviam assumido o perfil não-religioso

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

pediram adesão à CEPA e aproximadamente 60 brasileiros compareceram em Buenos Aires, em outubro de 1996, no XVII Congresso Espírita Pan-Americano. Ali, um brasileiro (o autor deste artigo) foi eleito 2º Vice-Presidente da Confederação, enquanto se desencadeava, também, uma série de nomeações de Delegados Especiais da CEPA que hoje se espalham pelos mais diversos quadrantes da grande nação brasileira.

A CEPA passa a ser, assim, uma nova força dentro do movimento espírita brasileiro. Por sua tradição, agrega instituições de firme orientação kardeciana, e sua política não é a de impor modelos ou normatizar formas de administração ou de conceitos doutrinários. Sua política primordial é de congregar pessoas ou instituições espíritas, cuja liberdade de ação é respeitada e preservada. Cultivando a democracia interna, estimulando o pensamento livre e criativo, dentro dos parâmetros do pensamento kardecista, é uma instituição humanista e democrática. Precisa em seus conceitos, aprimora sua ação e sua linguagem, compatibilizando-as com as tendências da contemporaneidade. Nessa linha, por exemplo, distingue o cristianismo (movimento religioso fundado nos primeiros séculos desta Era), do autêntico pensamento de Jesus de Nazaré ao qual aquele nem sempre é fiel. Dessa forma, entende inadequada a expressão “espiritismo cristão”, mas defende a coincidência entre a doutrina moral de Jesus de Nazaré e a ética apregoada pelo Espiritismo, que vê em Jesus um autêntico guia e modelo para toda a Humanidade.

Embora, em respeito à precisão de conceitos, rejeite que o Espiritismo seja definido como religião, a CEPA reconhece em inúmeros pensadores e grupos espíritas brasileiros que defendem o caráter religioso do Espiritismo uma plena coincidência no plano das idéias. Estes, freqüentemente, tomam o termo “religião” no mesmo sentido que a C.E.P.A define “moral” ou “ética”, retirando dele qualquer conotação de rito, liturgia, sacerdócio organizado, dogmatismo, etc. Respeitamos os que têm essa concepção de religião e com eles estamos de acordo no campo das idéias, mas, atentos à clara recomendação de Kardec, preferimos que o Espiritismo não seja visto como uma religião, para não ser confundido, como geralmente o é no Brasil, com mais um sistema fechado de fé, de ritos, de cultos e de liturgia.

A CEPA E O FUTURO DO ESPIRITISMO

Reinaldo Di Lucia

Neste primeiro boletim da CEPA no Brasil, uma questão que se coloca é: o que leva algumas instituições brasileiras a filiarem-se a esta Confederação?

Uma primeira resposta seria uma certa insatisfação e desalento em relação ao movimento espírita brasileiro. Resposta que, apesar de não estar fundamentalmente errada, não abarca todo o conjunto de razões e sentimentos que conduzem a essa atitude.

O grande problema é o modo como o espiritismo apresenta-se na sociedade. Há uma diferença fundamental (porque diretamente relacionada aos seus princípios fundamentais) entre a proposta espírita, tal como formulada por Kardec, e a forma pela qual a doutrina espírita é vista pelo grande público. E isto, infelizmente, com a anuência, por comodismo ou omissão, da grande maioria das entidades espíritas.

Para Kardec, o espiritismo é uma ciência (aqui entendida como forma de obtenção do conhecimento) que desvendasse ao homem o Universo, trazendo como grande contribuição a verdade da dimensão espiritual do Ser. Mais ainda: o espiritismo traz uma nova cosmovisão, que, no dizer do psicólogo brasileiro Roberto Crema, “ além de significar uma visão ou concepção de mundo, expressa também uma atitude frente ao mesmo “. Esse o aspecto ético da doutrina espírita, aquilo que torna o espírita comprometido com o mundo, com seus semelhantes e consigo mesmo.

Entretanto, a sociedade em geral vê o espiritismo como uma seita religiosa destinada a atuar de forma assistencialista, seja no atendimento aos excluídos, aos desprovidos de condições mínimas de existência digna (que, infelizmente, pululam em nosso Brasil), seja na cura “ espiritual “ dos mais diversos problemas de saúde, desde uma unha encravada a um câncer generalizado. Isto quando não é procurado para assuntos mais prosaicos, como conseguir um amor ou ganhar na loteria.

A proposta da CEPA é resgatar a visão de Kardec sobre a doutrina que ele mesmo criou. Encarando Kardec como o homem que deu vida ao espiritismo, o peso de suas posições (enquanto vivo) cresce enormemente.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Nessa visão de Kardec, o espiritismo não pode, de nenhum modo, estagnar-se; se o fizesse, não seria uma ciência, e nem mesmo uma filosofia, uma vez que tanto uma quanto outra só se efetivam com a contínua inquietação do pensamento. É preciso que haja um constante anseio pela busca de novos conhecimentos, os quais nos ajudarão a entender melhor o Universo que nos cerca, e nos posicionarmos melhor frente a ele; ou seja, aprimorar a cosmovisão espírita.

Esse é o ponto de vista da CEPA. E é natural que, neste ponto de vista, ela entre em confronto com formas mais estáticas de ver o espiritismo, notadamente aquela que, assumindo uma posição estritamente religiosa, obste (pela própria característica das religiões em nosso país, e, quiçá no mundo) esta busca, este desenvolvimento da ciência espírita.

Entretanto, este não é um confronto pernicioso, ao contrário do que vem sendo divulgado por aí. Todo confronto de idéias, enquanto for mantido rigorosamente neste círculo das idéias, é altamente produtivo para o espiritismo. E a proposta da CEPA é permitir que este debate de idéias seja feito, sem interesses de qualquer outra ordem. A luta por uma suposta “supremacia” no espiritismo mundial não faz parte dos planos da CEPA.

É por isso que convidamos as sociedades espíritas interessadas em realizar conosco este debate a aderirem à CEPA, unindo-nos neste grande ideal de fazer o espiritismo ocupar o importante lugar que tem direito, por sua criação, na estrutura de conhecimento do ser humano.

Artigo publicado no Boletim CEPA BRASIL, de jan/98

ALGUNS ESCLARECIMENTOS

Salomão Jacob Benchaya

Penso ser oportuno lembrar que a Confederação Espírita Pan-Americana filia-se a uma visão eminentemente kardecista, progressista e livre-pensadora do Espiritismo. Admite o pluralismo das idéias e os benefícios do diálogo e da interação, convive com a diversidade de interpretações e de formas de pensar e agir decorrentes dos níveis de compreensão e de preferência dos espíritas e do direito destes se aglutinarem em organizações afins unidas por um núcleo básico de princípios ou postulados que identifiquem a Doutrina Espírita.

A CEPA jamais alimentou o propósito de substituir o modelo adotado pelo espiritismo brasileiro, de matiz predominantemente religioso, evangélico, cristão, por um modelo dito “laico”. Seria uma tola pretensão à supremacia. A CEPA admite e respeita o diferente, propugna um relacionamento alteritário entre os espíritas. Não apoia, isso sim, o dogmatismo, a intolerância, o sectarismo, a sacralização da obra kardequiana e o conseqüente imobilismo doutrinário, a mitificação da figura extraordinária de Jesus, o atrelamento do Espiritismo ao cristianismo igrejeiro, o ufanismo salvacionista de alguns, a predestinação, auto-atribuída por alguns segmentos, ao Brasil e ao espiritismo brasileiro, a idolatria a espíritos e a médiuns, a mal disfarçada atribuição de infalibilidade a médiuns, espíritos e/ou instituições, a exclusão dos diferentes, o patrulhamento da pretensa pureza doutrinária, etc., como também não apoia o cientificismo desvinculado da ética, o academicismo vazio de aplicações e o filosofar estéril.

Deseja, então, a CEPA: a) contribuir para o desenvolvimento e permanente atualização do Espiritismo; b) colaborar na divulgação das idéias espíritas; c) estimular o estudo e a pesquisa espíritas; d) ter reconhecido o seu direito de congregar em sua organização, sem exclusividade, instituições e pessoas que se afinizem com suas propostas; e) contribuir para o bom relacionamento entre todas as organizações espíritas nacionais e internacionais, dentro dos princípios doutrinários e dos ideais de tolerância e fraternidade.

Artigo publicado no Boletim CEPA BRASIL de Março/2001

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

VOCÊ PRECISA CONHECER A CEPA!

Salomão Jacob Benchaya

A Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), fundada em 1946, esteve, por várias décadas, praticamente ausente do Brasil. Ou poderia ser dito, de outra forma, que o Brasil, durante esse tempo, distanciou-se da CEPA e esta continuou sua trajetória junto aos demais países das Américas.

Durante a gestão do psicólogo venezuelano Jon Aizpurua, iniciada em 1993, este realiza, várias viagens ao Brasil e, através dos contatos mantidos com os promotores do Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita e, posteriormente, com dirigentes do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, a CEPA inicia um processo de reaproximação com o movimento espírita brasileiro.

Há reações fortes contra essa “intromissão”, mas, paulatinamente, instituições e lideranças espíritas categorizadas passam a aderir ao projeto cepeano por sua explícita identificação com o pensamento do fundador e codificador do Espiritismo.

Quando a CEPA decide promover seu XVIII Congresso Pan-Americano, em outubro/2000, na cidade de Porto Alegre, 51 anos após a realização do seu II Congresso, no Rio de Janeiro, novas reações são desencadeadas em função do tema central, que revivia uma preocupação de Allan Kardec, ao levantar a questão “*Deve o Espiritismo Atualizar-se?*”. Apesar disso, o Congresso é coroado de êxito. Abre espaço para a manifestação de todos os segmentos do movimento espírita, não recusa nenhum trabalho apresentado, convida as instituições federativas estadual e nacional, realiza um debate de alto nível, respeitoso e fraterno. Com isso granjeia novas simpatias e adesões.

Em São Paulo, sede da maior concentração espírita no mundo, participa do e apoia o I ENCOESP, em 2001, uma feliz iniciativa da USE-SP, já inscrita nos anais da História do Espiritismo, ali expondo suas idéias, confraternizando e colaborando, lado a lado, com instituições e movimentos representativos do espiritismo brasileiro.

Pois é nessa megalópole brasileira, São Paulo, que a CEPA deverá proporcionar, em novembro próximo, uma nova oportunidade para que os espíritas de várias partes do mundo venham prosseguir nas discussões relativas

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

à permanente atualização do Espiritismo. A programação da XIV Conferência Regional Espírita Pan-Americana está sendo primorosamente montada para fazer desse evento um novo marco na construção de um ambiente estimulador do caráter dinâmico, progressista, livre-pensador, humanista, laico, pluralista que devem assumir nossas relações com o Espiritismo.

E será, obviamente, uma ótima oportunidade para que os espíritas, sem medos ou idéias preconcebidas, venham conhecer ou conhecer melhor uma instituição que também se atualiza, se renova na disposição de colaborar na construção doutrinária do Espiritismo e de um relacionamento fraterno e respeitoso com a sociedade e com toda a comunidade espírita.

Você precisa conhecer a CEPA!

Artigo publicado no Boletim AMÉRICA ESPÍRITA, encarte do jornal OPINIÃO, de Junho/2002

DEVE O ESPIRITISMO ATUALIZAR-SE? UMA QUESTÃO POLÊMICA

Salomão Jacob Benchaya

Como já era esperado, a escolha do tema “Deve o Espiritismo Atualizar-se?” para o XVIII Congresso Espírita Pan-Americano que se realizará em Porto Alegre, de 11 a 15 de outubro de 2000, começa a causar controvérsia. O centro temático foi proposto pelo Presidente da Comissão Organizadora na I Reunião de Delegados e Amigos da CEPA no Brasil, realizada em São Paulo, em 16.08.97, com base em sugestão dos delegados de São Paulo.

Doutrina sagrada

A reação é perfeitamente compreensível para um movimento onde predomina a idéia de que o Espiritismo é uma revelação divina e, como tal, intocável e irretorquível. Os que se demoram nesse olhar, menosprezam a contribuição dos encarnados no processo da codificação e, portanto, na construção do edifício doutrinário. Admitem, quando muito, que o conhecimento humano tenderia a aproximar-se, gradualmente, do conhecimento espírita, situado muito acima do progresso atingido pela Humanidade.

Sob essa visão, o próprio Kardec não passaria de um mero “secretário” dos Espíritos, encarregado de compilar e publicar suas revelações. Todavia, quando se examina a contribuição do fundador do Espiritismo, percebe-se facilmente que a Doutrina Espírita tem a marca pessoal do pedagogo, do filósofo e do cientista que ele foi e que, sem Allan Kardec, o Espiritismo não seria o que se encontra nas suas obras fundamentais.

Os grupos dirigentes do movimento espírita, dessa forma, estariam investidos de uma espécie de “mandato divino” e da impostergável missão de “salvar” ou de orientar a Humanidade. É o que se depreende do discurso que predomina no espiritismo religioso.

Reina, infelizmente, nos meios evangélicos, a concepção de uma doutrina “sagrada”, completa, de origem divina - qual obra divina seria imperfeita? -, modelo de pensar que gera entre os seus profíctes uma postura imobilista, de vocação salvacionista, posto que depositária da verdade.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

A visão de Kardec

Seria essa a visão de Allan Kardec acerca do Espiritismo e do seu futuro? Estou certo que não. No cap. I de “A Gênese”, o codificador/fundador assevera que “*o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem*”. Portanto, uma parceria entre encarnados e desencarnados.

Na Constituição do Espiritismo, em “Obras Póstumas”, por outro lado, Allan Kardec afirma que “o princípio progressivo, que ela (a Doutrina Espírita) inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade se manterá, exatamente porque ela não se assenta no princípio da imobilidade”.

Então por quê surgem acusações, desqualificações, exclusão dos líderes e trabalhadores espíritas que pensam, como Kardec, que não cabe ao Espiritismo “fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar” (Obras Póstumas)?

No tocante ao centro temático do XVIII Congresso da C.E.P.A ., verifica-se que a sua Comissão Organizadora teve o cuidado de inscrever como primeiro objetivo do referido evento “**discutir a questão da atualização doutrinária do Espiritismo**”. Divulgou, ainda, documento (transcrito ao final) denominado “Declaração de Intenções” esclarecendo os propósitos da CEPA e do Congresso a respeito do assunto.

Ora, seria estultícia da CEPA pretender atualizar a Doutrina Espírita em um congresso único e por ela patrocinado, embora esse fosse o papel atribuído por Kardec aos congressos espíritas.

Ademais, a forma interrogativa sob a qual está colocado o Tema Central - “Deve o Espiritismo Atualizar-se?” - não autoriza ninguém a atribuir à CEPA pretensões exclusivistas que ela não alimenta. A pergunta é indutora à reflexão e ao debate, não obstante a CEPA ter posição coerente com o modelo preconizado pelo Codificador.

O que a CEPA deseja, isso sim, é provocar a discussão - desnecessária se os espíritas se houvessem mantido fiéis ao pensamento de Kardec - em torno daquilo que considera fundamental para a continuidade do Espiritismo no planeta - a sua atualização.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

O fato é que, sem atualizar-se, o Espiritismo perecerá. E quem tem que fazer essa atualização são os Espíritas, encarnados e desencarnados, de todos os Continentes, verdadeiramente comprometidos com a proposta kardequiana.

“DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES

Com as declarações a seguir, a CEPA deseja aclarar seus propósitos com respeito à escolha do Tema Central, tendo em vista que, embora possua uma posição firmada sobre o assunto, coerente com o pensamento do Codificador, está ciente da existência de posicionamentos diferentes, no movimento espírita, os quais respeita, acreditando, por isso, que a apresentação do tema central na forma interrogativa sugere o debate amplo, mas sereno, sobre o assunto:

1. Em hipótese alguma, a CEPA alimenta o propósito de, no ano 2000, em um único congresso, efetuar a revisão pontual da Doutrina Espírita.
2. É indiscutível a atualidade de partes importantes e fundamentais da obra de Kardec, não superadas pela Ciência, que serão, óbvia e plenamente, reafirmadas pelo Congresso.
3. Os organizadores do Congresso entendem que atualizar o Espiritismo é torná-lo atual, situá-lo na época em que vivemos, torná-lo presente e atuante em todos os setores do pensamento humano.
4. Em hipótese alguma, sob pena de violação de direitos autorais, podem ser alterados os textos ou expressões das obras de Allan Kardec, como os de qualquer autor. Já as idéias, concepções e teorias expostas nas obras da Codificação e nas que lhe são complementares, como o próprio fundador do Espiritismo afirmava, não sendo mais do que a expressão do conhecimento dos seus autores, subordinadas ao contexto de uma época, são passíveis de revisão e de atualização.
5. Não serão objeto de discussão, neste Congresso, os postulados básicos do Espiritismo - Deus, Imortalidade, Comunicabilidade, Reencarnação, Mundos Habitados, Evolução. Todavia, poderão ser questionados conceitos e interpretações a eles referentes expressos na literatura espírita por autores encarnados ou desencarnados ou que se tornaram correntes entre os espíritas.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

6. Embora os congressos da CEPA possuam amplo caráter deliberativo, este não tomará deliberações no que concerne ao conteúdo doutrinário das propostas, exposições, teses e/ou trabalhos que ali forem apresentados. Estes se constituirão em subsídios para novas pesquisas, experimentos e estudos, em áreas específicas, por parte de pessoas e/ou instituições, com a participação dos Espíritos, cujos resultados e conclusões retornarão ao debate em futuros simpósios, seminários, congressos, etc.

Um congresso como queria Kardec

A preocupação de Allan Kardec em torno da atualização do Espiritismo está expressa, principalmente nos seguintes trechos de sua obra:

“O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ela a aceitará.” (A Gênese, Cap. I - Caráter da Revelação Espírita).

“O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.” (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

“Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão como referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, não os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto.” (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

“O princípio progressivo, que ela inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade se manterá, exatamente porque ela não assenta no princípio da imobilidade.” (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Dos Cismas)

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

“Serão estas as atribuições principais da comissão central: 1º ...; 2º O estudo dos novos princípios, suscetíveis de entrar no corpo da Doutrina; 3º ... 15º A convocação dos congressos e assembléias gerais.” (Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Comissão Central)

Por outro lado, no Capítulo I de “A Gênese” – Caráter da Revelação Espírita – Kardec afirma que *“a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os espíritos põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações.”* *“Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina sua origem e da iniciativa dos espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.”*

É sustentada por essas idéias que a CEPA acredita ser este “um congresso como queria Kardec”.

Salomão Jacob Benchaya
Presidente da Comissão Organizadora”



OS ESPÍRITAS E A ATUALIZAÇÃO

Salomão Jacob Benchaya

Ao ensejo da realização dos últimos eventos da CEPA é interessante refletir em torno de como os espíritas se posicionam em relação à temática por eles abordada – a questão da atualização do Espiritismo.

Se o leitor se dispusesse a fazer uma pesquisa em seu Centro Espírita formulando, por exemplo, a seguinte pergunta – *O que v. acha de um congresso espírita pretender “discutir a questão da atualização do Espiritismo”?* seria quase certa a obtenção de respostas do tipo:

Grupo A: *O Espiritismo não precisa de atualização. Se ele é fruto da revelação dos Espíritos Superiores, prepostos divinos, somente Eles possuem autoridade para revisar a sua obra. Ademais, até agora, a Ciência só tem confirmado os princípios fundamentais da Doutrina.*

Grupo B: *Há muito que o Espiritismo carece de atualização. Kardec está ultrapassado. As novas terapias e a renovação da “práxis” é que garantirão o futuro do Espiritismo.*

Grupo C: *Acho oportuno. Kardec atribuía essa função aos congressos. Ele afirmava que o Espiritismo tinha que avançar com o progresso ou se suicidaria. Os congressos que tem sido realizados atualmente não cumprem com essa finalidade, apesar de constituírem belos encontros de confraternização e apresentarem excelentes pregadores.*

Certamente que outros grupos de respostas apareceriam, mas julgo os acima bastante representativos.

No grupo A encontramos refletida uma posição conservadora, que admito ser perfeitamente honesta e coerente com uma visão “religiosista” e, portanto, de posse da verdade, característica comum nas religiões. Vendo no Espiritismo a “terceira revelação de Deus aos Homens”, os integrantes desse grupo encontram dificuldade em admitir que uma “revelação divina” possa necessitar de atualização. Olham a Ciência como um terreno povoado por céticos, ateus e materialistas e, portanto, digna de comiseração. Dizem que “um dia a Ciência se curvará à revelação espírita” e, com isso, bloqueiam os canais de comunicação do Espiritismo com os diversos ramos do

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

conhecimento, como pretendia Kardec. É certo, também, que a “Ciência”, salvo exceções, não lida com “crenças” e “religiões”. Esquecem que Kardec falou, no “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, em *Aliança da Ciência e da Religião* e não em *Submissão da Ciência à Religião*.

No grupo B, identificamos muitos companheiros que, não muito seguros de suas convicções e que, talvez, sem terem lido adequadamente as obras de Kardec, consideram que atualizar a Doutrina Espírita é nela introduzir idéias, conceitos e revelações que lhe são absolutamente estranhas quando não contraditórias, ou a introdução de métodos e técnicas na prática das instituições espíritas que não se sustentam em confronto com a proposta metodológica do fundador do Espiritismo. São novidadeiros das terapias exóticas, dos contatos intergaláticos, das previsões apocalípticas.

No grupo C, encontram-se espíritas que, mesmo reconhecendo não haver Espiritismo sem Kardec, não “sacralizaram” as suas obras, são livre-pensadores, que lutam por uma doutrina espírita genuinamente kardecista, progressista, dinâmica, perfeitamente entrosada com o conhecimento de nosso tempo; que ilumina a Ciência com as suas luzes, mas também se alimenta com o avanço do saber humano, porque é feita por homens que vivem com ou sem corpo físico; que não temem o confronto de idéias por reconhecerem que só no processo dialético acontece o avanço do pensamento.

Com qual dos grupos referidos você se identifica ?

Artigo publicado com pequenas alterações no Boletim CEPA BRASIL, encarte do jornal OPINIÃO, de Abril/2000

OS ESPÍRITOS SUPERIORES E A ATUALIZAÇÃO DOUTRINÁRIA

Milton Medran Moreira

A afirmação de que a atualização do Espiritismo só pode ser feita pelos “espíritos superiores” oferece riscos de interpretação que exigem dos espíritas cautela e discernimento sem os quais nos quedaremos definitivamente no imobilismo.

Os espíritos, em histórico intercâmbio com Allan Kardec, propiciaram à humanidade uma síntese de conhecimentos, que o mestre lionês classificaria como “a primeira palavra e não a última”. A primeira, evidentemente, considerado o Espiritismo como o marco inicial de uma nova fase do conhecimento, a ser, necessariamente, complementada pelo próprio desenvolvimento da ciência, sua aliada e companheira inseparável.

Não fosse assim, o Espiritismo em nada diferiria das tantas revelações religiosas que, tomadas por seus crentes como a verdade única, pronta e acabada, dão origem a sistemas fechados de fé, imobilizados no tempo, embora sempre no aguardo de uma nova intervenção dos céus que as irá confirmar negando e condenando todas as outras. Não é esse o caso do Espiritismo, cujo duplo caráter foi muito bem explicitado por Kardec no Cap.I de A Gênese (item 13) : *divino* na sua origem, mas *humano* na sua elaboração “*porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações*”.

Enfim, há uma síntese de princípios trazidos pelos espíritos que, por sua plena concordância com o que a doutrina definiu como “lei divina ou natural”, o insigne codificador qualificou como de origem *divina*. Formam aquele lastro com o qual todos os espíritas concordamos. Ninguém ousaria propor, em um congresso, por exemplo, que se abolissem postulados como o da existência de Deus, da imortalidade, da reencarnação, da pluralidade dos mundos habitados. Dentro desse espectro claramente delimitado, continua em pleno andamento a formulação da ciência espírita, de suas relações com todas as áreas do conhecimento, de suas aplicações práticas no processo de transformação moral do homem e do mundo. E segue permanente também o

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

intercâmbio entre as duas humanidades referidas por Kardec: a humanidade encarnada e a desencarnada. Os espíritos falam permanentemente aos homens. Não necessariamente nos centros espíritas ou pelo modelo ostensivamente mediúnico, mas por sutis processos que a afinidade e a intuição vão qualificando na caminhada evolutiva do homem.

É possível que, nós, espíritas, tenhamos retardado demasiadamente a elaboração que nos cabe. Assumimos, por injunções culturais que precisamos superar, a postura imobilista do crente, quando o Espiritismo quer de nós a ação dinâmica do espírito naturalmente vocacionado ao raciocínio e à ação. Fechamo-nos em nossos centros, quando a clara proposta do fundador de nosso movimento era interagirmos com a ciência, com a arte e com o pensamento filosófico mais dinâmico e progressista. É hora de retomarmos essa proposta.

E sempre que nos dispomos a esse tipo de tarefa, os espíritos superiores, indubitavelmente, estarão conosco.

(Editorial publicado sob o título de “Os Espíritos Superiores e Nós”, no OPINIÃO de março de 99, em cuja capa se publica a carta do presidente da FEB, em resposta ao convite formulado pela Comissão Organizadora do Congresso da CEPA).

Naquela manifestação, a FEB dizia: ...

“É em decorrência do exposto, e por não reconhecer nos homens nenhuma autoridade para alterar, a qualquer título, uma Doutrina que não foi por eles elaborada e nem revelada, mas sim pelos Espíritos Superiores, que a FEB não se faz presente nos Congressos ou em outras quaisquer reuniões que apresentem conclusões que impliquem modificação dos princípios e postulados da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec.”

O VELHO DE KAFKA

Maurice Herbert Jones

Em sua obra “*A Revolução da Esperança*”, o psicanalista Erich Fromm cita uma intrigante história do livro “*O Processo*” de Franz Kafka. Um homem chega à porta que conduz ao céu (a Lei) e pede ao porteiro que deixe entrar. Este lhe diz que não pode admiti-lo no momento. Embora a porta que leva à Lei esteja aberta, o homem decide que é melhor esperar até ter permissão para entrar. Ele se senta e espera durante dias e anos. Finalmente ele está velho e próximo da morte. Pela primeira vez, ele faz a pergunta: “Como é que durante todos esses anos, ninguém a não ser eu procurou entrar?” O porteiro respondeu: “Ninguém a não ser você poderia ter permissão de cruzar esta porta, porquanto ela estava destinada a você. Agora vou fechá-la.”

Os burocratas têm a última palavra. Esta é a moral da história de Kafka; se eles dizem não, ele não pode entrar. Se tivesse tido mais do que essa esperança passiva, ele teria entrado, e sua coragem para ignorar os burocratas teria sido o ato libertador.

Muitos, diz Erich Fromm, são com o velho de Kafka. Eles esperam mas não lhes cabe agir segundo o impulso do coração e, enquanto os burocratas não lhes dão o sinal verde, eles prosseguem esperando.

Os mais bem informados opositores do processo que temos chamado de “atualização do espiritismo”, não negam a necessidade eventual dessa medida, enfaticamente recomendada por Kardec, e sim a competência dos humanos encarnados para realizá-la. Segundo eles, cabe exclusivamente aos chamados espíritos superiores, detentores dos direitos autorais do Espiritismo, qualquer iniciativa neste sentido. De acordo com esta visão, a nós outros, encarnados, restaria aguardar passivamente alguns “sinais do céu” que nos autorizariam a receber deles os conteúdos atualizadores.

O paralelo é evidente. O processo idolátrico caracteriza-se especialmente pela submissão simbiótica e preocupação neurótica de alienar-se, esvaziar-se em benefício do ídolo, seja ele uma pessoa uma idéia ou uma instituição. No caso em exame fica clara a disposição idolátrica dos que recusam aos espíritos encarnados autoridade ou capacidade para administrar o necessário processo de atualização.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Não conseguimos encontrar na obra e no exemplo de Kardec nenhum amparo para esta estranha e imobilista posição. Como estacionar, como interromper o caminho como se tivéssemos alcançado o inalcançável? Como ficar a espera da hipotética e discutível iniciativa de uma entidade virtual, indefinível que denominamos espíritos superiores?

Kardec era ação, iniciativa. A porta estava aberta e ele destemidamente a atravessou. Construiu o Espiritismo utilizando material já recolhido por outros pesquisadores e, a partir daí, interrogando direta e metodicamente vários espíritos. Nunca se afirmou, porém, que as lúcidas e instigantes perguntas com as quais Kardec partejava o espiritismo nascente fossem ditadas ou sugeridas pelos espíritos o que, segundo me parece, atesta que a condução do processo pertencia a ele, Kardec, tendo os espíritos como assessores ou como “elementos de instrução”. No que se refere à elaboração do Livro dos Espíritos, isto fica claro em “Obras Póstumas – 2ª Parte – Minha iniciação no Espiritismo” onde Kardec, depois de se dar conta das limitações individuais dos espíritos com os quais dialogava, afirma: *“Incumbe ao observador formar o conjunto, coordenando, colecionando e conferindo, uns com os outros, documentos que tenha recolhido. Procedi com os espíritos como teria feito com os homens; considerei-os, desde o menor até ao maior, como elementos de instrução e não como reveladores predestinados.”*

Mais adiante, no mesmo capítulo, referindo-se ao processo de revisão dos originais de O Livro dos Espíritos, Kardec assevera: *“Tendo-me relacionado com outros médiuns, sempre que se me oferecia ocasião, a aproveitava para propor algumas das perguntas que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram a sua assistência ao trabalho e foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remoídas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, aparecida a 18 de abril de 1857.”*

Considerando as respostas dos espíritos como opinião pessoal de cada um deles, Kardec as censurava, comparava e fundia, isto é, editava estas respostas à luz do seu conhecimento e da sua sensibilidade, fixando assim sua primazia no processo.

O Espiritismo é intrinsecamente dinâmico e sujeito, portanto, a um permanente processo de atualização cuja condução é, sim, responsabilidade de espíritos encarnados assim como já o fora sua codificação.

A DIFICULDADE DE ACEITAR O NOVO

Jaci Regis

A ciência conseguiu, neste século 20, proezas antes não sonhadas. Em qualquer aspecto da vida e do conhecimento, as proposições, investigações e pesquisas científicas revisaram os conceitos consagrados nos séculos passados.

Apesar desse avanço científico, queimando etapas e ganhando terreno em tempo cada vez menor, a repercussão social parece longe de abalar os velhos conceitos espiritualistas.

Para a grande maioria das pessoas, as descobertas científicas só têm sentido imediato quando produzem remédios e desenvolvem tecnologias para curar doenças, resolver problemas físicos e mentais.

Por isso, permanece o espiritualismo difuso de nossos dias. Principalmente no âmbito das religiões e crenças, sejam do mundo ocidental como do oriental.

A fé da massa não é abalada por essas descobertas, a não ser a longo prazo, pois a pressão dos fatos modela a cultura, levada a aceitá-los e mudar.

E ainda que a crença em Deus seja obscura e baseada em temor, para a maioria deixar de crer num deus, seja o Alá do Islã ou Jeová dos cristãos e judeus, precipita a pessoa num vazio e num vácuo de insegurança.

No cenário confuso da atualidade, coexistem, paralelamente, com os avanços jamais sonhados da ciência, ledores de mãos, jogadores de búzios, adivinhadores, salvadores carismáticos. As igrejas continuam com seus rituais, pessoas participam de sessões de macumba, vudu, umbanda, quimbanda e outras formas sinérgicas e animastes de crenças, ao lado de aparelhos de ressonância magnética, viagens interplanetárias, teorias sobre o início do Universo e na era da cibernética, da comunicação por satélites, enfim, como diria o humorista, um verdadeiro "samba do crioulo doido".

É preciso atualizar a Doutrina

Diante dessa realidade insofismável, como o Espiritismo se posiciona? Sua mensagem, sua postura, sua forma de atuar está compatível com as novas perspectivas não apenas científicas, mas humanas do mundo atual ?

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Falamos de uma quantidade de exigências morais, de valores que foram deixados de lado, principalmente após a 2ª Guerra Mundial. Seriam esses valores apenas repressores? Todas as doutrinas religiosas teriam falhado?

É preciso atualizar o Espiritismo?

Essa pergunta, óbvia para quem segue o pensamento de Allan Kardec, é rechaçada pelo sistema doutrinário. Por que essa proposta de Kardec permanece no limbo das proibições? Será que o projeto de um Espiritismo dinâmico capaz de evitar o imobilismo, sujeito ao progresso era um sonho irrealizável, uma proposta sem sentido?

Ao dizer que foi Jesus Cristo quem elaborou a Doutrina, com o pseudônimo de Espírito da Verdade, reduzindo o papel de Kardec a um escrevente inteligente, imobilizou-se o pensamento doutrinário, porque, então, como afirmou o Conselho Federativo Nacional, ninguém pode atualizar o que veio do “alto”.

Engessou-se o Espiritismo ficando semelhante aos evangélicos que se fixaram nas letras sagradas da Bíblia e do Novo Testamento e dali não arredam o pé. O que está escrito não pode ser mudado, porque os livros bíblicos foram inspirados por Deus e quem pode desdizer Deus? E a Igreja Católica, que, apesar de encíclicas e perdões históricos, mantém sua doutrina com persistência, para justificar o seu alegado legado de representante de Deus na Terra.

A recusa em aceitar que a Doutrina Espírita é capaz de modificar certos conceitos sem perder sua base, mostra como foi descaracterizada, desviada do sentido que lhe deu seu fundador.

A partir do momento que o Espiritismo foi institucionalizado, começou sua descaracterização, transformado numa seita ligada ao modelo judaico cristão do pecado e do castigo.

A descaracterização básica do Espiritismo iniciou-se bem no começo, pela introdução do roustainguismo. Este está muito mais enraizado do que se supõe, pois até os mais ferrenhos anti-roustanguista, mesmo que não o admitam, foram influenciados pelo apelo cristolatra, base do pensamento de Roustaing, referendado pelo Espírito Emmanuel, um adorador de Jesus Cristo.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Calcado nessa cristolatria, que Allan Kardec jamais admitiu, os egressos do catolicismo encontraram um movimento espírita, de modo geral, tão parecido, em termos, com as características das igrejas, que não precisaram de muito esforço para adaptar-se.

Isso pode ser constatada na prática. Presidentes de Mocidades e Centros Espíritas casam-se no ritual católico, fazem missa de sétimo dia, alguns chegam a batizar seus filhos na Igreja. Não se trata de sectarismo, mas de definição. E centenas de freqüentadores assíduos, participantes e médiuns, na hora “h” “correm para os braços da Madre Igreja, de onde, estruturalmente, nunca saíram.

O Espiritismo para eles é uma grande capa que os agasalha, mas jamais o aceitaram como uma mudança revolucionária na visão de homem e de mundo.

A idéia de atualizar irrita e amedronta os que estão mergulhados nessa visão cristã do Espiritismo.

Um Perfil do Movimento

Recentemente alguém dizia, entusiasmado, que estava freqüentando um centro perto de sua casa. Ele começou, dizendo: “eles ajudam a mais de 80 famílias” e arrematou “não sei se sou espírita.. ouço coisas boas.” Essa é a forma pela qual se caracterizam, de maneira geral, os centros: agências de prestação de serviços comunitários. O que é excelente, enquanto trabalho fraternal, de resto também praticado por clubes de servir, igrejas e organizações não-governamentais. Mas que não parece ter compromisso com a Doutrina Espírita, enquanto proposta revolucionária de entendimento da vida, do mundo e do homem.

Como acentuamos, existe uma confusão generalizada sobre a estrutura e os objetivos do Espiritismo, numa névoa espiritualista, mística, até supersticiosa, em relação aos Espíritos e ao plano extra físico.

Por isso muitos dos que fundam, dirigem e freqüentam os Centros Espíritas, não possuem uma mentalidade genuinamente espírita. Daí, a tendência majoritária de ser antes de tudo “cristão”, que significa, na realidade, manter-se ligado aos rituais e crenças do catolicismo, principalmente.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Podemos especular, nesse sentido, um perfil geral da maioria dos centros espíritas.

1. Quando alguém ou um grupo se decide a fundar um Centro Espírita, qual das alternativas abaixo é a mais decisiva?

- a. "Vamos fundar um centro para estudar e divulgar a doutrina";
- b. "vamos fundar um centro para praticar a caridade material e espiritual";
- c. "Vamos fundar um centro porque o guia de nossa sessão mediúnica mandou".

2. Em seqüência, entre as questões abaixo, qual a que corresponde à realidade da maioria das entidades chamadas de espíritas?

- a. Os dirigentes do centro são estudiosos da obra kardecista;
- b. Os dirigentes lêem e pregam o evangelho;
- c. Os dirigentes lêem e pregam a partir de mensagens espirituais.

3. Como a maioria esmagadora dos Centros Espíritas ocupa a maior parte do tempo em sessões mediúnicas, de vários tipos, das opções abaixo, qual a mais coerente com o comportamento desses centros?

- a. Os médiuns são estudiosos da Doutrina;
- b. As comunicações mediúnicas são passadas por severa investigação;
- c. Quando há um médium principal, ele é tratado como um medianeiro que deve ser, como os demais, submetidos ao critério do exame de sua produção.

4. Por fim, nem todos os Centros estão preocupados com o conhecimento doutrinário, mas quando promovem reuniões de estudos, como é estruturado esse estudo?

- a. Conhecer e aceitar o que está nos livros de Kardec e dos Espíritos;
- b. Ler, analisar, questionar os textos de Kardec e dos Espíritos;
- c. Ouvir preleções sem questionamentos.

Não será despropósito tentar uma apreciação estatística, ainda que aleatória, do perfil dos frequentadores dos Centros, incluindo seus dirigentes, médiuns, trabalhadores:

70% - não tem interesse real na Doutrina, frequenta para obter algum benefício ou por ser uma crença religiosa;

20% - tem algum interesse pela doutrina;

10% - tem real interesse pelo Espiritismo.

Se esse quadro for verdadeiro, o que significa atualizar o Espiritismo? A maioria nem sequer pensa nisso pelo simples fato que não pensa o Espiritismo, quanto mais atualizá-lo.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Quem quer mudar?

Ninguém muda ou se transforma enquanto sua situação, pensamento ou crença o satisfaz. A insatisfação é que cria a necessidade de mudar, de encontrar um novo ponto de equilíbrio, de satisfação.

Existem pessoas que estão frustradas mas que se mantêm indecisas ou apenas questionam teoricamente, sem nunca se decidirem a refazer o próprio caminho. Outras, são apenas insatisfeitas consigo mesmas e projetam essa condição mental para a Doutrina ou o grupo. Nesses casos, não há ligação real com a idéia, ficando no nível dos melindres pessoais superlativos.

Considerando, na melhor hipótese, que cerca de 15% dos que se declaram espíritas, sejam, em princípio, favoráveis à necessidade de atualização do Espiritismo, podemos refletir sobre o que isso significa na prática.

1. O que é atualizar o Espiritismo?

Em primeiro lugar, será preciso definir o que se quer dizer com “atualizar”. Muitos podem achar que atualizar é aceitar adendos de correntes paralelas ou com pontos de contato com o Espiritismo, o que não tem nada a ver.

Atualizar é um processo, é um fluxo aberto, mas com forte base na estrutura fundamental do pensamento de Allan Kardec. É uma abertura constante de questionamento seqüencial, contínuo e equilibrado, fruto de estudo, reflexão e observação. Será motivada por novos conhecimentos, descobertas científicas, filosóficas, políticas. Enfim, em razão de que a Doutrina disse a primeira palavra e foi elaborada por Allan Kardec com abertura para progredir, atualizar-se, conforme a sociedade progredisse.

Em outras palavras, não é uma aventura intelectual, elitizante ou dileitante. É atitude responsável, pensada, aberta e segura, conseqüência de um estar no mundo consciente, atualizado, atuante.

2. O que deve ser atualizado?

Tudo o que, no contraste entre idealizações, formas tradicionais herdadas do cristianismo, enquanto doutrina uniexistencial, repressora e controladora, representar um contrasenso perante a consciência, a mudança

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

de horizontes e descobertas que a inteligência, o bom senso, a pesquisa e a reflexão filosófica mostrarem que não serve para encaminhar a pessoa humana no encontro consigo mesma.

3. Qual a abrangência dessa atualização?

Todo o esforço de atualização deve ser feito na Doutrina, enquanto doutrina. Ou seja, não se trata de adaptá-la a correntes, fundir-se com idéias paralelas, semelhantes. O Espiritismo tem uma coerência, uma definição de seu próprio valor.

Se conseguir superar o ufanismo de se achar a terceira revelação, se conseguir abandonar a ilusão de auto-suficiência e capacidade de abranger todos os aspectos da vida e dar-lhes solução adequada e eficaz.

Se conseguir definir seu objeto, delimitando seu campo e aprofundar suas idéias, poderá auxiliar a humanidade com suportes de concepções e conceitos que servirão, como advertiu Kardec, de subsídios às mutações que se tornarão cada vez mais urgentes para o equilíbrio possível da sociedade.

Prontidão para Mudar

Podemos figurar a estruturação mental que define nosso ser, como a construção de um edifício e, a partir daí, absorvendo e fixando idéias e visões, que determinam nossa postura, nosso entender das coisas.

É como empilhar tijolos de conhecimentos, sedimentá-los. O processo é complexo, mas de qualquer forma, está também dentro dos mecanismos de defesa que desenvolvemos.

No campo das idéias e da fé, por exemplo, crer de forma absoluta, cristaliza a visão das coisas, que serão invariavelmente analisadas dentro do nossa posição conceitual. Criamos um bloco de idéias que definem nosso estar no mundo.

Enquanto esse bloco for mantido, estamos salvos e seguros.

Resistimos tenazmente a abandonar essa segurança.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Referindo-se à resistência do neurótico em superar as neuroses, Freud afirmou que existe um “benefício secundário da neurose” ou seja, embora incomodando, elas se entranham no caráter e a pessoa cria uma acomodação mental que cria uma resistência à superação. Percebe que para superá-la precisa reestruturar-se, desacomodar-se e resistir a esse esforço renovador. Seria como a pessoa que tem um desvio doloroso na coluna vertebral e ao invés de procurar a solução do problema, vai se ajustando, acomodando sua postura de tal maneira que a dor desapareça. Então, ela pode andar torta o resto da vida.

Creio que o mesmo exemplo pode ser aplicado às resistências que temos para reestruturar idéias e crenças. É um processo doloroso, solitário e abre espaços vazios e de dúvidas constantes, até que você alcance um relativo equilíbrio com as novas idéias.

Mudar é um processo desestruturador. É como derrubar paredes construídas, abrir espaços que causam ansiedade. São notórios os casos de “perda de fé” que arrojaram pessoas ao descrédito, à indiferença, ao niilismo e a pensar ou tentar pensar, ao contrário de tudo que pensava anteriormente.

Mudar conceitos significa um redimensionamento estrutural da mente. Referenciais são mudados. Pontos de apoio e formas de entender e até de falar, entram em acelerada transformação. É um processo devastador, mas também libertador.

Principalmente quando essa mudança representar o despojamento de preconceitos e abrir o Espírito para a diversidade, a relação conflituosa do ser consigo mesmo e com os outros e a procura de caminhos capazes de lançar luzes sobre a visão perturbada e nebulosa dos fatos.

Se não acontecer isso, será o mesmo que mudar os mesmos móveis numa sala, dando novo visual à decoração. São os mesmos conceitos, apenas deslocados sem transformação real.

Claro que estamos falando de mudança num sentido positivo, construtivo. Porque não podemos chamar de mudança o simples abandono de idéias, ao transformação das idéias em escárnio ou cinismo e ainda mais em decadência vivencial.

Ou como subterfúgio para mascarar rebeldias sem sentido ou luta pelo poder.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Toda mudança exige maturação de propósitos para não ser mero rompante de entusiasmo ou posição de rebeldia ou fixação opositora.

Sistemáticos e fanáticos não podem suportar mudança, pois isso representa um suicídio afetivo e um desequilíbrio pessoal.

Se a inteligência e o bom senso podem estabelecer os limites para a flexibilidade do pensamento espírita para que não perca sua identidade, a atualização do pensamento doutrinário só será efetivo na medida em que as pessoas estejam prontas para aceitar e reestruturar conceitos.

Porque atualização, mudança, renovação, significam dispêndio e energias, reflexão e decisão para enfrentar o desacordo dos que não desejam ou recusam-se a mudar. Cria-se um hiato, desencontram-se vibrações antes bem afinadas. Amigos se transformam em inimigos, afastam-se ou ficam indiferentes.

Podemos fazer um excelente projeto de atualização, conforme pensou Allan Kardec. Mas só será efetivado se estivermos prontos para a mudança. Ou seja, criar em nós mesmos condições de reestruturação mental, e a ousadia de enfrentar o vácuo que se abre, conceitualmente, enquanto trafegamos da certeza dos velhos padrões, pela incerteza dos novos desafios, até que se consolidem.

A Linguagem

Para atualizar o Espiritismo, nosso maior inimigo, no campo de expressão e mesmo de entendimento, é a linguagem.

Allan Kardec bem que tentou desenvolver uma linguagem que se adequasse ao novo sentido e análise que o Espiritismo faz da vida e das relações entre os “mortos” e “vivos”, mas sucumbiu às necessidades de comunicação e teve que usar palavras consagradas, dando-lhe um significado diferente. Entretanto, não se descarta o significado das palavras tradicionalmente impregnadas na cultura e nos mecanismos mentais fixados no transcurso das existências, que permanecem com uma significação original.

Por exemplo, quando ele fala dos Anjos de Guarda, a tendência é pensar em Espíritos com as formas ou com procedimentos que a tradição

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

católica permeou nossa imaginação. E, por conseqüência, pensa-se no Anjo da Guarda como uma anjo real, alguém, um Espírito de “luz”, para exprimirmo-nos mais espiritistamente, que nos ajuda. As limitações que Kardec dá ao trabalho dos Anjos da Guarda não inibe o pensar neles na forma tradicional.

Além disso, dá o colorido também católico ao plano extra físico, irremediavelmente dividido entre o bem, os Espíritos amigos, Anjos de Guarda, Protetores e os maus, obsessores, perversos, etc.

A linguagem exprime ou forma imagens mentais que se sedimentam. Na memória espiritual permanecem os traços mnemônicos conceituais, pois cada imagem é envolvida numa condição emocional e é a emoção que a traz de volta ao consciente.

Os espíritas gostam de chamar Jesus de “irmão maior”, desclassificando-o da condição de Deus e de parte da Santíssima Trindade católica. Mas pelo modelo roustainguista-emmanuelino que domina nosso movimento, quando se pensa em Jesus, pensa-se no Cristo, na cruz, na manjedoura. Os centros espíritas costumam pendurar quadros, quando não, imagens desse Jesus Cristo idealizado pela Igreja.

Também costumam chamá-lo de Nosso Senhor, linguagem inconcebível, em termos espíritas, mas comum entre os espíritas-cristãos. Esse conflito entre o irmão maior e Nosso Senhor, entre o Filho do Homem e o Filho de Deus, que foi criado pela teologia católica, está muito presente.

Tanto é verdade que não se fala dez palavras no Espiritismo, sem que pelo menos cinco se refiram ao Amado Mestre, ao Cordeiro de Deus, ao que evoluiu em linha reta e outras expressões, denotando que a linguagem trai o sentimento, a idéia, o desejo.

Falar a esses crentes em mudar a Doutrina para que ela seja menos “cristã” e mais “espírita” é o mesmo que tirar a Bíblia dos protestantes.

Artigo publicado, em Julho/2000, no jornal ABERTURA



A IMOBILIDADE E A ÉTICA NO ESPIRITISMO

Wilson Garcia

Quando todos concordam com o aspecto evolutivo do Espiritismo, surpreende ver os representantes do dito movimento oficial se anteporem àqueles que desejam discutir o assunto. A surpresa maior, porém, advém do conteúdo dessas manifestações e, em especial, do caráter antiético que permeia algumas delas. A simples preocupação com possíveis ingerências indevidas na obra básica é perfeitamente compreensível, em vista mesmo dos exemplos ocorridos no passado recente, mas a atitude que condena por antecipação uma viabilidade hipotética é em si mesma um juízo absurdo.

Não interessa aqui analisar as raízes de tal procedimento, mas é pertinente invocar o atraso histórico do conhecimento em razão de atitudes semelhantes, atraso que poderá também se estender ao Espiritismo em decorrência de uma visão estrábica dominante em nossa oficialidade. Na verdade, por detrás desse procedimento está o jogo do poder, que alguns sabem manejar com certa sordidez evangélica, envolvendo a massa ingênua e manipulando-a de acordo com seus fins.

É preciso, no entanto, sem entrar no jogo mas também sem deixá-lo à mercê dos seus supostos donos, fixar um caminho para tratar do assunto, a começar pela constatação de uma certa incoerência existente na própria formulação do tema central: “Deve o Espiritismo Atualizar-se?” Uma vez que a doutrina é dinâmica por natureza, a pergunta surge inicialmente respondida. A sua formulação só tem sentido a partir da preocupação com uma acentuada imobilização que tomou conta da parcela dirigente, manifesta com clareza nos documentos de contestação do congresso. A desculpa (imoral) de que a doutrina é dos Espíritos Superiores e somente eles poderiam modificá-la é utilizada para esconder duas coisas: a verdade, de um lado, e a incapacidade, de outro, de acompanhar o progresso do conhecimento e ao mesmo tempo contribuir com a sua produção.

A verdade que se tenta esconder tem também dois aspectos claros: primeiro, os princípios básicos ou as verdades como tais aceitas e consagradas não estão em questionamento, o que elimina a desculpa; segundo, a doutrina só pode sobreviver se acompanhar a evolução do pensamento humano e das comprovações científicas. Ao subtrair esta parcela da realidade, os contestadores abrem campo para mentir e enganar e, tão grave quanto, para

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

manter o estado de paralisia em que se encontra o movimento, em relação ao próprio conhecimento.

Os exemplos de desrespeito aos textos básicos do Espiritismo, até aqui, têm sido perpetrados com mais frequência no próprio seio da oficialidade dominante. Um dos mais flagrantes deles já comemorou seu centenário. Isso não quer dizer não possam ocorrer em outros setores do movimento ou mesmo fora dele, mas não será esta hipotética possibilidade o valor fundamental para a subversão de um evento que pretende tornar-se fórum de um debate que se espera produtivo.

Os documentos produzidos pela oficialidade, em resposta ao convite para participar dos debates, são o próprio instrumento de sua condenação e atingem com força o cerne dos interesses que os inspirou. Qualquer estudioso poderá constatar que estes interesses prevaleceram, por exemplo, em 1949, quando a oficialidade quis responder ao congresso da CEPA e ofereceu o documento denominado Pacto Áureo. Ao negar-se a participar, a oficialidade aprofunda o fosso que separa as instituições, com mais viva razão quando estimula com virulência inusitada o boicote ao evento. Constate-se: se a fraternidade, a tolerância e o respeito são instrumentos de convencimento da união, só são válidos quando a união atende aos interesses de sobrevivência do poder nas mãos daqueles que o detêm.

A questão fundamental não está no poder, pois este, como constata Roland Barthes, “está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo”. O fulcro está situado nos interesses que o alimentam, determinantes do comportamento ético ou antiético e quando este último está presente costuma conduzir ao imobilismo, à necrose, à morte. Isso é preciso impedir.

Artigo publicado no jornal OPINIÃO, de março/2000

A CEPA E O LAICISMO

Jon Aizpurua

A atitude mais recomendável que podemos adotar quando dialogamos ou intercambiamos idéias com pessoas que dissentem parcial ou totalmente de nossas opiniões é procurar conhecer o fundo de seus argumentos, refletir sobre eles, analisá-los sem preconceitos, ajuizar acerca de sua objetividade e veracidade e, também, conceder-lhe o justo sentido às palavras que se empregam. A comunicação e o entendimento só se tornam possíveis quando respeitamos a verdadeira significação que têm as palavras, conforme aquilo que a dinâmica da linguagem estabelece para cada uma delas. Se pretendemos argumentar a favor ou contra a um conceito, reconhecendo em um termo uma definição que particularmente lhe damos, e que, no entanto, não corresponde ao que os dicionários ensinam, em todas as nossas línguas, não estamos favorecendo um diálogo com espírito pedagógico e finalidade proveitosa.

Bem, tudo isso é apenas para dizer que os espíritas que se opõem ao laicismo fazem-no a partir de uma definição que, subjetiva e caprichosamente, outorgam a esse termo, violentando uma regra elementar do pensamento lógico-racional que recomenda empregar dito termo com a maior precisão semântica e conceptual, ou seja, com seu valor acadêmico. Quem discrepa dessa definição deve, então, esclarecer que está partindo de uma referência própria.

Em todos os dicionários do mundo, **laicismo** é “*tudo aquilo que exclui o eclesiástico ou o confessional*”. Tanto seja quanto ao caráter civil de um governo ou ao tipo de instrução que se reparta em um modelo educativo. Um governo laico é um governo civil, secular, neutro em assuntos de igrejas ou de religiões. Não se coaduna com a verdade pretender identificar laicismo com anti-religiosidade, nem, evidentemente, com ateísmo. Laico não é anti-religioso; laico é arreligioso, ou seja, um terreno neutro em questões religiosas.

Podemos perfeitamente demonstrar, com toda a sorte de argumentos, que a Doutrina Espírita, sabiamente codificada por Kardec, contando com o assessoramento de espíritos superiores, nasceu e foi estruturada com o caráter de uma filosofia laica, livre-pensadora, adomática, assectária, universalista e com uma mensagem imensa de amor, de ternura, de fraternidade e de solidariedade.

Para conhecimento daqueles espíritas que o ignoram, poderíamos reproduzir as resoluções de diversos Congressos espíritas de âmbito mundial,

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

onde, de maneira explícita, se identifica o Espiritismo com o laicismo. Será suficiente, por ora, citar textualmente esta resolução do Primeiro Congresso Espírita Internacional, celebrado em setembro de 1888: “*O Congresso Espírita recomenda um constante esforço para difundir o LAICISMO por todas as esferas da vida. A absoluta liberdade do pensamento, o ensino integral para ambos os sexos e o cosmopolitismo como base das relações sociais*”. Firmam essa Declaração nomes ilustres como José Maria Fernández Colavida (o “Kardec Espanhol”), Pierre Gaëtan Leymarie, Amalia Domingo y Soler, Ercole Chiaia, etc. Torna-se evidente, assim, que o laicismo vem com o Espiritismo desde seus inícios e que foi a partir de infiltrações clericais, como a roustainguista entre outras, que se o começou a descaracterizar, numa tentativa de convertê-lo em uma seita mística de feição salvacionista.

O sentimento laico que é inerente ao Espiritismo foi adotado pela CEPA desde sua fundação, em 1946, na cidade de Buenos Aires. Um setor minoritário que expressava uma postura intransigente conseguiu que a CEPA emitisse uma declaração de cunho anti-religioso no III Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade de Havana, em 1952. Já no V Congresso, na cidade do México, aquela declaração foi eliminada, retornando-se à postura ampla, tolerante, aberta, ou seja laica, que deu origem à Confederação e que se mantém até nossos dias.

Novamente dizemos: a CEPA não pretende adjetivar o Espiritismo. Não estamos propondo um Espiritismo laico. Propomos, simplesmente, um Espiritismo sem adjetivos, que se fundamente nas bases científicas, filosóficas e morais estabelecidas por Kardec e que se enriqueça com as contribuições positivas que encarnados e desencarnados oferecem para o progresso da humanidade.

Artigo publicado no jornal OPINIÃO, de maio/2000

LAICISMO E MATERIALISMO

Milton Medran Moreira

A Voz do Espírito

O jornal A Voz do Espírito (jan/fev.97) traz como matéria de capa a manchete “Espiritismo laico ganha espaço no movimento espírita”, seguido do subtítulo “Teóricos do Grupo de Santos e da CEPA são os idealizadores dessa estranha forma de interpretar o Espiritismo”. A foto que ilustra a primeira página mostra o prédio sede do CCEPA com a legenda “Centro Cultural Espírita de Porto Alegre: a serviço do laicismo”. Na matéria assinada pelo editor do jornal, Josué de Freitas, é assinalado que “o laicismo é uma mentalidade voltada ao materialismo e prega o rompimento do Espiritismo com suas raízes fundamentais: a doutrina de Moisés, através dos dez mandamentos, e os ensinamentos de Jesus. Nega que o Mestre seja o Cristo, o escolhido para dirigir os destinos da humanidade”.

A difícil transição

Em primeiro lugar, quero confessar que gosto do jeito de ser de A Voz do Espírito. Ao contrário de outros órgãos da imprensa espírita cristã, eles dão “nomes aos bois”. Criticam nominando as pessoas e instituições. Essa matéria faz referência expressa à CEPA, ao CCEPA, a Jon Aizpurua, a Jaci Régis e ao Grupo de Santos. Fica, assim, mais fácil o debate. E nada mais saudável que o debate que aprimora as idéias. Mas, no caso, a primeira observação que cabe é a de se verificar que o clássico Espiritismo cristão e evangélico implantado no Brasil pela FEB (e do qual A Voz do Espírito, mesmo se colocando como reformador é ideologicamente adeso), está alarmado com o avanço do Espiritismo, sem qualquer adjetivo. Mas, não devia se assustar. Leiam o artigo “Período de Luta”, na Revista Espírita de dezembro/1863, onde Kardec previa a superação do período religioso do Espiritismo para dar lugar a um período intermediário que o encaminharia ao cumprimento de seu definitivo papel no processo de regeneração da humanidade. Só que estamos muito atrasados nesse processo. Essa caminhada, segundo Kardec, deveria ser integralmente cumprida até o início do Século XX. Estamos começando penosamente, com cem anos de atraso, e sob duras críticas do próprio movimento espírita que deveria estimular a renovação. Que contradição.

Laicismo e materialismo

Erro primário que a Voz tem cometido com frequência é confundir

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

laicismo com materialismo. O Espiritismo que, segundo a afirmação tantas vezes feita por Kardec, “não é uma religião”, é, no entanto, uma filosofia espiritualista. O que esse pessoal custa a entender é que o sujeito para ser espiritualista não precisa ser religioso. Sócrates, Platão, Jesus de Nazaré, Espinosa, Allan Kardec, Rosseau, Voltaire, Einstein e tantos outros eminentes pensadores foram profundamente espiritualistas sem serem religiosos. Aceitaram e até trabalharam a dimensão espiritual do homem, sem qualquer atrelamento religioso. É exatamente isso que o Espiritismo busca resgatar e adequar aos conhecimentos modernos e ao avanço da ciência e do pensamento. Essa visão linear (Moisés-Jesus-Espiritismo) é só uma forma, e bem limitada, de ver a questão. Podia até atender aos anseios do século passado, mas não serve para nossos dias, quando as culturas se miscigenam e explode a globalização. Simplesmente voltar ao cristianismo primitivo seria um retrocesso que desprezaria todas as ricas conquistas filosóficas, políticas, sociais, científicas e psicológicas de dois milênios de múltiplas transformações.

Espiritismo e religião

Espírita jamais pode ser materialista. Seria a contradição das contradições. O Espiritismo, segundo tantas vezes disse Kardec, sem ser uma religião, veio para combater o materialismo, e nisso poderia, se as religiões fossem mais abertas, colaborar decisivamente com o próprio avanço das idéias religiosas. Mas, desde o princípio (e com isso, talvez, nem Kardec contasse), o maior inimigo do Espiritismo não foi o materialismo (muitos materialistas honestos dobraram-se à lógica espírita), mas os religiosos que o combateram tenazmente, a começar por um padre, o Abade de Chesnel que foi o primeiro a qualificar o Espiritismo como religião, e com quem Kardec manteve interessante debate na Revista Espírita de maio e julho de 1859, argumentando que o Espiritismo jamais pretendia ser uma religião e que se o padre quisesse assim interpretá-lo, o estaria jogando num caminho novo. O padre, e depois dele, muitos confrades seus desencarnados, conseguiram, realmente, colocá-lo nesse caminho novo, do qual está sendo muito difícil retirá-lo.

Matéria publicada no jornal OPINIÃO, em maio/97

A CEPA E O EVANGELHO

Milton Medran Moreira

De tanto repetir-se uma mentira, muitas vezes ela passa a ser tida como verdade. Das muitas inverdades que se têm dito acerca da CEPA uma tem sido, ultimamente, repetida tão freqüentemente que recomenda se faça, aqui, um repto, para que não passe, definitivamente, para o rol das pretensas verdades: “a CEPA não aceita *O Evangelho Segundo o Espiritismo*” !

Essa irresponsável afirmação, sem nenhuma base documental, histórica ou concreta, tem sido veiculada insistentemente em panfletos de extremo mau gosto, vulgarmente agressivos e com clara intenção difamatória, visando atingir uma instituição séria, genuinamente espírita e que tem como um dos pilares de sua atuação precisamente a difusão integral da obra de Allan Kardec.

Mas o respeito que sempre devotamos à obra de Kardec não nos impede, e, antes, nos obriga a reconhecer que dentre todos os excelentes livros que publicou, um pontifica como o mais importante: *O Livro dos Espíritos*. Primeira de suas obras publicadas, revista e ampliada poucos anos após por seu próprio autor, é esse o livro fundamental da doutrina espírita. Resultado de um amplo exercício dialético estabelecido entre Kardec e os espíritos, através de médiuns da maior confiabilidade e em vários pontos da geografia mundial, *O Livro dos Espíritos* é uma grandiosa síntese das propostas de caráter científico, filosófico e moral do Espiritismo. Todos os demais lhe são complementares, dedicando-se, com igual zelo, a aspectos doutrinários ou instrumentais mais específicos. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, por exemplo, enfoca aspectos morais e éticos do Espiritismo, analisando-os em consonância com os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Ao ser editada essa obra, as bases fundamentais da moral e da ética espírita já estavam claramente expostas na 3ª parte de *O Livro dos Espíritos*, sob o abrangente título de “Das Leis Morais”, identificadas por Kardec e os espíritos como expressões da própria lei natural ou divina e, por isso, “eternas e imutáveis”. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* tem, assim, caráter de complementaridade, o que não reduz sua importância, especialmente considerando a inserção histórica e geográfica do Espiritismo num mundo de tradição cristã.

Essa análise, que não é da CEPA, mas de todos os espíritas que respeitam, estudam e buscam interpretar a obra de Kardec num contexto histórico e social, não implica em menosprezo a qualquer de suas obras ou

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

afirmações, embora não as tornando imunes a eventuais críticas pontuais, levando-se em conta as naturais influências relativas a tempo, lugar, cultura, tradições filosóficas ou religiosas que impregnam livros, textos, mensagens ou afirmações de Kardec ou dos espíritos, nas chamadas obras básicas. Afinal de contas, a chamada “revelação espírita” foi um trabalho de homens (encarnados e desencarnados) e não de deuses.

Aquele que não assumir perante o Espiritismo, ou qualquer outra proposta cultural, uma postura crítica corre o risco de simplificações facilmente deturpadoras que levam ao sectarismo, ao fanatismo e à intolerância. Uma atitude totalmente acrítica, por exemplo, é aquela que leva muitos espíritas a superdimensionar os Evangelhos ou os chamados “valores cristãos” dentro do Espiritismo, de tal forma que, ao invés de interpretar o Evangelho segundo o Espiritismo, interpretam o Espiritismo segundo o Evangelho, ou, segundo o cristianismo. Subordinam, dessa forma, uma proposta moderna, universalista, construída com vocação permanentemente progressista e atualizável, a uma cultura que, em seus 2.000 anos de existência, teve altos e baixos e que terminou cristalizando condutas e conceitos tidos pela cristandade como “evangélicos”, mas claramente distanciados da mensagem original de Jesus, nem sempre se coadunando, também, com a ética universal, arreligiosa, laica, igualitária, fraterna e espiritual, hoje aspirada pelos povos.

A CEPA aceita e valoriza o Evangelho dos cristãos na medida exata da lúcida proposição feita por Kardec na introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: enquanto expressão de uma ética universal, assectária, válida em qualquer tempo e espaço, expressão da lei natural, “eterna e imutável”, conforme a adjectivação da questão 615 de *O Livro dos Espíritos*.

Freqüentemente, também, têm-se acusado a CEPA de afirmar que “a moral espírita é superior à moral de Jesus”. Ora, na mesma ordem de raciocínio, não cabe supremacia de uma sobre a outra: a moral espírita não é superior nem inferior à moral de Jesus. É exatamente a mesma, com uma vantagem de relevância meramente cronológica: por estar o Espiritismo inserido na modernidade e por se propor a tornar-se expressão de perene contemporaneidade, assimilou os grandes valores humanistas conquistados justamente em oposição à opressão religiosa que a cristandade instaurou em nossa história. Essas características lhe dão mobilidade e transformabilidade, fazendo-o capaz de se utilizar dos signos de seu tempo e de se adaptar ao avanço da ciência, à mutabilidade da linguagem e da cultura e aos padrões socioculturais hodiernos.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Essa é a visão que a CEPA tem divulgado com toda a clareza, explicitando, também, que há uma nítida distinção entre Jesus e cristianismo, o que nos leva a reafirmar estarmos totalmente com os ensinamentos morais do Nazareno, o que não implica aceitarmos as adjetivações dadas ao Espiritismo de “cristão” ou “evangélico”.

Quem não for capaz de entender isso que siga dizendo que o Espiritismo é “o cristianismo redivivo”, “a terceira revelação divina”, etc., mas que o faça sem violentar a verdade dos fatos e sem distorcer palavras alheias, mantendo postura minimamente ética no debate de idéias.

Artigo publicado no Boletim CEPA BRASIL, de dezembro/2.000.

Posicionamento da CEPA

(Transcrição de e-mail do presidente da CEPA, Milton Medran Moreira, dirigido a diversos destinatários, a respeito de ataques da ADE-RS à CEPA)

Amigos de ideal espírita:

A presente manifestação oportuniza-nos dar ciência a quem, eventualmente, não o haja lido do artigo que publicamos no boletim CEPA BRASIL, sob o título “A CEPA E O EVANGELHO”. Aquela manifestação, e não as inúmeras matérias, de autores identificados ou não, que insistem com chavões do tipo “A Cepa quer tirar Jesus do Espiritismo”, “A Cepa não aceita o Evangelho”, etc., representa o pensamento construído e divulgado, responsabilmente, ao curso de mais de meio século pela Confederação Espírita Pan-Americana.

O pensamento da CEPA é sempre claro. Está exposto, sem tergiversações, nos documentos que torna públicos em seus congressos, conferências e, hoje, no boletim CEPA BRASIL, órgão oficial das instituições adesas e filiadas à CEPA no Brasil.

Esse boletim é publicado mensalmente, como encarte do jornal OPINIÃO, órgão do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), que tem plena identidade com a Confederação Espírita Pan-Americana, da qual é filiada.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Nesses mesmos órgãos, e nas sucessivas edições da revista “América Espírita”, que tem circulação mundial, relacionam-se com frequência as dezenas de federações, centros espíritas, associações espíritas, bibliotecas, centros culturais e pessoas físicas que, na América (e agora também na Espanha e França) têm vínculos institucionais com a CEPA. O projeto da CEPA no Brasil, onde já conta com aproximadamente duas dezenas de instituições filiadas e com delegados em inúmeras cidades e Estados, não é de confronto e nem de concorrência com o movimento espírita aqui organizado. A partir de estruturas organizacionais próprias e tendo como inspiração de todo o seu trabalho os postulados básicos da obra de Kardec, a CEPA respeita e busca o diálogo e o intercâmbio com todo o movimento espírita, sem qualquer restrição e sob o lema kardequiano de “trabalho, solidariedade e tolerância”.

Nossa visão de movimento espírita não contempla qualquer sentido de “poder” ou de “dominação”, ou de imposição de idéias. Federações, confederações, associações espíritas, conselhos espíritas, no nosso entender, devem ser órgãos que cultivam a liberdade de pensamento, de ação, de autogestão, dentro de suas concepções institucionais. Buscamos muito mais a “união” de todos os espíritas naquilo que lhes é comum e básico, do que a “unificação”, em uma estrutura de poder estratificada e hegemônica. Para nós, o Espiritismo é uma proposta livre-pensadora e, logo, suas instituições devem preservar sua independência, respeitados os pressupostos doutrinários fundamentais, aos quais aderiram livre e espontaneamente.

Esse nosso perfil não se compatibiliza com agressões, com manifestações de baixo nível, fundadas no “diz-que-diz-que”. Admitimos que o Espiritismo é um pensamento em constante construção, a partir dos fundamentos básicos expostos na obra de Kardec. Daí haver um espaço amplo para o debate, para a atualização constante, mas sempre em termos respeitosos, democráticos, abertos.

Nossos espaços, na pequena imprensa que mantemos, não se abrem a discussões estereis, nem a guerras institucionais contra irmãos de ideal que têm posições em algum ponto discordante das nossas. A nós não interessa quantos centros a Federação “A” ou a União “B” tem ou deixa de ter. Importa que o movimento espírita amadureça a ponto de poder, livremente, criar os vínculos que bem desejar, com quantas federações, uniões ou confederações quiser, sem que umas patrulhem as outras. Há instituições, no Brasil, filiadas à CEPA e que, concomitantemente, mantêm vínculos institucionais com suas

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

respectivas federações ou uniões estaduais. Reconhecemos em cada centro espírita e, especialmente, em cada cidadão espírita, o direito de estabelecer os vínculos institucionais que desejar, com amplos critérios de liberdade. Defendemos, por outro lado, a necessidade de as instituições espíritas respeitarem suas naturais diferenças, convivendo fraternalmente entre si e ampliando espaços dentro dos quais se possa realizar um trabalho conjunto.

Essa, aliás, é uma consciência que está crescendo no Brasil. Recentemente a USE promoveu em S.Paulo o I ENCOESP, reunindo dezenas de federações, confederações, uniões, etc., com a participação de mais de 1.300 centros espíritas. A CEPA participou desse evento e iniciou produtivo intercâmbio não apenas com a União das Sociedades Espíritas de S.Paulo, da qual foi parceira naquele grande evento, mas com inúmeras outras instituições lá presentes.

A respeito disso, estamos, além do artigo já citado, anexando o editorial "Rumo à Síntese de Kardec", que estamos publicando no jornal Opinião (jan/fev.2001), e o artigo "A Cepa e o Encoesp", que publico em "A Palavra da Cepa" no boletim CEPA BRASIL, encartado na mesma edição.

Isso representa a palavra oficial e autêntica do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, órgão responsável pelo jornal Opinião, e da Confederação Espírita Pan-Americana que edita o encarte aludido.

Tanto um como outro desses órgãos estão à disposição para a publicação de matérias que se inspirem nesses pressupostos de respeito ao pensamento espírita e que, de alguma forma, contribuam com esse ideal de unidade do pensamento espírita, naquilo que lhe é essencial.

Não abriremos espaço, entretanto, jamais, para o debate estéril, agressivo, semeador da desunião ou voltado para a difamação ou para a calúnia.

Quem preferir esse caminho, continuará falando sozinho.

A CEPA não se prestará jamais a esse comportamento panfletário e irresponsável.

Com um abraço cordial,
Milton Rubens Medran Moreira
Presidente da CEPA.



EVANGELHOS, EVANGELIZAR E EVANGELIZADOR

Carlos de Brito Imbassahy

O conceito de *Evangelizador* espírita foi introduzido em nosso meio pela Federação Espírita Brasileira (FEB) com o único intuito de difundir Roustaing e seus “quatro evangelhos” inteiramente contrários à posição de Kardec.

A figura do evangelizador nunca foi idealizada por Kardec em nenhum momento, Nem mesmo em seu terceiro livro da Codificação que trata dos textos em tela, ele jamais admitiu a sua existência.

Além disso, esta obra não é um panegírico dos livros bíblicos contidos em O Novo Testamento.

Pelo contrário, é um ensaio e crítica do mesmo, chegando a ponto de condenar alguns de seus textos.

Leiamos, por exemplo, o que Kardec diz no cap. XIV de O Evangelho Segundo o Espiritismo, no item 6, ao fim (tradução da FEB 105ª ed., pg 247), sabendo-se que não é a melhor versão do texto original. Assim mesmo, leiamos, referindo-se a Jesus:

“se certas proposições suas se acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que se lhe atribuem foram ou mal reproduzidas ou mal compreendidas, ou não são suas”.

Ora, portanto, Kardec não endossa plenamente os evangelhos e, como tal, não poderia adotar o evangelizador cujo único fito, atualmente, é o de tumultuar a divulgação doutrinária em detrimento dos verdadeiros ensinamentos do codificador.

E nem podemos dizer que seja para pregar a moral cristã em nossa meio porque ela fere frontalmente os conceitos básicos do Espiritismo.

Senão vejamos:

Segundo os evangelhos cristãos, o que salva a criatura é crer em Jesus, aceitá-lo, mesmo que seja no momento agônico, independente de seus atos de vida. Este terá o lado de Deus no julgamento final, mesmo que tenha tido uma vida de crimes e falsidades. Já aquele que não teve essa

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

oportunidade, estará condenado às penas eternas, independente de ter sido uma boa pessoa e só cometido atos bons.

Outro ponto evangélico controverso e que fere frontalmente o Espiritismo é não aceitar a reencarnação, em hipótese nenhuma nem admitir que nos comuniquemos mediunicamente com os desencarnados.

Poderíamos arrolar uma lista enorme de choques existentes entre os evangelhos e o Espiritismo, mas bastam os dois fundamentais, o primeiro, onde, para a doutrina dos Espíritos, que prega a reforma íntima e o segundo que nos reencarnamos para resgatar nossos débitos cumprindo a lei do equilíbrio universal (a toda ação corresponde uma reação igual e contrária) que, no caso, é o assim *como fizeres, assim achareis*.

Por outro lado, se analisarmos a obra inteira de Kardec, inclusive o Evangelho Segundo o Espiritismo, não vamos encontrar, em lugar nenhum, sua recomendação que se evangelize o seguidor dos ensinamentos dos Espíritos.

Está na hora de darmos um basta ao igrejisimo em nosso meio e abolir as instituições estabelecidas pela FEB com o intuito de difundir Roustaing.

Artigo publicado no Boletim CEPA BRASIL, de março/2001

CONSOLADOR PROMETIDO

Milton Medran Moreira

Cento e alguns anos decorridos desde que o Espiritismo deu seus primeiros passos neste país, o movimento espírita brasileiro vive, quem sabe, o momento de maior efervescência de idéias. Talvez não seja este o período de sua maior popularidade, nem o de maior influência de suas idéias na sociedade. É que, no terreno religioso, no qual o Espiritismo fincou, por aqui, suas bases, o Brasil hoje vê-se praticamente dominado pelas chamadas religiões pentecostais e neopentecostais, fenômeno cultural dos mais expressivos dos últimos tempos, que supera, de longe, qualquer tendência de crescimento de outras facções religiosas.

Mas, a caminhada percorrida até agora permite que os pensadores e líderes espíritas brasileiros busquem um maior fortalecimento interno, com redefinições em seu movimento, com a melhor adequação da mensagem espírita aos padrões de pensamento moderno e - por que não reconhecer? - com algumas propostas de reelaboração de conceitos. Afinal, não era essa precisamente a proposta de Kardec?

Verifica-se, sim, hoje, nos setores mais lúcidos do movimento espírita do Brasil, um amadurecido processo de releitura de alguns conceitos presentes na codificação kardequiana. Esse movimento, é claro, não se propõe a revisar conceitos básicos, tais como o da existência de Deus, a imortalidade, a comunicabilidade dos espíritos, a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados. Mas - e isso é quase um consenso entre todos os que pensam o Espiritismo - as obras básicas, escritas em meados do século XIX, neste apagar das luzes do século XX impõem, pela própria dinâmica que lhes é ínsita, e pelo próprio caráter de progressividade que recomendam, uma adaptação à cultura dos novos tempos. Não fosse assim, estaríamos hoje, ainda, defendendo coisas como a geração espontânea, com a mesma fúria com que os cristãos fundamentalistas defendem o criacionismo bíblico. Essa é a vertente progressista na qual se insere, hoje, a Confederação Espírita Pan-americana, que, embora atuando dinamicamente na América há mais de 50 anos, só de poucos anos para cá, na gestão do venezuelano Jon Aizpurua, tem marcado forte presença institucional no Brasil, com uma visão de Espiritismo nem sempre compartilhada pelos setores mais conservadores do movimento.

Para quem nunca conseguiu ver o Espiritismo como uma doutrina dinâmica, progressista, livre-pensadora, é muito difícil aceitar essa tendência. Pessoas assim lêem Kardec como quem lê a Bíblia. Capacitam-se a decorar

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

mensagens do Codificador ou do Espírito de Verdade como um evangélico ferrenho decora versículos do Velho Testamento. E conseguem, mesmo dizendo-se espíritas, mostrar-se raivosos, como o religioso dogmático de qualquer matiz, contra quem ousa propor algum avanço de interpretação.

A CEPA não tem um posição oficial, e nem poderia ter, sobre cada afirmativa de Kardec. Mas é genuinamente kardecista. Não por admitir literal e cegamente, no limiar do século XXI, tudo o que o insigne pedagogo francês escreveu em meados do século XIX, mas porque adota os princípios fundamentais por ele sistematizados e os desenvolve num contexto progressista e livre-pensador, obedecendo os critérios por ele recomendados e nutrindo-se da estrutura de pensamento que o inspirou.

Ser o Espiritismo “o Consolador prometido por Jesus” não é algo fundamental nesse contexto. Pode até ser aceito por quem se apega zelosamente à letra, ou por muitos que, ainda impregnados do ufanismo que caracterizou todos os sistemas doutrinários surgidos no século passado, sonham com a regeneração da humanidade à luz de uma doutrina única. Mas é também uma afirmação que pode ser contextualizada por aqueles que, atentos ao pluralismo de idéias, que é a tendência do mundo contemporâneo, situam o Espiritismo não como o caminho único da salvação (linguagem, aliás, típica dos movimentos religiosos de massa), mas como uma proposta que se integra a um conjunto maior de idéias, generosas e universais, que avançam no mundo todo, sob várias denominações, no seio de diversificadas culturas, mas unidas contra o sectarismo e a intolerância e pelos nobres laços da fraternidade.

É até possível que Jesus de Nazaré tenha vislumbrado um papel importante para o Espiritismo (ou seja lá como se chamassem uma ou muitas doutrinas que, certamente, haveriam de surgir defendendo os postulados que adotamos), na progressiva tarefa do consolo dos aflitos através do conhecimento. Não, entretanto, como um movimento privilegiado, sectário, exclusivista e messiânico, mas como parte integrante de um grande movimento de idéias, onde a liberdade de pensar, de criar e de falar, a tolerância, o conhecimento, a fraternidade e o amor fossem valores sempre respeitados.

Consideramos, ainda, que cerca de dois terços da humanidade não é cristã. Forma culturas não atingidas pela mensagem de Jesus, embora, freqüentemente, tão ricas como esta, com conteúdos ético-morais com ela coincidentes. Interpretar o desenvolvimento moral da humanidade

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

tendo em vista apenas a linha Moisés-Jesus-Espiritismo podia atender o padrão cultural europeu do século passado. Mas, decididamente, não se coaduna com o mosaico de culturas que, neste final de milênio cristão, busca formas de globalização sem, necessariamente, renunciar às suas diversificadas culturas.



CONSOLADOR OU SÍNTESE?

Milton Medran Moreira

O Século 19

As doutrinas surgidas no século 19 tinham características comuns. Todas elas alimentavam uma vocação globalizante. Seus sistematizadores acreditavam sinceramente que a sua doutrina estava predestinada a uma rápida universalização. Marx apregoava que as filosofias, até então, nada mais tinham feito do que interpretar ao mundo, cabendo ao comunismo transformá-lo em definitivo. Comte projetava um futuro estritamente científico e chegava a guindar a ciência à condição de religião da humanidade. E Allan Kardec?

Allan Kardec

Espírito lúcido, Kardec fez uma trajetória rápida, partindo das mesas girantes e delas evoluindo, rapidamente, a uma sólida doutrina deísta, humanista e espiritualista. Tão claras lhes pareciam as questões propostas pelos espíritos, e por ele sistematizadas com o nome de espiritismo, que não lhe foi difícil supor que, em muito pouco tempo, todo o mundo, pelo menos no ocidente, se tornaria espírita, da mesma forma que para Marx todos seriam comunistas e para Comte todos positivistas. Mas, o que parece ter acontecido é que nem Kardec, nem Marx e nem Comte perceberam a existência uns dos outros, e, mutuamente, hajam subestimado a capacidade que as outras doutrinas, que não a sua, também tinham de se globalizar. Na verdade, essas três visões de homem e de mundo foram as linhas mestras de grandes correntes de pensamento do fim do século passado a esta parte. Materialismo, cientificismo e espiritualismo, com as contribuições que, em cada uma dessas vertentes, trouxeram centenas de pensadores, teóricos e práticos, representaram respeitáveis propostas que moldaram o comportamento, o pensamento e a ação do homem do século 20.

O Consolador

A vocação globalizante do espiritismo manifestou-se através de sua auto qualificação de “Consolador prometido por Jesus”. Sob essa crença, revestiu-se o movimento espírita de uma aura messiânica, salvacionista e ufanista. Acreditou-se e, em larga faixa, ainda se acredita, o herdeiro direto do cristianismo decadente, capaz de restaurá-lo, firmando-se como uma “3ª revelação divina” (Moisés-Jesus-Espiritismo), singelo esquema onde estaria contida toda a realidade do mundo. Essa predisposição hegemônica, mas fundada numa única cultura religiosa, terminou fazendo com que o

movimento espírita praticamente se esquecesse da amplitude das propostas de seu fundador que o definia como uma ciência de conseqüências filosófico-morais, aberta aos avanços do conhecimento e afinada com o progresso da civilização na sua natural caminhada em direção a uma ética universal. Esta é a verdadeira vocação do espiritismo, malgrado algumas afirmações do tipo citado, que nada mais representam do que as idiosincrasias de seus formuladores (encarnados ou desencarnados).

Síntese

É preciso atualizar a linguagem. Onde se lia “consolador prometido por Jesus”, proponho leia-se que o espiritismo, em suas linhas gerais, descontado o entusiasmo de tantos quantos viram nele a crença que seria de todos, apresenta propostas que integram harmoniosamente essa síntese que já se desenha no horizonte dos tempos que amanhecem. Nessa síntese, ao lado de consolidados princípios de liberdade, democracia, justiça e paz, haverá uma sólida cultura do espírito, de sua imortalidade e de sua caminhada progressista. Se o conjunto dessas idéias ainda poderá se chamar “espiritismo” não sei. Mas que são idéias profundamente consoladoras para a Humanidade em direção às quais estamos caminhando, disso não tenho qualquer dúvida, o que, em alguma medida, confirma as projeções de Kardec.

Artigo publicado no jornal OPINIÃO, de outubro/98

ESCOLA OU IGREJA?

Maurice Herbert Jones

*“O que é mal feito não tem futuro;
o que é bem feito não tem fronteiras.”*

Ditado Catalão

Na madrugada de 2 de abril de 1989 o túmulo de Allan Kardec no cemitério Père Lachaise de Paris foi danificado por um atentado a bomba, posteriormente reivindicado por um autodenominado “Movimento pela Supremacia da Razão”. A natureza emblemática daquele insólito acontecimento ficou gravada na minha mente, principalmente pela inexistência de qualquer repercussão no ambiente espírita. Como entender que em toda a cosmopolita Paris aquele “movimento” não encontrasse nada mais representativo da irracionalidade humana que o túmulo de Kardec? Como explicar, por outro lado, que o Movimento Espírita não questionasse as razões desta absurda escolha; não buscasse refletir sobre ela mais profundamente? Para os autores do atentado, o Espiritismo parecia ser simples e perigosa crendice e, portanto, um insulto à razão. Esta, pelo menos, seria a forma pela qual os espíritas eram visto naquele contexto. Analisando o fato não podemos desconsiderar a possibilidade de os espíritas terem fracassado na divulgação de uma imagem mais verdadeira da filosofia espírita, criando assim espaço para a manifestação brutal deste anacrônico “fundamentalismo racional”.

Ora, nenhuma filosofia espiritualista é mais ventilada, assectária, progressista e racional que o Espiritismo cujos princípios fundamentais, pela sua logicidade e clareza, possuem características que podem ser facilmente universalizadas, dependendo somente de alguns avanços no campo das pesquisas sobre a reencarnação e a sobrevivência do espírito.

Esta perspectiva auspiciosa é, porém, obstaculizada pela dura realidade. Um século e meio depois de seu lançamento o Espiritismo continua marginalizado. Sua proposta filosófica fundamentada em uma ciência de observação e com um método de pesquisa e reflexão centrado na dúvida ainda não conseguiu sensibilizar os meios acadêmicos. Esta resistência se deve a múltiplos fatores. A maioria deles, porém, nada tem a ver com aquilo que o Espiritismo realmente é, ou seja, ele é discriminado muito mais pela aparência do que pela essência.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Apesar do enorme esforço do pedagogo Allan Kardec, a identidade essencial do Espiritismo continua a ser um problema não resolvido.

Seria o Espiritismo somente mais uma seita cristã com alguns aperfeiçoamentos, concorrendo no mercado religioso? Nós achamos que não e por isto insistimos tanto no estudo da Codificação com o objetivo de resgatar a projeto original do codificador e descobrir, enfim, o que é o Espiritismo.

Descobrir é afastar a cobertura, penetrando até as bases, os alicerces da construção espírita, conhecer o projeto do arquiteto e até o próprio arquiteto para saber das suas motivações e das influências que recebeu.

Quando usado, este processo prospectivo nos coloca diante de uma realidade perturbadora. A obra não corresponde ao projeto. Existem discrepâncias entre a base e o que sobre ela foi construído. Foram erguidas paredes onde não há bases e, paralelamente, existem bases sobre as quais nada se construiu. As coisas se passaram como se os construtores não conhecessem bem o projeto do arquiteto ou então, mesmo conhecendo, resolvessem, por sua conta e risco, fazer adaptações e acréscimos que lhes pareciam convenientes para a funcionalidade da construção. Ao invés de uma escola decidiram edificar uma igreja.

Ora, este procedimento que subestima a competência do projetista da obra ou que interpreta levemente suas diretrizes é, no mínimo, imprudente e pode resultar em conseqüências desastrosas.

Emille Durkheim, um dos pais da sociologia, disse na obra “Formas elementares da vida religiosa” que “Uma sociedade não é constituída meramente pela massa de indivíduos que a compõem, pelo território que ocupam, pelas coisas que usam e os movimentos que executam; **acima de tudo está a idéia que ela forma de si mesma**”. Para compreender a forma pela qual somos vistos é preciso reconhecer que a autoconsciência que um grupo elabora de si mesmo é um dos fatores explicadores do seu comportamento. Que idéia forma o movimento espírita de si mesmo? Qual a auto-imagem predominante determinando nosso comportamento e a conseqüente imagem que projetamos? Escola ou igreja?

Não é preciso ser observador muito arguto para perceber a predominância de atitudes e de modelos de compreensão que discrepam do

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

autêntico pensamento espírita, como sejam: postura fortemente salvacionista supervalorizando conceitos como Terceira Revelação, Consolador Prometido, Brasil coração do mundo etc; linguagem afetada, religiosa, de quem fala em termos de eternidade; uma certa arrogância, travestida de humildade, característica do detentor da verdade; valorização da fé em detrimento da razão e, por último, o tão reprovado por Kardec “espírito de sistema”, que nos dispensa da verificação experimental.

Se concordarmos que o Espiritismo não guarda relação estreita com esta imagem, algo deverá ser feito, e por nós espíritas. É preciso remover este invólucro, esta máscara que esconde o pensamento espírita para que um dia sua essência seja sua aparência.

O Espiritismo, como se vê, precisa ser descortinado pelo estudo dos seus fundamentos. A cortina sendo afastada, uma luminosidade maior revelará a beleza, a harmonia, a simplicidade e a amplitude do projeto espírita bem como a genialidade do seu arquiteto que estabeleceu os fundamentos de uma doutrina realmente nova, atual, ventilada, dinâmica, funcional, progressista, libertária, assectária, otimista.

O Espiritismo foi bem feito e tem futuro. O problema é que foi mal embrulhado.



O QUE FIZEMOS DO LAÇO ?

Milton Medran Moreira

No dia 1.11.1868, há, portanto, exatos 130 anos, Allan Kardec pronunciava o discurso de abertura da sessão solene realizada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em homenagem ao Dia dos Mortos. Trata-se de um dos mais valiosos documentos históricos produzido pelo eminente fundador do Espiritismo, e, apesar disso, ainda pouco conhecido e, não raro, distorcido por alguns dos que o conhecem. Nele, Kardec fez questão de deixar clara a identidade do Espiritismo que, a par de seu caráter científico, tantas vezes por ele apregoado, tinha uma função eminentemente moralizadora e fomentadora da união entre seus adeptos.

Para simbolizar a união que naturalmente se estabelece entre pessoas que comungam em idéias e sentimentos, como recomendava ocorresse com os espíritas, Kardec se utilizou da metáfora **dolaço** que une essas pessoas e que, originariamente, definia as próprias religiões, entidades destinadas a **religar** “os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e crenças”. Nesse sentido original e filosófico o próprio Espiritismo, no dizer de seu fundador, seria uma religião, pois que é “uma doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza”.

Exposta essa premissa, e, num raciocínio eminentemente dialético, Kardec, no seu famoso discurso, conclui que, malgrado essa acepção originária de religião, à qual o Espiritismo poderia se conformar, **não pode e nem deve** ele “enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado”, devendo, sim, apresentar-se simplesmente como **doutrina filosófico moral**. Isso “porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes” e “na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma que o Espiritismo não tem”. Assim, em nome do amor à precisão e à clareza das quais o pedagogo Rivail jamais se apartou, sua recomendação era no sentido de **não se apresentar o Espiritismo como uma religião**, até porque se ele “se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública”.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Mais claro não poderia ser Kardec. Distorcem-no os que citam seu discurso pela metade para adequar o Espiritismo a uma característica que deveriam ter as religiões, mas que há muito perderam e, notadamente na contemporaneidade, mostram-se absolutamente incapazes de resgatar, na medida em que se apegam a velhos valores que só o pensamento liberto e ação livre investigadora podem debelar. O mais grave, contudo, não é a distorção semântica, mas é o fazer dessa distorção a própria razão da cizânia, da desunião, da exclusão, expediente, aliás, historicamente utilizado pelas religiões.

Ao assim procederem, renegam do termo religião a única acepção filosoficamente aceita por Kardec: a do **laço** capaz de unir pela comunhão de pensamentos, pela fraternidade e pela solidariedade.

Artigo publicado como editorial no OPINIÃO de Novembro/98

NÓS NÃO É O PLURAL DE EU Espiritismo, alteridade e diálogo

Luiz Signates

Uma das coisas mais interessantes que tenho aprendido, estudando filosofia da alteridade, é o alcance e a profundidade de uma frase de Emmanuel Lévinas, o principal filósofo desse campo de estudos: “**Nós não é o plural de eu**”.

Esta frase nada tem a ver com gramática. Tem, sim, um vasto alcance ético-filosófico, pois, ao dizermos “nós”, incluindo outros em qualquer atividade relacionada conosco, isso significa que eles são não o múltiplo do que somos, e sim aquilo que os singulariza: são efetivamente “outras pessoas”, diferentes de nós.

Mas o alcance dessa idéia não pára por aí. A noção de “outro” é extremamente fecunda, indo muito além do individualismo. “Outro” não é simplesmente “outro indivíduo”: filosoficamente, é tudo aquilo que difere do “eu”. É, então, presença de alteridade: diferença, estranheza, novidade, contrariedade, infinitude, ignorância. Assim, quando algo ou alguém me é distinto, estranho, novo, contrário, desconhecido ou incompreensível, ele me é “diferente” naquilo que se revela como tal.

O mais importante nesse raciocínio, porém, não é a obviedade de seu conteúdo (os outros são diferentes de mim), e sim o fato ético gerado a partir dessa constatação, e usualmente esquecido: diante da diferença do outro, eu sou **convocado** a uma atitude. Essa atitude, ao mesmo tempo que me **revela** (mostra quem eu de fato sou), me torna **responsável** (eu me ligo ao outro, por meio dela).

Diante do outro, enfim, posso ter diferentes atitudes. Posso ser indiferente: sequer notá-lo, tão diferente se manifesta. É o caso do desconhecido com quem cruzamos na rua, cuja diferença é de tal forma radical que ele nos parece tão igual a qualquer um, e não lhe damos atenção a ponto de nos importarmos com sua diferença. Caso o note, posso rejeitá-lo, sob vários pretextos, todos “justificados” na diferença dele. As manifestações de ostracismo, excomunhão, racismo e assassinio são alguns desses modos de rejeição. Posso, ainda, tolerá-lo, apesar de não o aceitar tal como se apresenta (isto é, com sua diferença), atitude que se pode tipificar em competição, autoritarismo, escravidão, intolerância (que é “tolerar”, no

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

mau sentido) e até em busca da conversão (religiosa ou não), que só aceita o outro se ele deixar de ser “outro”, desistindo do que o faz diferente.

Emmanuel Lévinas, o principal filósofo do tema alteridade, construiu a frase “nós não é o plural de eu”.

Todas essas atitudes, em termos éticos, se baseiam num único pressuposto: a diferença do outro é ameaça para mim, portanto, devo negá-la, pela indiferença, pela violência ou pela recusa. Nenhuma, por isso, é **diálogo**. E, menos ainda, **fraternidade**. A fraternidade e o diálogo implicam: não ser indiferente ao outro, mas não apenas isso. Também aceitar pacificamente a presença da diferença do outro, mas não só. Deve a diferença do outro ser vista como possibilidade de aprendizado para o eu, mas não basta. É preciso amá-lo, na diferença dele, e não simplesmente “tolerá-lo”.

É essa inteira dependência que a fraternidade e a dialogicidade têm da atitude ética diante das diferenças, que as fazem tão raras e frágeis em nosso mundo. Porque ambas são, na verdade, práticas, e não meros conceitos. Não é incomum, nos meios filosóficos e religiosos, falar-se de fraternidade... de modo antifraterno. No espiritismo brasileiro, por exemplo, a maioria das atitudes de “defesa da pureza doutrinária” inclui-se no caso em que a prática da fala acaba negando os seus próprios conteúdos, deixando-os vazios de consistência ética.

Não se pode legitimamente falar de espiritismo sem praticar sua ética, o que nos traz a convicção de que fraternidade e diálogo são elementos que pragmaticamente o caracterizam. Assim, pensar nas diferenças existentes dentro e fora do meio espírita e nas atitudes que tomamos diante delas é pensar na própria condição de possibilidade do espiritismo – não apenas crido, mas praticado. Não por outra razão, Jesus Cristo determinou que seus discípulos seriam conhecidos não pelo que cressem ou soubessem, e sim pela capacidade de amar que demonstrassem.

Artigo publicado no jornal OPINIÃO de dezembro/2000

JESUS DE NAZARÉ

Milton Medran Moreira

Hoje podemos avaliar quão pretensiosa e autoritária é a afirmativa ainda repetida pelas religiões cristãs de que “só Cristo salva”. Malgrado isso, nem nós, os espíritas, na maioria, fomos capazes de nos libertar inteiramente da postura sectária, exclusivista e excludente a que conduz essa crença.

O Espiritismo, visto sob sua verdadeira natureza, transcende a todo e qualquer modelo religioso, a todas as culturas circunscritas ao tempo e ao espaço. Sua vocação é a busca de uma síntese de caráter universal, arreligioso, não sectário, laico, científico e filosófico-moral.

Nesse afã, recolhe como válidos e estimuladores do crescimento humano os ensinamentos de todos os formadores e reformadores do pensamento humano, do Oriente e do Ocidente, da Antiguidade à Modernidade, encarnados e desencarnados, religiosos ou laicos.

Inserido que está seu processo histórico no mundo cristão e direcionada sua mensagem ao Ocidente, é natural que o Espiritismo haja tomado como parâmetro de comportamento a mensagem de Jesus de Nazaré, apontado, aliás, pelos espíritos como “modelo e guia da humanidade”.

Isso mostra a importância de Jesus para o Espiritismo. Sua mensagem clara, centralizada no amor e no serviço ao próximo, é o núcleo da moral espírita que parte exatamente desses valores para, filosoficamente, demonstrar que o homem, alienado deles, e, portanto, da lei natural, criará para si próprio o sofrimento. E que o sofrimento, longe de ser eterno, necessariamente há de ser superado pela compreensão e pela vivência da lei natural. E que esta não tem religião, não é patrimônio exclusivo de grupos sociais, religiosos ou raciais. É um conjunto de regras aplicáveis ao homem em todos os tempos e em todos os quadrantes, porque é a própria expressão da lei divina, eterna e imutável.

Quando chegamos a essa compreensão, embora não dispensando os guias e os modelos estimuladores do progresso, não nos é lícito eleger qualquer um deles como modelo único de perfeição, muito menos como exclusivo “salvador” da humanidade. Recolhemos, isto sim, seus ensinamentos como saudáveis conselhos ao nosso próprio aprimoramento, certos de que ninguém, nem religião alguma, nos pode substituir nessa tarefa.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Creemos que esta reflexão é a melhor homenagem que podemos prestar a Jesus de Nazaré, e a sua doutrina libertadora, na data convencionada pelos cristãos como a de seu nascimento.

Artigo publicado como editorial no OPINIÃO de dez/97

A FILOSOFIA DE JESUS É UMA COISA. O CRISTIANISMO É OUTRA.

Nícia Cunha

Kardec alertou-nos para o fato de que são diferentes os ensinamentos de Jesus e as doutrinas oriundas da má compreensão de suas idéias.

Estranhamente, ainda grassa no movimento espírita, grande confusão entre as duas coisas. Pena que o codificador, sempre tão cuidadoso com as palavras, a ponto de criar neologismos para evitar duplicidade de interpretação, não tenha sido mais explícito nessa diferenciação. Também seria demais, querer que, àquela época, afrontasse tão diretamente as forças religiosas vigentes, pois, se queimavam livros, poderiam voltar a queimar pessoas. Ainda hoje “queimam”, de maneiras não tão dolorosas fisicamente, mas certamente com o mesmo grau de intolerância.

Assim, não é inadequado dizer-se que cristianismo é exatamente a deturpação das idéias veiculadas por Jesus. E seu ensinamento ético/moral, autêntico, poderia ser, a título de ilustração, o “Jesusismo”, dado que Jesuitismo já foi anteriormente usado e muito mal.

Os primeiros apóstolos saíram a propagar as idéias de Jesus, visando mudar moralmente as criaturas. As instituições religiosas, surgidas principalmente a partir de Paulo, o Apóstolo, (um judeu) e do Imperador Constantino, (um romano) acabaram servindo a projetos políticos de dominação, através da imposição de crenças. Isto é, as idéias de Jesus transformaram-se em causas humanas e não divinas. Agregaram-se a elas, por essas e outras vias, cultos e práticas religiosas daquelas duas etnias. Do judaísmo, absorveu algumas simbologias, a prática das promessas e oferendas, como se fosse possível fazer negócios com Deus. Do imponente caráter romano, tomaram as cerimônias, altares, imagens, procissões, estandartes. Essa miscelânea deu origem ao catolicismo, sendo daí em diante, mais conhecida, a triste trajetória do cristianismo sob diversos credos.

O incrível de tudo isso, é que Jesus não tinha sobrenome. No máximo, era o “Nazareno”. “Cristo” é um apelido que os judeus lhe pregaram. A palavra significa “o messias” e ele mesmo nunca se auto denominou assim.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

A Pôncio Pilatos, que lhe perguntou se era o messias, respondeu: “- Vós o dizeis ...” É mais do que patente, que judeus e romanos nunca compreenderam Jesus, nem o que ele significava e muito menos o que pretendia. Portanto, “Cristo” é uma contrafação, um mito perpetuado.

Hoje e infelizmente, a maioria dos espíritas brasileiros briga para herdar essa cultura judaico-cristã, agregando-se esse último adjetivo. Tornaram-se “espíritas crentes”, do tipo evangélico ou católico. Deviam preferir, conforme recomendação de Kardec, apenas modelarem-se pelo caráter de Jesus, deixando a louvação de lado, pois certamente que Jesus, tão bom, simples e modesto, deve ficar constrangido com tanta bajulação, além do mais, inócua. Porque o deificam, mas em geral não lhe prestam o tributo da decência, de um comportamento socialmente ético e moral.

Embora se afirme que o espiritismo é o “cristianismo redivivo” querendo significar uma retomada aos eternos e bons princípios pregados por Jesus, o que atualmente se vê no meio espírita, é a revivescência da idolatria da sua figura. Por atavismo religioso e ignorância do que seja o Cristo Mítico, promove-se a sua entronização, colocando-o indevidamente em altares físicos e mentais, na posição de Deus.

Nem Jesus nem Kardec criaram religiões. Ambos disseminaram idéias, recomendaram integridade moral e uma íntima ligação com o Criador. As religiões foram inventadas por seus seguidores equivocados, em nome dos dois e em nome de Deus. Sem nenhuma procuração... Toda vez que o homem se põe a falar e a dar ordens em nome de Deus, erra. A ciência da evolução, tão cara aos espíritas, vem demonstrando que Deus deseja mesmo é que o homem simplesmente viva, passando por aprendizados, aperfeiçoando-se e seguindo o curso normal das experiências. Sem pressa, sem afobações, por séculos, até atingir estágios superiores de conhecimento e elevação espiritual. Não tem salvacionismo que o livre dessa trajetória, porque já nasceu salvo e destinado à perfeição relativa e à felicidade.

Quando se afirma que o espiritismo não é uma religião, conforme a própria definição de Kardec, os partidários da vertente religiosa, quase sempre exaltados, tendem a reagir de modo emocional e dogmático, tachando a corrente contrária de herege e afirmando sem razão, que ela deseja tirar Jesus do espiritismo. Toda essa animosidade origina-se na incompreensão da diferença entre sentimento religioso e prática religiosa, absolutamente diferentes entre si. O primeiro, é intimista, reservado, latente e exclusivo

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

entre Deus e a criatura. A segunda é exteriorizada, teatral e predominantemente pública. Quase sempre alienada e hipócrita, como notou o próprio Jesus (“Quando orardes, não façais como os publicanos ...”).

O espiritismo é uma filosofia ética e moral, com conseqüências religiosas. Isto é, ao inteirar-se da grandeza cósmica, do perfeito funcionamento da criação à qual ele está integrado, o homem evoluído fatalmente tenderá a reverenciar a divindade suprema, criando laços fraternos com seus iguais, ligando-se ao projeto de Deus e não religando-se a Ele, propriamente dito. Sempre com o consentimento da razão, segundo Kardec, e portanto, sem amarras dogmáticas, sem superstições, sem quaisquer práticas místicas.

Religação = religião, é impossível, por dois motivos: Primeiro, pela etimologia das palavras. Os doutores Carlos Imbassahy (pai e filho) ensinam que as duas palavras latinas têm radicais diferentes: *religo*, *religas*, *religat*, *religamus*, *religatis*, *religant* (indicativo presente) *religavi* (pretérito) *religatum* (supino) e *religare* (infinitivo) Em nenhuma das formas aparece o “i” de *religio* ou *religiones*. Segundo, e conceitualmente, porque só se religa o que foi desligado. E como o espiritismo não adota a teoria do pecado original, não pode crer que houve ruptura da relação homem/Deus, pelo pecado original, necessitando da figura de um “salvador” para restabelecer a ligação.

O reverenciamento dispensa os salamaleques religiosos que inventou o homem primitivo e imaturo, para relacionar-se com Jesus e Deus. Todos os ritos, cultos e práticas místicas, derivam-se de interesses ou sentimentos de medo e subserviência, existentes na criatura ignorante da verdadeira natureza divina, que dessas coisas não necessita. Em estágios evolutivos atrasados, faz parte da psicologia humana, transformar fenômenos desconhecidos, em fenômenos sagrados ou religiosos. Por isso é tão arraigada no homem terreno, essa necessidade ritual e litúrgica. Acostumado a pompa e circunstância no trato com os poderosos da terra e atribuindo caráter humano à divindade, imaginou ser necessário comunicar-se com ela, por essa via infantil. Que deve ser superada, até mesmo por recomendação de Kardec: “O espiritismo não é a religião do futuro, mas o futuro das religiões”. Mais claro, impossível.

Essa maneira primária de relacionar-se com Deus é que explica o fato de algumas instituições espíritas adotarem sistemas de trabalho que vão assemelhando-se cada vez mais a missas e cultos repetitivos, simplórios, ingênuos, cheios de “melosidades”, com ambientação solene e sagrada de catedrais, utilizando cantorias, prédicas de sermões de convencimento “cristão”.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Tudo muito distante de uma certa Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, criada por um senhor chamado Kardec, nos idos de 1858, onde se pesquisava, se instruía e se amava.

Definitivamente, não é mesmo racional acreditar-se que Deus precise de nossas exteriorizações, ou de corporações, para sustentar a fé. Essas são coisas de política institucional humana. Só que o espírita, em geral, ainda não se deu conta disso.

ESPIRITISMO CRISTÃO

Milton Medran Moreira

Porto Alegre, setembro 1997.

À Editoria do jornal
A VOZ DO ESPÍRITO

Sobre a matéria “Grupo laico contesta artigo da Voz”, publicado na edição 86 desse jornal, permito-me fazer as seguintes considerações que espero, como é praxe desse periódico, mereça acolhida e publicação com o mesmo destaque da matéria original:

A CEPA (Confederação Espírita Pan-Americana) e o CCEPA (Centro Cultural Espírita de Porto Alegre) têm posição muito clara e várias vezes reafirmada acerca da importância de Jesus de Nazaré para a doutrina espírita. Seus ensinamentos, abrangendo conceitos de validade universal, têm conteúdos coincidentes com aqueles desenvolvidos na 3ª parte de O Livro dos Espíritos que os amplia em linguagem e parâmetros compatíveis com a modernidade.

Afirmar-se, daí, ser o Espiritismo “cristão” entendemos constituir-se em equívoco, tanto sob o aspecto semântico quanto histórico, já que o Cristianismo, doutrina estruturada por Paulo de Tarso, é posterior a Jesus que, na verdade, nunca foi cristão. Ao curso de quase 2.000 anos o Cristianismo firmou postulados que têm contornos claros, definitivos, e com os quais a doutrina espírita não compartilha, tais como: a divindade de Jesus, sua condição de “único Senhor e Salvador”, e a unicidade de vida, entre outros. São os dogmas cristãos, radicais e inseparáveis de sua doutrina. Quem não os aceita não tem o direito de se dizer cristão. Dessa forma, o Espiritismo, ou qualquer outra doutrina que, não aceitando aqueles princípios, se diz cristã, estará, ao fazê-lo, usurpando qualificativo que não lhe pertence, e que foi construído ao curso desses dois milênios.

O Espiritismo que, segundo Kardec tantas vezes afirmou, não é uma religião, tampouco, dessa forma, é cristão.

Allan Kardec, como tantos outros pensadores, pode até ter sonhado que o Cristianismo um dia pudesse se reconciliar com Jesus. Hoje, ao fim do

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

século XX, quando se multiplicam as religiões cristãs que adotam idéias e posturas tão contrárias à moral de Jesus (embora indiscutivelmente cristãs, porque apoiadas naqueles pressupostos), e tão distanciadas da ética espírita, é absolutamente contraproducente ao Espiritismo dizer-se cristão.

Dessa forma, se não por critérios semânticos e históricos, pelo menos por essa razão estratégica (a de não ser confundido com as tantas religiões cristãs que proliferam em nosso meio), não convém ao Espiritismo insistir nessa adjetivação.

Temos procurado deixar bem claro que nossa posição não é anti-religiosa ou anti-cristã. Mantemos, isto sim, uma postura arreligiosa e laica. Isso não impede de admitirmos que talvez não houvesse outra forma de as idéias espíritas se popularizarem no Brasil e na América Latina, a não ser por meio da religião espírita, contra a qual, aliás, também nada temos.

O que entendemos, isto sim, é que é hora de avançar. E para avançar é imprescindível que nos definamos corretamente.

Na verdade, não somos tão poucos os que assim pensam, como a matéria busca fazer crer. Aliás a matéria publicada na edição de janeiro de A Voz partira exatamente da constatação do crescimento da visão laica do Espiritismo no Brasil. Na verdade, a adesão que, ao natural, está ocorrendo às idéias que divulgamos tem surpreendido até a nós próprios. A CEPA, como instituição, também tem experimentado acelerado crescimento. O que não se pode é querer avaliar o crescimento de um movimento pelos valores em dinheiro que dispense. A CEPA (talvez pouca gente saiba disso) tem mantido uma praxe pouco usual no movimento espírita: sempre que viajamos em atividade doutrinária, suportamos pessoalmente nossas despesas. Assim procede o presidente Jon Aizpurua em suas múltiplas viagens internacionais, e assim temos procedido nós outros que aderimos à CEPA, quando nos deslocamos a convite de grupos ou instituições espíritas interessados em discutir as idéias que temos divulgado. Isso, evidentemente, aliado a uma estrutura institucional singela e não burocratizada, reduz em muito o movimento financeiro de nossas instituições. De qualquer forma, isso é questão de somenos importância. Estamos trabalhando com idéias e esse é o patrimônio mais caro para nós.

Sobre se estamos ou não “a serviço de Deus”, e sobre serem os evangélicos, ao contrário dos laicos, “os verdadeiros espíritas”, como foi

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

colocado na matéria, não nos parece conveniente discutir. O movimento espírita, nas suas diversas vertentes, tem que aprender a administrar suas contradições sem esse tipo de classificação que coloca de um lado os “bons” e de outro os “maus”. Essa dicotomia, tão do gosto das religiões, nada constrói.

A CEPA tem entendido que nossas divergências não são tão profundas a ponto de impedir o diálogo construtivo e enriquecedor. Para a consecução, aliás, desse objetivo o jornal “A Voz do Espírito” tem dado sua expressiva colaboração, na medida em que dá divulgação, mesmo que para criticá-las, às idéias que divulgamos. A publicação na íntegra de nosso artigo anterior e, esperamos, também desta manifestação, possibilita ao leitor o exame dos argumentos que usamos e daqueles que têm se constituído na linha editorial desse jornal, que respeitamos. Ao leitor, atento e preocupado com os rumos do movimento espírita, caberá avaliar uns e outros. Talvez nem todos os que tomarem contato com nossas idéias contrárias ao espiritismo evangélico considerem nosso laicismo um “doentio anti-religiosismo”. Quem sabe possam vislumbrar em nossas posições o esforço honesto de um grupo de espíritas dispostos a mostrar uma visão de Espiritismo que, sem ser religiosa, é profundamente ética e moral, com raízes nas propostas de Kardec e com objetivos afinados com o caráter progressivo e progressista da doutrina.

Atenciosa e fraternalmente,

Milton Rubens Medran Moreira

2º Vice-Presidente da CEPA

Diretor de Comunicação Social do CCEPA.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

CEPA - MITOS E VERDADES

Jon Aizpurua

Sob a denominação acima, realizou-se um colóquio no C.E. José Barroso, integrando a Semana da CEPA de São Paulo. Oportuna realização, pois, como se sabe, têm circulado por esse imenso Brasil comentários e críticas sobre a Confederação Espírita Pan-Americana que não correspondem ao seu verdadeiro perfil doutrinário e a seu projeto institucional. Por desconhecimento de alguns, ou por intenção de outros, levantaram-se muitos mitos e poucas verdades, e isso nos obriga a reivindicar espaços à informação veraz, colocando as coisas em seu devido lugar.

Durante anos, ocuparam-se em dizer que a CEPA “queria tirar Jesus do Espiritismo”. Ante as contundentes respostas oferecidas por líderes e escritores espíritas no Brasil e no mundo demonstrando, com provas evidentes, que o único Jesus que precisa separar-se do Espiritismo é o que tem sido distorcido pela mitologia roustanguista, mística ou cristolátrica, hoje parece suspensa aquela mensagem desqualificadora.

Ocorreu-lhes, então, dizer que “a CEPA é estrangeira, e, portanto, não lhe cabe atuar no Brasil”. Curiosa afirmação: os mesmos que, em uns casos, argumentam que “o espírito não tem pátria nem nacionalidade”, e que “os espíritas somos irmãos em ideal em todo o mundo”; os mesmos que enviam oradores, médiuns, revistas e livros para o mundo todo e que organizam sociedades espíritas em diversos países, são aqueles que disseram não poder uma Confederação Pan-Americana atuar em um país do continente americano, como é o Brasil. Felizmente, não mais o dizem, pois eram demasiadamente óbvias suas incoerências e contradições.

O cúmulo das falsificações ocorreria com mensagens deste tipo: “nos centros espíritas adesos à CEPA, não se aceita a oração; rechaça-se o passe; nega-se a prática da mediunidade”, ou até que “não se segue Kardec”, etc. Afirmações gratuitas que não encontram sustentação em nenhum livro, documento ou resolução da Confederação, pela simples razão de que são absolutamente falsas.

O novo mito que constatamos na recente visita ao Brasil, e que tem a clara intenção de frear o avanço dos ideais espíritas progressistas e livre

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

pensadores defendidos pela CEPA desde sua fundação em 1946, é este: pedem àqueles centros espíritas que, por decisão própria, convidam um dirigente da CEPA a fazer uma conferência, participar de um simpósio, etc., que “suspendam todo o tipo de relação com a CEPA, porque ela quer se apoderar de sua sociedade...”.

Algumas perguntas se impõem: Não é esse um comportamento de molde inquisitorial? Atitudes assim se coadunam com a mensagem ética, fraterna, respeitosa e aberta do Espiritismo? Não é disso que o Espiritismo sempre reclamou ante o sectarismo, a intransigência, a intolerância, nos meios religiosos dominantes em nossa sociedade?

Também esse mito será enfrentado por nós, e, como sempre, com nosso único recurso: a verdade. A CEPA é uma instituição “sui generis”: não possui bens materiais, nem domicílio fixo. É um ente coordenador, que facilita o encontro de federações nacionais ou regionais, centros, institutos, sociedades e bibliotecas espíritas, assim como de pessoas que entre si compartilham os ideais espíritas e lutam por eles, com a intenção de divulgar o Espiritismo numa escala pan-americana e internacional; defendê-lo das agressões a que se vê submetido; fomentar o estudo das teses espíritas e contribuir com sua permanente atualização, colocando-o em sintonia com os avanços culturais, sociais e científicos que vão acontecendo no mundo.

Quando uma sociedade espírita adere ou se filia à CEPA, simplesmente estabelece uma relação fraterna e democrática de cooperação mútua e de relacionamento com todas as demais instituições que a integram. Uma relação que, de nenhuma forma, significa ou permite qualquer limitação a sua autonomia interna. Então, se a CEPA não possui patrimônio material algum, se seu domicílio vai mudando de nação a nação, conforme as decisões adotadas em cada congresso pan-americano, é de se indagar: como se pode dizer que a CEPA deseja “apoderar-se” de algum grupo em algum país?

Por favor, amigos do Espiritismo religioso: respeitem mais o povo espírita brasileiro e não insultem tanto sua inteligência. Os espíritas sabem discernir quando um argumento tem fundamento e quando, simplesmente, é uma invenção para ofender e desqualificar! Ponhamos em prática a lei do amor e da caridade, e vamos dialogar com sinceridade, respeitando a verdade e não inventando mitos. Façamos a crítica honesta,

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

colocando à frente a nobre missão a que todos os espíritas, sem exceção, estamos convocados: lutar por uma maior e melhor divulgação de nossa querida Doutrina Espírita para que ela ilumine, qual estrela polar, o caminho da humanidade rumo à regeneração moral e social, alcançando seus melhores destinos.

Artigo publicado em CEPA BRASIL, encarte do jornal OPINIÃO, de maio/99



CEPA - O GRANDE EXEMPLO

José Joaquim Fonseca Marchisio

A espiritualização do homem tem sido marcada, historicamente, pelo continuismo do modelo. Repetindo-o indefinidamente, temos nos mostrado incapazes de recriar um novo. Senão vejamos: quando os hebreus instituíram o seu padrão ritualístico e doutrinário foram buscar inspiração nos cananitas, povo tido por pagão, que, por sua vez, deve tê-lo buscado em outro povo da antigüidade.

No esforço da espiritualidade em criar um novo padrão no relacionamento humano com o divino, surge o cristianismo, com uma estrutura revolucionária, tanto no sentido doutrinário quanto ritualístico. Entretanto, a partir de sua institucionalização, é no hebraísmo que vai buscar modelo para sua estrutura teológica e ritualística.

Depois de dezesseis séculos, nova tentativa da espiritualidade através de Lutero, repetindo o esforço de mudança. Mas o espaço disponível para mudar era escasso. Corrige os excessos, mudando algumas coisas, substancialmente, das quais destacamos duas: a desinstitucionalização ostensiva da estrutura clerical (não há no protestantismo um Vaticano), e, a segunda, o enfoque interpretativo dos evangelhos, deixando de valorizar a miséria e a condição de pobreza como fatores essenciais para o ingresso no reino dos céus. Simplificou. Mudou. Mas na essência os conceitos teológicos seguiram os mesmos. E a experiência foi parcialmente vitoriosa, permanecendo o método hebreu.

Por fim, tivemos novo esforço da espiritualidade em mudar de forma mais incisiva, através dos espíritos, em meados do século 19. O movimento foi grande, a mobilização sem precedentes para processos dessa natureza, e a seu favor o cenário de maiores luzes no contexto humano: a negra era do obscurantismo fora clarificada pelo archote do conhecimento que vinha como um furacão, alterando profundamente a visão e a compreensão humana, em todas as frentes do conhecimento. Kardec capitaneia essa verdadeira revolução, que é a codificação do Espiritismo, estabelecendo novos conceitos, uma nova ordem que, em princípio, era absolutamente incompatível com o modelo institucional até então conhecido em todos os sentidos que desejamos analisar. Mas a nossa teimosia foi maior e terminamos por conciliar o inconciliável. Desfigurar a doutrina dos espíritos não foi tão difícil

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

quanto podia se crer. Cria-se uma analogia aqui (umbral=inferno), uma idolatriazinha ali (Bezerra, o pai dos pobres: santificação), uma figura estranha acolá (roustanguismo); mantêm-se alguns hábitos populares (passe magnético = hóstia); constrói-se uma sede portentosa e...pronto! A receita está completa para que a experiência esteja integralmente repetida.

Entristece-nos ver a desfiguração do pensamento dos espíritos e o próprio Kardec relegado a um plano secundário em detrimento de conceitos que longe estão do doutrinariamente correto. E o que é pior, tudo isso é feito a partir da ignorância doutrinária e do atavismo ou limitação cultural.

Nesse sentido, o exemplo que a Confederação Espírita Pan-Americana nos oferece é generosamente rico, pois parte da premissa kardequiana pura no esforço de resgate doutrinário. Para esse esforço, uma das suas bases é não impor uma estrutura pesada às instituições adesas, pois tem a convicção e que a estrutura é o grande convite para o repetir do modelo. E se analisarmos bem, foi esse o ponto crucial, pois sempre que as doutrinas se fortaleceram junto ao poder temporal debilitaram-se junto ao poder espiritual, pelo simples motivo de que não nos será possível servirmos a dois senhores. E a CEPA nos oferece um exemplo prático de despojamento, humildade, simplicidade e, o mais importante, eficiência na sua forma de agir e atuar, priorizando o que é, deve e precisa ser priorizado: a doutrina e o movimento.

Poucas vezes se parou para analisar as causas reais da falta de dinamismo do movimento espírita. E se houve de parte deste vontade de repensar, o exemplo da CEPA é, sem dúvida, uma alternativa importante e inteligente a ser seguida. Pois que dinamismo não se prega. A idéia tem que ser por si só dinâmica. Do contrário, o cristianismo nascente teria fenecido ante as dificuldades de seu início.

Artigo publicado em março/98, no jornal OPINIÃO

DOGMATISMO, IMOBILISMO E AUSÊNCIA DE FRATERNIDADE

Nícia Cunha

Em sua edição nº 283 de março de 1999, o Jornal Espírita, publicação da FEESP, Federação Espírita do Estado de São Paulo, traz um artigo do Sr. Bento Oly Barros Ortiz, denominado “CUIDADO CONSTANTE COM TARTUFOS, EMBUSTEIROS E TRANSFORMADORES” no qual afirma que a CEPA - Confederação Espírita Pan-americana induz seus seguidores a crerem que Allan Kardec cometeu um equívoco ao publicar a obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Afirma ainda que a CEPA propõe um tema para o XVIII Congresso Espírita Pan-americano, que pretende a modificação de *princípios e postulados doutrinários* codificados por Kardec, chamando seus realizadores de “transformadores” e demais adjetivos do título da matéria.

A linguagem hostil e ofensiva não se coaduna com o caráter universalista espírita, sempre pacífico, tolerante e respeitoso para com todos, mesmo em relação aos seguidores de outros credos. Portanto, deveria ser ainda mais fraterno em relação aos próprios companheiros de doutrina. A agressão infeliz demonstra que alguns espíritas ainda trazem entranhadas, a intolerância e perseguição religiosa ancestral, contra os “delitos de opinião”.

A CEPA realmente não aceita definir o espiritismo como religião. Evidentemente, não nega que seja uma doutrina com conseqüências religiosas, o que é coisa muito diversa. Embora a sutileza da diferença, nem sempre perceptível ao pensamento dogmático, esta é exatamente a posição de Kardec, a cuja fidelidade a CEPA se reporta. Mentestratificadas em pensamento rígido não conseguem diferenciar *prática religiosa* de *sentimento religioso*. A CEPA opta por não criar celeuma, respeita a todos, não interfere nos conceitos de terceiros, não impõe sua visão de doutrina. Se vem ganhando adeptos é exatamente pelo espírito democrático, pela excelência de suas propostas - tal como a filosofia espírita que defende.

A CEPA sabe que “O Evangelho Segundo o Espiritismo” é a terceira obra da codificação. Reconhece que foi escrita com pedagogia específica para demonstrar em que base assenta-se o sentido ético moral tão apregoado por Kardec e pelos espíritos da codificação. Nela ressaltam-se os princípios das leis divinas, paulatinamente revelados à humanidade por vários

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

missionários, complementados pelo pensamento de Jesus, que os sintetizou e acrescentou. A palavra “*Selon*” do título original francês da citada obra, foi inclusive traduzida sem total fidelidade, pois não significa “segundo” mas “conforme”. O que fatalmente subordina o Evangelho ao Espiritismo e não este àquele. Todas as obras da codificação, bem como a Revista Espírita, inclusive os livros publicados após a edição de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” citam e endossam o pensamento de Jesus, o que permite deduzir que Kardec permaneceu coerente com o seu pensamento original até o último livro publicado.

Entretanto, a posição da CEPA é a de que a obra não foi escrita para ser uma “bíblia espírita”- lida de modo fragmentado e rotineiro, como tem sido sistematicamente feito. Nem para servir de base a cultos, que a doutrina não os tem. Essas práticas rituais, introduzidas pelos místicos e religiosos, é que tem dado ao espiritismo brasileiro, características de religião constituída, objetivo jamais pretendido por Kardec. Desse modo, criou-se aqui um espiritismo atípico, transformando-o em apenas mais uma seita cristã, numa visão reducionista de uma filosofia vasta e universal. A infidelidade ao codificador é portanto, dos religiosos, que deturparam conceitualmente a doutrina pela influência místico-religiosa de Roustaing, a quem o próprio autor do artigo rejeita, sem perceber que justamente dessa fonte é que deriva a sua postura dogmática e bíblico-evangélica.

A Doutrina Espírita é maior do que os Evangelhos. Ela não santifica nem cultua religiosamente o texto canônico e nem sequer “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, obra que os retifica e complementa em vários aspectos. A CEPA o acata e considera-o essencialmente, como base maior e respeitável.

Dado o caráter aberto e universal da doutrina, qualquer pessoa pode indagar se Kardec estava equivocada ou não, ao atrelar a revelação espírita à filosofia de Jesus, questionando se essa seria uma atitude “politicamente correta” em relação à maioria da humanidade que sequer conhece o Mestre Galileu e seu pensamento. Mas são posicionamentos pessoais que não devem ser atribuídos à CEPA.

É de se lamentar quando chamam Allan Kardec apenas de “codificador” tão somente por estar encarnado àquela época. A maioria dos seguidores da doutrina minimiza sua importância, cometendo tremenda injustiça. Há nisso, um propósito de diminuí-lo, colocando-o no mero papel

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

de secretário, causando deméritos à sua atuação. Como se o fato de Kardec estar encarnado, diminuísse sua grandeza espiritual e capacidade realizadora. Fosse assim e Jesus não teria valor, pois estava encarnado quando andou lecionando por aqui. Diminuir o codificador e exaltar os mentores espirituais, é manobra para excluir a possibilidade de falha. Caracterizando-o como coadjuvante menor, é possível divinizar e sacralizar a revelação espírita, tornando-a irretocável, como se a evolução universal ali cessasse. Evidentemente, reconhece-se sua origem divina, mas crer-se que a codificação foi entregue perfeita e acabada, é um contra senso, pois o próprio Kardec enfatizou que era obra de *elaboração humana*, tendo afirmado também *que não havia dito a última palavra sobre o espiritismo*. Não aceitar essa evidência é endossar o conceito de “*infallibilidade papal*”, só que de maneira própria. Deve-se considerar a tese de que Kardec foi o principal espírito da codificação, só que encarnado. E diga-se de passagem, com a tarefa de desenvolver a parte mais difícil e trabalhosa do projeto. Sem ele, todos os outros, por mais elevados e capacitados que fossem, não teriam concretizado a obra, pois não podiam, segundo ensina a própria doutrina, intervir diretamente na matéria.

Atribuindo a obra espírita somente a Jesus e aos Espíritos Superiores, estabelece-se o mito da intocabilidade. Considerando-os perfeitos e infalíveis, esquecem-se que em âmbito cósmico, eles estavam e certamente ainda estão, circunstanciados aos seus respectivos contextos e patamares de evolução. Não reconhecer isso, é seguramente, negar o conceito evolutivo.

Nessa linha de raciocínio é que se propôs o tema do XVIII Congresso Espírita Pan-americano promovido pela CEPA, a realizar-se em outubro de 2000 em Porto Alegre. É bom ressaltar que ele *não pretende pura e simplesmente modificar princípios e postulados básicos* codificados por Kardec. É incrível como as pessoas lêem uma coisa e entendem outra. O tema do congresso é: “*DEVE O ESPIRITISMO ATUALIZAR-SE?*”

Definido está, que *não se questionam princípios básicos, declarando-se de modo explícito que as obras que a constituem são intocáveis*, como aliás, qualquer outra obra autoral. Mas não isenta de análises. Pode-se perfeitamente criar obras analisando uma outra obra - e é isso que se pretende.

O tema está na *forma interrogativa*, justamente para abrir os debates, considerar argumentos contra e a favor. Se a maioria participante chegar à conclusão de que a resposta é afirmativa, que a doutrina deve estar em

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

permanente construção, segundo os parâmetros evolutivos por ela mesma preconizados, procurar-se-á saber *como, em que e por quem* deve ser atualizada. Esta proposta é uma versão moderna da busca do consenso universal, ferramenta mor utilizada por Kardec, talvez mais transparente agora pela abrangência do debate entre pessoas e instituições. Cabe então, aos espíritas de todos os matizes, que estão democraticamente convidados, manifestarem-se sobre suas posições, defender seus pontos de vista, para dar mais respaldo ao debate.

A simples menção da possibilidade de atualização do espiritismo deixa os dogmáticos em pânico, apesar do claro ensinamento de Kardec, de que o espiritismo jamais ficaria ultrapassado, porque caminharia com a ciência. Através da física, da química, da biologia, da astronomia e de inúmeras outras áreas do conhecimento humano, a ciência atual já demonstrou que considerável percentual das informações científicas constantes da codificação está superado, ao contrário do que afirma o convicto articulista. Evidenciando que apesar da alta inspiração espiritual da doutrina kardecista, os humanos encarnados e desencarnados que a elaboraram não eram deuses que se deve idolatrar, mas precursores, como tantos outros, do conhecimento infinito que devemos progressivamente alcançar.

O DISCURSO DA AMBIGÜIDADE OU A DEFESA DA INTERPRETAÇÃO

Wilson Garcia

“Não nos esqueçamos de que devemos preservar os valores da Doutrina Espírita acima de quaisquer interesses mundanos de proselitismo, de arrastamento, conforme os herdamos de Allan Kardec e dos Mensageiros que o conduziram na elaboração da Codificação, a herança que deve permanecer inviolável através dos séculos”.

“Por isso, o Espiritismo cristão é aquele que poderá levar a mensagem da revelação divina a todos os povos e a todas as crenças, sem perder as suas características e sem fragmentar-se para atender a imposições nacionais ou a diretrizes de guias localizados.”

Os dois tópicos acima foram retirados de citações constantes no editorial do jornal *Mundo Espírita*, publicação institucional da Federação Espírita do Estado do Paraná cujo texto integral foi distribuído pela Internet. São atribuídos a Bezerra de Menezes e à psicografia de Divaldo Pereira Franco. Com base neles e no editorial referido, vamos verificar que a análise dos discursos, sob um enfoque pragmático, costuma revelar aspectos interessantes que uma simples leitura muitas vezes oculta.

Começemos indicando o seguinte: no referido editorial, o autor procura expressar sua condenação ao fato de a FEB haver apoiado o Encoesp, evento patrocinado pela USE de São Paulo e realizado no Centro de Convenções do Anhembi, em janeiro último. Ao condenar o apoio, apresenta como justificativa o fato de que a FEB não podia dá-lo sem contrariar o CFN (Conselho Federativo Nacional), que, dois meses antes, se manifestara contra qualquer atitude que pudesse pôr em risco uma possível unidade em torno da doutrina espírita: *“refutou-se, com veemência, a lastimável e prejudicial idéia da “unificação com indulgência”, segundo o próprio editorialista. O Encoesp, portanto, representa na prática a “unificação com indulgência”.*

Mas o ponto crucial do Encoesp surge a seguir no discurso, na construção desta frase: *“ao dar as mãos à CEPA no I Encoesp, [a FEB] tumultuou e desautorizou as ações visando impedir o avanço do denominado “espiritismo laico”.* Ou seja, o evento do Anhembi atingiu sua culminância mais negativa ao abrir espaço para a CEPA e permitir que a FEB, avalizando o evento e se apresentando por representação lá, contribuiu para o *“avanço*

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

do espiritismo laico". Este aspecto fica reforçado na seqüência da frase, quando se relembra que a Federação Espírita do Rio Grande do Sul vem diligenciando ações contra esse avanço *"muito judiciosamente"*.

Deixemos por ora o editorial e busquemos alguns fatos alhures, importantes à compreensão do discurso. A USE, mentora do Encoesp, havia sido alvo de acusações pesadas em virtude desse evento mas, também, por conta de um projeto colocado em prática, voltado a reunir as diversas instituições no Estado de São Paulo para planejar e executar ações conjuntas de divulgação do Espiritismo. A CEPA se encontrava entre essas instituições, ao lado de outras como Aliança Espírita Evangélica, Associação Médico Espírita etc. A Federação Espírita do Estado de São Paulo fora também convidada, mas recusou-se a participar graças à sua disputa por hegemonia com a própria USE. O Encoesp surgiu a partir da oportunidade de usar o espaço do Anhembi, que foi oferecido pelo Governo em fim de mandato do prefeito Celso Pitta. Ao estruturar em pouco tempo o Encoesp, a USE viu nas entidades participantes da reunião referida anteriormente uma forma de viabilização do evento. Logo, a CEPA não poderia estar ausente.

Constate-se ainda o seguinte: o projeto de reunião dessas entidades resultou em uma declaração de guerra do Instituto de Educação Espírita à USE. Este, que, dois anos antes, havia cedido todo o seu edifício à USE por 15 anos, via assinatura de um contrato de aluguel bastante complexo, sentiu-se no direito de cobrar da USE o seu comportamento, sob a alegação de que a reunião daquelas entidades no seu espaço significava a descaracterização do uso do espaço, permitido somente para instituições "genuinamente espíritas". Em termos claros, o Instituto acusava a USE de um procedimento antidoutrinário. Embora estivesse pagando aluguel ao Instituto e, portanto, gozasse do direito de utilizar o prédio a seu critério, a USE decidiu entregar o imóvel e assumir elevados prejuízos financeiros, para não se ver tolhida em seus movimentos. Por outro lado, o Encoesp também gerou pesadas críticas à USE, vindas de parcelas do movimento espírita paulista sob a inspiração do recentemente falecido Dr. Ary Lex (ele próprio havia fornecido ao Instituto a mesma inspiração para a discordância anteriormente citada, como membro do seu Conselho Deliberativo).

Feitas essas considerações, retornemos ao discurso do editorial para analisar a sua ambigüidade. O editorialista argumenta que a falha da FEB foi emprestar apoio ao evento e com isso envolver todo o movimento espírita que ela representa: *"a FEB, ao dar apoio integral ao evento, não levou em*

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

conta que a sua atitude não dizia respeito somente a ela, como instituição, mas a todos aqueles Estados que ela diz representar, e que, assim agindo, submeteu todos ao juízo do Movimento Espírita, como se todos fossem concordes com o modelo de unificação então praticado pela USE, já sob a chancela da FEB e, em maior dissonância, do CEI". Assim, o comportamento da FEB é tomado como prejudicial ao movimento, reconhecendo-se, portanto, que ela o representa como instância maior. Desta maneira, e por extensão, é de se crer que a FEB seja a representante legítima do movimento em qualquer cometimento e não apenas neste fato isolado.

O ambíguo é exatamente isso: por que o Encoesp se apresenta como a razão de uma condenação e não outros tantos acontecimentos, capitaneados pela FEB, realizados sob sua inspiração ou coordenação direta? Neste caso, a ideologia dos *Quatro Evangelhos*, de Roustaing, assumida publicamente pela FEB, por coerência, deveria despertar o mesmo questionamento uma vez que ao adotar aquela ideologia a instituição o insere no espaço do CFN, onde estão todas as demais instituições federativas aceitas. O questionamento só não teria sentido se as federativas, entre elas a própria paranaense, estivessem de acordo com aquela ideologia, assumindo-a como sendo oficial do movimento como um todo. Não é o que ocorre, sabidamente, mesmo no espaço da Federação do Paraná ou até mesmo na Federação do Rio Grande do Sul, à qual a instituição paranaense se alinha no particular do Encoesp.

A ambigüidade, por outro lado, oportuniza a constatação do dilema da submissão do CFN à FEB. De um ponto de vista legal, o CFN não é uma entidade jurídica e sua identidade está de direito e de fato submetida à identidade maior da FEB. Os termos jurídicos permitem à FEB agir com liberdade e autonomia, a seu talante, em qualquer ocasião. Quando ela é apontada como legitimadora do CFN - no caso específico do Encoesp ou em outro- ela o é por todos os fatos e não apenas por uma circunstância ocasional. Mesmo quando se consensa eventualmente no espaço do CFN que este possui liberdade agir, este consenso não se expressa de fato e sequer se conhece qualquer documento em que este direito esteja explicitado de modo a igualar a FEB às demais federativas. O título auto-assumido de Casa Mãe do Espiritismo brasileiro até aqui incontestado não simboliza simplesmente um fator histórico - o de que a FEB foi a inspiradora de grande parte das federativas existentes e representa a mais antiga instituição espírita no país - mas é aceito no sentido piramidal da estrutura do movimento: ela se coloca no vértice mais alto e é assim aceita. A sua legitimidade, portanto, não é apenas jurídica mas resultante do consenso implícito ou explícito que se materializa na prática.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

Assim, a acusação do editorialista surge mais por conta do dilema - e, neste caso, a acusação deve ser vista como questionamento da estrutura de poder. E parte do seu interior, embora esteja sendo feito fora do espaço do CFN. Mas também aí estimulante e altamente elogiável porque implica a todos os espíritas, legitimando a sua participação no debate por si mesmo salutar.

O outro aspecto dessa nossa análise fica por conta da interpretação dada aos textos em epígrafe. Há neles dois pontos que merecem estudo: o que refere à “*preservação dos valores da doutrina espírita*” e o que aponta para a “*fragmentação*” que vai resultar do atendimento aos interesses localizados. O discurso utiliza as citações segundo um método bastante difundido nos meios espíritas, qual seja o de validar interpretações. No caso em foco, a psicografia divaldiana é inserida para reforçar o fato de que ações como a do Encoesp, que trazem em seu bojo o suposto perigo do laicismo cepeano (este tido como uma espécie de demônio a ser combatido) são a confissão explícita da não preservação dos valores doutrinários e permitem a fragmentação do conteúdo filosófico do Espiritismo. Em razão disso, o comportamento da FEB merece reprovação veemente.

A questão, contudo, assume outros contornos quando se analisa os excertos psicografados sob o ângulo da sua validade objetiva. Aí se verifica que não sobra sustentação ao editorialista, uma vez que a interpretação é forçada na direção do atendimento àquilo que ele entende por preservação dos valores e por fragmentação doutrinária. A rigor, esses valores e esta fragmentação não estão em jogo e são meros instrumentos formais que o autor buscou para alcançar certas metas. Mesmo quando se permite pensar a preservação dos valores a partir do contexto em que a doutrina é praticada, também aí a questão fica submetida ao entendimento pessoal do autor, uma vez que aquilo que ele aponta como valor não está explícito senão em sua mente, o que, em suma, não significa o mesmo para outros indivíduos. Tanto mais difícil ficaria pensar em preservação e meios de evitar a fragmentação se deslocarmos nosso foco para os textos considerados kardecistas, os quais se encontram nas obras assinadas pelo Codificador, porque a relação interacionista entre desiguais - CEPA, FEB, USE, Aliança etc. - não é nem suficiente nem bom argumento para justificá-las. Vamos além: é absolutamente impossível pensar nas práticas sem considerar os desiguais, uma vez que as práticas não têm absoluta condição de preservação de valores originais porque são recriadas a partir da cultura de cada indivíduo ou grupo. Historicamente, este fato é muito visível.

Espiritismo: O pensamento atual da CEPA

A idéia, portanto, que nos parece prevalecente é a do poder que está em jogo, mas pode-se também pensar em ações coordenadas para impedir que determinados grupos sejam aceitos a partir de preconceitos existentes na parcela reclamante. Sabe-se claramente que o preconceito tem sua própria ética. Mas isso é outra questão.

Artigo publicado no jornal OPINIÃO, de julho/2001



CONSELHO EXECUTIVO DA CEPA – 2000/2004

Presidente: Milton R. Medran Moreira – Porto Alegre – Brasil
1º Vice-Presidente: Dante López – Rafaela – Argentina
2º Vice-Presidente: Ademar Arthur Chioro dos Reis – Santos – Brasil
3ª Vice-Presidente: Carmen Ana O’Neill – San Juan – Porto Rico
Secr. Administrativo: Salomão Jacob Benchaya – Porto Alegre – Brasil
1ª Secretária: Tereza de V. Álvarez – Caracas – Venezuela
2º Secretário: Mauro de Mesquita Spínola – S.Paulo – Brasil
Secr. Finanças: Tereza Samá Landart de Mayo - Porto Alegre – Brasil
Secr. Assuntos Legais: Saulo de Meira Albach – Curitiba - Brasil
Assessor para assuntos internacionais: Jon Aizpurua – Caracas – Venezuela
Assessor da Presidência: Maurice Herbert Jones – Porto Alegre – Brasil



CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA PAN-AMERICANA

Rua Botafogo, 678 – CEP 90150-050

PORTO ALEGRE – RGS – BRASIL

Fone/fax: (51) 3231 6295

E-mail: cepanamerica@via-rs.net ou medran@via-rs.net

Site: www.cepanet.org

AMÉRICA ESPÍRITA

Boletim encartado no Jornal OPINIÃO, publicado mensalmente
pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre – CCEPA.

Artigos doutrinários e notícias sobre a CEPA

Pedidos de assinatura para o endereço acima.

